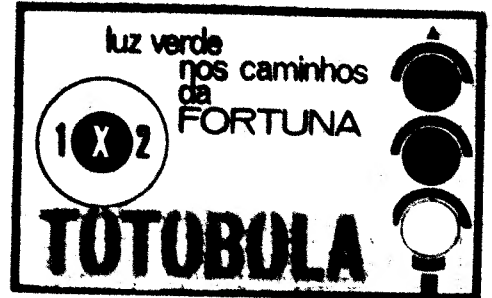


Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
TERÇA-FEIRA, 22 DE ABRIL DE 1968 N.º 16 845 ANO 48.º UM ESCUDO



APÓS OS BOMBARDEAMENTOS NO CANAL DE SUEZ

Novo ataque de "comandos" egípcios

CAIRO, 22 — (F. P.) — «Uma unidade de «comandos» egípcios efectuou, a noite passada, uma missão de reconhecimento na margem oriental do Canal de Suez, tendo

destruído posições inimigas situadas bem atrás das suas linhas de defesa» — anunciou Rádio Cairo citando um informador militar egípcio.

A unidade egípcia travou combate com uma patrulha inimiga que registou cinco baixas. Todos os membros da patrulha egípcia regressaram à sua base. Dois ficaram feridos.

TRAVESSIA A NADO

Entretanto, o jornal «Al-Ahram» escreve hoje que os «comandos» das Forças Armadas egípcias, que atravessaram o Canal de Suez, no sábado e no domingo, pertencem às unidades de homens-rãs, aos pára-que-distas e às tropas de choque.

Estes «comandos» utilizaram embarcações especiais ou fizeram a travessia a nado, acrescenta o jornal. O facto de um «comando» ter ocupado durante horas uma posição israelita, considerada como a melhor fortificação, mostra que as forças israelitas, surpreendidas pelos «comandos», foram incapazes de reagir — diz ainda «Al-Ahram».

AGRESSÃO

Por seu lado, o jornal «Al-Gomhouria» afirma que as fortificações construídas pelos israelitas no Sinai constituem uma agressão contra a R. A. U. e as Forças egípcias, bombardeando-as, limitaram-se a usar do direito de legítima defesa.

O diário acrescenta que a R. A. U. não pode tolerar tais fortificações, que permitem às Forças israelitas



Demonstração de força no Mar do Japão

TOQUIO, 22. — (F. P.) — O couraçado «New Jersey» juntar-se-á provavelmente aos navios da esquadra norte-americana que cruzam ao largo da Coreia do Norte, para protegerem os voos de reconhecimento.

Segundo os especialistas japoneses, três ou quatro porta-aviões, entre os quais

o «enterprise», três cruzadores e uma dezena de contratorpedeiros participam na «demonstração de força» norte-americana no Mar do Japão.

OUTRO «PUEBLO» EM OPERAÇÕES

SASEBO (Japão), 22.—(A. N. I.) — O navio de informações da marinha de guerra dos Estados Unidos «Banner», de 906 toneladas, largou hoje de Sasebo, aparentemente com rumo ao Mar do Japão, onde uma força naval de combate norte-americana está a operar — anuncia a agência noticiosa japonesa Kyodo.

O «Banner» tem uma guarnição de 80 homens e é do mesmo tipo do «Pueblo», que foi apreendido pelos comunistas norte-coreanos em Jangmobiou-IV shrdi shrdi ad negro de 1968.

Civis armados guardam uma trincheira numa rua da cidade egípcia de Ismailia, na zona do Canal de Suez, onde, nos dias de artilharia se sucedem agora os «raides» de «comandos» egípcios, contra as posições israelitas. A travessia do canal por forças da R. A. U. constitui um aspecto na sequência de incidentes israelo-árabes desde que Israel ocupou a península do Sinai, durante a «guerra dos seis dias», em Junho de 1967.

DOSSIER ALGARVE

Começamos hoje a publicar (pág. 11) uma série de reportagens efectuadas no Algarve pelo nosso colaborador João Silva Roque.

HOJE 28 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA



Filhos da M. P., da escola de equitação, quando desfiliavam, esta manhã, perante o monumento a Pedro Álvares Cabral

Flores no monumento a Álvares Cabral para assinalar o «Dia da Comunidade Luso-Brasileira»

Foi hoje celebrado com diversas cerimónias o «Dia da Comunidade Luso-Brasileira».

A primeira cerimónia, organizada pela Mocidade Portuguesa Masculina e Feminina, efectuou-se às 10 horas, junto ao monumento a Pedro Álvares Cabral. Ali se concentraram representações das duas organizações paramilitares juve-

nis, para uma cerimónia presidida pelo subsecretário de Estado da Juventude e Desporto, comissário e comissária nacionais das duas organizações e com a assistência do ministro conselheiro da Embaixada do Brasil.

O grupo coral do Liceu

(Continua na página seguinte)

(Continua na 15.ª página)

Vamos escolher a princesa das «Teen-Agers» portuguesas

(LER REGULAMENTO NA ÚLTIMA PÁGINA)

DE ONTEM PARA HOJE

A «PAX LUSITANA»

A velha ideia imperial romana, com o Mediterrâneo transferido em lago caseiro e a paz a reinar no mundo, como se acostumou no começo de um dos Evangelhos, havia de ressurgir no final do primeiro quartel de século. Sómente o novo César romano não tinha a garra imperial, nem o sobriedade os tempos eram os mesmos nem tão pouco as gentes. Essa «pax romana» foi o fim e o modelo de todos os agregados nacionais. Continua a sê-lo para quantos ambicionam uma estabilidade e, entre outras comunidades, a comunidade portuguesa espalhada pelos quatro mares já que depois de Gama, a raça humana começou a viver sob o mesmo teto, como o disse Tennyson e o lembrou ontem o almirante Barreto Rodrigues, ao proferir a conferência inaugural da 41.ª Semana do Ultramar, na Sociedade de Geografia. Presidiu o sr. Presidente da República e assistiram muitas personalidades em destaque na política e nos meios ultramarinos. Tema da conferência — «Portugal e o Ocidente». Discorreu o antigo ministro do Ultramar e governador-geral de Moçambique: «A nossa tarefa de hoje, como de sempre, consistirá em empregar, sem reservas, os principais recursos da Nação nas suas parcelas mais carecidas de defesa e de progresso. Nas mais novas, nas mais promotoras, nas mais pujantes de vida e de aspirações. E desde há séculos que essa exigência se tem localizado nas novas terras e novas gentes portuguesas de além-mar. Por isso mesmo, as grandes linhas da política de vida nacional não se alteraram. Os desvios dessa orientação é que ficaram sempre tristemente aplainados na história da nossa vida. As épocas em que se descuraram os ideais ultramarinos, em que empalideceram a nossa determinação de lutar e de viver, trocadas por tentações de confortável abdicação; ou em que prevaleceram as influências intercomerciais que levaram a concentrar as melhores energias nacionais em problemas de conforto e de riqueza e ferra das zonas de expansão e de grandezas futura da Nação, acabaram por ser tempos de desgraça e de entregação. Para todos. Tempos de vergonha. Pelo contrário, os grandes períodos de progresso, para não dizer de glória, coincidem sempre com a atribuição da primazia ao empenhamento de energias nacionais às tarefas ultramarinas. Nunca, nos anos de ascensão, prevaleceu a primazia da continental europeia. As preocupações dominantes, e consequentes, emergiam a empregar, tinham de estar no Ultramar.» E a findar disse: «... não podemos estar subordinados nem ao poderio económico nem ao formulário ideológico, a cada instante variável, das chamadas potências ocidentais. Alcançamos uma «Pax Lusitana» que temos e cada momento de defender, sobretudo das fraquezas internas.»

«CIDADE DE AVEIRO»

O arraial «Cidade de Aveiro» decorreu na Galinha em 8 de Março. Prepararam-se entretanto os trabalhos para o pôr de novo a flu-

tuar. Findos esses trabalhos, a elegante e moderna embarcação baculhoelra voltou ontem a balançar-se na água,

embora ainda, de todos os lados, ela tenha um desvio de 15 graus. Mas não são trabalhos que em breve estarão finidos.

«ANGUSTIA E ESPERANÇA DO HOMEM MODERNO»

No auditório do Colégio do Sagrado Coração de Maria, proferiu, ontem, à noite, uma conferência o bispo de Carmona, D. Francisco da Mata Mourisca. Veio propositadamente a Lisboa para uma série de conferências, de que a de ontem foi a primeira. Tema da palestra de ontem: «Angústia e Esperança do Homem Moderno».

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu em audiência, na sua residência, o sr. brigadeiro Fernando de Oliveira, ministro das Comunicações; general Julio Pereira, comandante da 1.ª Região Militar (Porto); eng. Soares Carneiro, director-geral de Minas e Serviços Geológicos; dr. José Herédia da Federação Portuguesa de Ténis; e eng. Carlos Soares de Oliveira de Chaby; os componentes da direcção do Clube Português de Canicultura; e uma representação de cerca de meia centena de povelos.

O PRESIDENTE DO CONSELHO EM LISBOA:

«OITO DIAS DE VIAGEM DE TRABALHO E EMOÇÕES»

O Chefe do Governo pronunciou ontem, à sua chegada a Lisboa, a seguinte allocução transmitida directamente pela R. T. P., E. N. e estações de rádio particulares:

«O acolhimento que o Chefe do Governo teve nesta breve deslocação de uma semana a terras da África Portuguesa caracterizou-se pela espontaneidade e autenticidade das manifestações populares. Manifestações assim, em que as saudações vão de coração a coração, não se preparam, não se organizam, não se comandam; acontecem, e só acontecem quando exprimem sentimentos reais e sinceros.

O sentimento dominante, aquele que fez deslocar multidões, vibrar as vozes e espalhar no ambiente um clarão de alegria expremo nos sorrisos, nos acenos e tantas vezes também nas lágrimas de comoção, era o amor à Pátria, era a fidelidade a Portugal uno e indivisível.

Gente de todas as cores, de todas as etnias, de todas as religiões, nascidos na terra uns, vindos de longínquas paragens do Norte ou do Oriente outros, todos se confundiam no grito imenso e caloroso de aclamação a Portugal!

No meio desta multidão o Presidente do Conselho andou sempre escollido: foram os rapazes e as raparigas que rodeavam o automóvel gritando vivas, os moços motociclistas que fizeram cortejo na Beira e os pára-quedistas que o acolheram no aeroporto, os estudantes universitários que vieram de Sá de Bandeira a Nova Lisboa, os estudantes com os archotes em Lourenço Marques, as crianças que mal eu punha os pés no chão me cercavam para me beijar, as raparigas encantadoras da Mocidade Portuguesa Feminina em Luanda, as centenas de nativos e nativas que num ápice se reuniram à minha volta quando de surpresa me apeli para visitar a Sá de Blasau, e sempre o povo, o povo em massa compacta, o povo entusiasmado, o povo de-

mirante, o povo que me cercava, empolgava, tocava, abraçava, beijava aclamando Portugal!

Nenhum governante no Mundo inteiro pode, estou certo disso, deslocar-se com uma escolta assim: a escolta seguríssima de uma multidão de pretos, brancos, mestiços, amarelos... unidos no mesmo propósito de manter portuguesa a terra onde vivem e que querem conservar progressiva e em paz.

E quando, na Beira, ao inaugurar a nova sede do Centro Africano de Manica e Sofala, no meio de milhares de associados, alguém entoou, no recinto onde o Presidente do Conselho se encontrava, o hino nacional, o coro que, de repente, foi formado por nós todos, ergueu aos céus da África, para ser ouvido no Mundo, a mais bela versão de «A Portuguesa» que jamais se cantou! O mesmo hino que vinte e quatro horas depois, em Nova Lisboa, outra multidão igualmente variada, reunida em frente do Palácio do Governo do Distrito de Huambo, cantaria a plenos pulmões, à luz dos archotes que iluminavam, de um lado, a estátua poderosa de Norton de Matos e, do outro, a varanda onde se encontrava um homem que fora seu adversário político mas que estava unido à sua memória pelo comum designio de honrar e engrandecer a Pátria.

Foram oito dias de viagem, de trabalho e emoções. Mas não de fadiga. Não venho fatigado; venho com a alma em festa, venho mais animado do que nunca, venho, se é possível, mais português do que parti, venho com a certeza de que vale a pena sofrer, de que vale a pena lutar, de que vale a pena insistir ao serviço desse povo admirável, do qual se destacava a cada momento uma juventude generosa em busca do seu futuro.

Eles, os portugueses de Além-Mar, querem continuar a ser portugueses! E não vacilemos na decisão: ADIANTE! Sigamos intrépidamente — para a frente!»



As diversas comissões, em estreita colaboração com a Comissão Central, trabalham activamente, em meio de grande entusiasmo, para o êxito das Festas da «Quintana das Flores» em Coimbra, que têm larga projecção além-fronteiras. Uma das comissões, a de livro-ordenado, com importantes tarefas a seu cargo, é constituída pelos estudantes (da esquerda para a direita): Vasco Augusto Cunha Baptista (Ciências), Rui Gonçalo Martins da Silva Santos (Direito), Fernando José Lopes dos Santos (Medicina), Aida Maria Moura Maia (Letras) e Balthazar Amélia Pinto Nunes (Farmácia).

Marcello Caetano levantou-se cedo mas passou a manhã na residência

Regressado da sua viagem de uma semana a Guiné, Angola e Moçambique, o Chefe do Governo passou a manhã de hoje na residência particular da Rua Duarte Lobo, a Alvalade.

— Sempre que o sr. Presidente sai de manhã — esclareceu um agente da P.I.D.E. ali em serviço —, manda vir o carro. Como este não veio até agora...

Passava das 11 horas. Uma segunda e última pergunta («o Chefe do Governo está a descansar?») obteve esta resposta:

— Nada disso. O sr. Presidente levantou-se

mesmo muito cedo.

Na Presidência do Conselho, onde pouco depois ainda não havia chegado qualquer dos secretários do prof. Marcello Caetano, entrámos em contacto com o seu chefe de gabinete, que nos disse:

— O sr. Presidente não vem de facto esta manhã. Cuido também que não virá à tarde.

Tudo leva a crer, portanto, que o prof. Marcello Caetano resolveu aproveitar o dia de hoje para as primeiras 24 horas de descanso após uma semana de «viagem, trabalho e emoções.»

DIA DA COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA

(Continuação da pág. anterior)

Padre António Vieira entoou o hino brasileiro, a iniciar a cerimónia, tendo sido, depois, colocadas flores na base do monumento, e os emblemas, também de flores, da M. P. e da M. P. F.

Seguiu-se a declamação do poema «Brasil», de Eugénio Ribeiro Rosa, pelos «Jograis do Liceu Gil Vicente»; depois deste, voltou, de novo, o grupo coral do Liceu Padre António Vieira, para cantar «A Portuguesa».

No final, um esquadrão

da M. P., a cavalo, deu uma volta ao monumento. A cerimónia terminou exactamente às 10 e 20, com a campainha do Liceu Pedro Nunes a tocar para o intervalo, e as crianças do Jardim Escola João de Deus a recolherem, nos seus bibos de gala.

O dr. José Saraiva e o embaixador do Brasil no Palácio da Independência

Pelas 18 horas, no Palácio da Independência, sob a presidência do ministro da Educação Nacional, e

com a presença do embaixador do Brasil e outras autoridades, realizou-se uma sessão cultural, que começou com algumas palavras pelo comissário nacional, sr. tenente-coronel Gomes Bessa, seguindo-se uma conferência do sr. dr. Ruben Andresen Leitão, sobre «A actualidade da Cultura Luso-Brasileira».

Depois, o ministro da Educação Nacional entregará à Mocidade Portuguesa e à Mocidade Portuguesa Feminina, uma reprodução de um quadro de Grão Vasco.

Em seguida ser inaugurada a exposição de trabalhos escolares de estudantes portugueses e brasileiros, subordinados ao tema «Portugal e Brasil», e a sessão será encerrada com poesia e música dos dois países, com interpretação

ao piano pela brasileira Zuleika Barbosa e pelo português Adriano Jordão, e ao violão pela brasileira Maria Livia São Marcos. As poesias serão ditas por grupos de estudantes brasileiros da Universidade de Lisboa, e portugueses do Liceu de Gil Vicente, da Escola Ferreira Borges, universitários e do Liceu Ramalho D. Leonor.

Simultaneamente, também hoje, em diversas escolas técnicas do País e Liceus foram organizadas sessões dedicadas à «Comunidade Luso-Brasileira», com audições de música brasileira e sessões de leitura de autores dos dois países.

Designadamente, as sessões foram organizadas na Escola Industrial e Comercial de Viseu e, em Lisboa, nas Escola Técnica Elementar Nuno Gonçalves, Escolas Preparatórias Manuel da Maia e Paula Vicente, Liceu D. Filipe de Lencastre e na Escola Preparatória de Alexandre de Sá Pinto.

Estas sessões foram or-

ganizadas por determinação do titular da pasta da Educação Nacional.

Escola Preparatória «Pedro de Santarém»

O dia de hoje, «Dia da Comunidade Luso-Brasileira», foi assinalado na Escola Preparatória «Pedro de Santarém», nomeadamente nas aulas de Língua Portuguesa e História e Geografia de Portugal dedicadas à exaltação do valor da fraternidade luso-brasileira.

O director daquela Escola informa-nos ainda que este tema foi centro de interesse de todas as actividades escolares e circuncionadas no decurso do segundo período e terminará no fim deste mês.

PAQUETES

Precisem-se para vozes e pequenos serviços de escritório com idade entre os 14 e os 17 anos. Telefone 365608.

Em ALMADA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Amadeu & Veríssimo, Praça da Restauração, 12.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

Actualidade e permanência do luso-brasilismo

Por Maria de Lourdes Belchior

Apeteceu-me plagiar Nuno Simões e encabeçar estas linhas como título «Actualidade e permanência do luso-brasilismo».

Entretanto, quase abruptamente, tive consciência de que a imagem da comunidade luso-brasileira dos Nuno Simões, dos João de Barros, dos Jaime Cortesão, dos Hernâni Cidade e outros talvez não corresponda à imagem que desta comunidade têm outras gerações.

Por comunidade entende-se, segundo a definição dicionarística, a qualidade daquilo que é comum, ou ainda a «agregação de indivíduos que têm a mesma crença ou a mesma norma de vida». O que é comum na comunidade luso-brasileira é a língua e a tradição. O português do Brasil e o português de Portugal, apesar das variantes que os caracterizam, são uma mesma língua. Não é por cá se dizer *adeus* e lá *esparadrapo* nem por cá se dizer *o mais novo* e lá *o caçula* ou por cá se dizer *homónimo* e lá *zará* que a unidade da língua se fragmenta. António Honales em sugestões para uma política da língua foi inequívoco, ao concluir um inquérito sobre «a língua brasileira»: a língua falada no Brasil é essencialmente a língua portuguesa. Os inquiridos — Celso Cunha, Serafim da Silva Neto e Silvio Elia — foram, com carácter de unanimismo, categóricos na mesma conclusão. Não é que eu tenha a superstição das autoridades, mas sempre dá gosto e conforto verificar que os nossos pontos de vista e a nossa experiência são confirmados pelos sábios. A experiência demonstrou-me que de norte ao sul do Brasil, de Manaus e S. Luís do Maranhão a Porto Alegre e Curitiba, em todo o lugar, o meu ouvido português escutava falares portugueses, saborosos e melódicos, que não me causavam embaraços ao entendimento. As vezes acontecia que a palavra corrente, diferente da de Portugal, para certo objecto, a ouvia igual à de cá, como regionalismo. É o caso, por exemplo, de *rebuçado*, que ouvi no Recife, e que no Rio se diz *bala*. O carioca a quem, um dia, pedi: «rebuçados de mentes» traduziu: quer então «bala de mentes». Mas para o pernambucano era desnecessária a tradução...

Uma comunidade de língua, uma língua comum que possibilita e veicula duas literaturas que possuem um denominador comum instrumental: a língua portuguesa. Esta língua portuguesa encontra-se do lado de lá do Atlântico, enriquecida, viva, como organismo vivo que é, desenvolve-se e progride. Há que admirar este seu crescimento, na pujança e na liberdade. Temos nós portugueses, uma vez por outra, reacções de defesa, considerando espúrias ou deformantes ou ousadas certas palavras ou construções usadas no Brasil. Ora o que acontece é que lá como cá, também, às vezes, se fala ou escreve mal. Posso, porém, garantir que se escreve tão bem no Brasil como em Portugal e que os donos da língua somos nós todos portugueses e brasileiros. Recordo a reacção solene de um português, apêgado ao vernáculo, que me confessava a sua repugnância pela colocação brasileira do pronome «me dá, me viu», etc. Quando lhe lembrei que os brasileiros guardavam a liberdade de colocação do pronome que nós preferimos perder, fixando-lhe, quase rigidamente o lugar, na frase, admitiu que tal liberdade não significava *ipso facto*, degenerescência da língua.

Escrevi: «O que é comum na comunidade luso-brasileira é a língua e a tradição.» Da língua nada mais direi, a não ser que compreendo os grandes escritores brasileiros que se recusam a permitir alterações nos seus textos, com vista a «sofisticar» a portuguesa-los...

A propósito da tradição ou seja do passado comum recordo a impressão que me causou ouvir, em 1964, na Rádio Ministério da Educação e Cultura uma voz que dogmáticamente declarava «o Brasil é um país sem passado». Só certo sectarismo podia justificar a asserção, pois que do ponto de vista da história o erro era grosseiro. Ainda que admitindo que o Brasil é o país do futuro — e é-o, sem dúvida — parecia inconcebível renegar o passado. Mas foi quase só uma voz efêmera e episódica. O passado do Brasil é também nosso em grande parte. Mas numa época «pré-frente», ou seja numa época em que o futuro atrai e quase perturba, é o tempo daquele prodigioso desenvolvimento material e intelectual que entusiasmos João de Barros, o tempo de agora e de amanhã que interessa integrar na comunidade luso-brasileira. O tempo de ontem, esse faz parte do património comum de tradições e costumes.

E a propósito em referência ao passado, não seria agora a altura oportuna de fazer uma revisão nos compêndios da História do Brasil? No «Correio da Manhã», há vinte anos, fez o brasileiro Costa Rego essa proposta que conviria retomar, não só nas perspectivas, em que o jornalista a situava, como em tudo quanto respeitasse a presença portuguesa no Brasil. Evitar-se-iam muitos preconceitos, muitas reticências, se sem edulcorar a verdade, esta, entretanto, se restabelecesse. Radicar-se-iam mais lisas e mais fundas as linhas de encontro e de construção da comunidade luso-brasileira. Enquanto se não tentar tudo para a confrontação, para o reconhecimento mútuo, a comunidade luso-brasileira arrisca-se a ser uma palavra vã. Poderá acontecer que nos iludamos e restrinjamos as fecundas dimensões dessa comunidade.

Segundo Nuno Simões o luso-brasilismo tem duas grandes fases. Sem ser pelo prazer de contestar o mestre, ousarei escrever que tem de ter três fases. A primeira é a que Graça Aranha assinala: «Portugal, vencendo a resistência da terra que não se entregava facilmente e num momento de indústria ainda mal aparelhada, realizou uma consciente obra de Estado. O País foi descoberto, varado, estudado, organizado por militares e funcionários. Uma nação política foi fundada. Os vestígios dessa organização são os alicerces do Estado brasileiro.»

Depois, segundo a síntese de Tristão de Atalide-Alceu Amoroso de Lima, a independência do Brasil «foi antes uma evolução que uma revolução». E então, após a independência, quando esta se consolidava, começou a segunda fase, a da reaproximação com Portugal, que, entretanto, foi difícil e morosa. Nesta fase se há-de integrar, nos tempos já próximos de nós, os admiráveis esforços de toda uma geração a que pertencem João de Barros, Nuno Simões, Jaime Cortesão e outros. Mas dir-se-ia que, entretanto, apesar de louváveis iniciativas e gestos que conviria recordar, quando se fez a história exaustiva da «construção» da comunidade luso-brasileira, esta se atenuou como consciência. As novas gerações de portugueses e brasileiros têm escassa noção e pálida imagem dos elementos e valores constitutivos de uma comunidade — a luso-brasileira — que só lúcida e empenhadamente se sentirão com-

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

REATAR IDEIAS

O RESUMO DE IMPRESSÕES que o dr. Marcello Caetano transmitiu ao nosso conhecimento logo após o seu regresso a Lisboa não contraria nem amplia a ideia que já fora possível formar-se da sua viagem, do estilo em que ela decorreu e dos resultados que nela fora possível reunir. Resultados esses, esclareça-se desde já, que foram para ele próprio e para a sua posição bastante positivos e se nos afiguram também como possivelmente favoráveis à desejada evolução do nosso problema africano.

O que há de fundamental a acentuar como traço característico nesta ida e volta a terras do Ultramar é o propósito do governante que procura estar presente, informar-se, ver como é, qual a «cor local» dos problemas que tem de delimitar, as coisas e as pessoas. Só isso, com efeito, pode permitir a presença de todos os elementos que deverão intervir numa decisão, em cada decisão das que sucessivamente houverem de ser tomadas quando está em curso um empenhamento histórico de tão grandes dimensões.

Essa dimensão é dada pela perspectiva do passado e do futuro sintetizada no presente com todas as interrogações e todos os sofrimentos inócuos ao esforço de muitas dezenas de milhares de jovens, interrompidos nas suas carreiras de vida para se darem ao cumprimento do dever a que foram chamados... «Juventude generosa em busca do seu futuro» lhe chamou o Chefe do Governo na sua breve declaração de ontem. Certamente. Não há juventude onde não houver generosidade. E essa é uma flor que bem merece cultivar-se no nosso tempo.

Resumindo o quadro desta semana de funda respiração africana, o prof. Marcello Caetano evocou a recepção que por toda a parte lhe fizeram, acentuando que manifestações como essas não se encontram nem organizam, mas «acontecem», como disse para sublinhar o traço da espontaneidade. «Nenhum governante do mundo» lhe pareceu que pudesse experimentar tão à vontade um tal desatogo de gente. Com o que isto possa conter de compreensivelmente emocional (de parte a parte) estamos em presença de um clima de que é possível extrair conclusões.

Nesse clima insere-se o que nos parece permanecer como propósito do dr. Marcello Caetano no sentido de fomentar convergências. A evocação que fez de Nova Lisboa, vendo-se diante da estátua de Norton de Matos, fundador da cidade, não é que possa simplesmente supor-se um «rodruquinho», um simples recurso literário, que num político da sua craveira e com a sua experiência haveria de considerar-se um deslize. Haverá, sim, que interpretá-la como o propósito de afirmar uma posição.

Desta política, que é o contrário ou se apresenta como o contrário da «torre de marfim», haverá, pois, que recolher as consequências possíveis, ao menos para se tentar a sua interpretação. É terreno perigoso, o das interpretações, onde sempre a ambição de objectividade corre o risco de ser em parte traída pelo impulso subjectivo. Mas não pode ser ignorada a insistência com que o Presidente Marcello Caetano vem a mostrar-nos a todos a complementaridade das ideias de progresso e de paz.

RECTÂNGULOS DA VIDA

QUANDO EU...

Aconteceu-nos uma catástrofe, uma desgraça, um simples contratempo. Qualquer dessas coisas. Há pessoas que aparecem, a outras encontram-se em casa de amigos comuns ou na rua, por acaso. Entre elas os «quando eu». Os «quando eu» são espantosos, nunca me canso de os admirar. Nós, modestamente, a queremos meter na nossa pequena história actual, o nosso problema do momento, grande ou insignificante, e eles logo a interromper-nos porque aquilo lhes faz lembrar uma coisa que lhes aconteceu há um, há dez, há vinte anos, mas que é, claro está, muito mais importante, até porque se passou com eles. «Quando eu...» Meu Deus, quando eles tiveram aquela

doença e estiveram a morrer, pensaram, sim, sim, mesmo nessa altura... E ali vêm os pensamentos, em fileiras compactas, marchando direito a nós, sem uma falha, sem uma hesitação. «Quando eu...» «Quando foram despedidos, ah, disseram ao patrão das

por MARIA JUDITE DE CARVALHO



boas, nunca ele ouviu coisas assim. E não teve resposta, pois o que havia de dizer?» E todas as palavras, tintim-por-tintim. Todas. «Quando eu...» Mas são sem fim os monólogos deste género. Os «Quando eu...» não querem ajudar a pessoa que está a ouvi-los (com que esforço). As coisas que dizem não são exemplares mas pessoais, não têm nada a ver com o problema actual daquele que os escuta. O «Quando eu» é um homem ou uma mulher contente consigo, egoísta, que há anos (um, dois, dez? Vinte?) recorda e rumina com prazer as palavras que proferiu um dia, os pensamentos que teve em dada altura. Está-se nas tintas para os outros, para aquele, ali, na sua frente, que o escuta por boa educação, mas que talvez nem o ouça porque tem na sua vida — hoje — uma catástrofe, uma desgraça ou um simples contratempo.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

HOTEL RIOMAR
CENTRO DE LACOS (5 minutos das praias)

Passe as suas férias no mais confortável Hotel de 2.ª classe do mundo. Preços acessíveis. Redução especial de 10% durante o mês de Abril. Todos os quartos com casa de banho e aquecimento central. Salas de convívio com ar condicionado. Marcação pelo telef. 490.

TAUROMAQUIA

Sevilha deu o bom exemplo

SEVILHA, Abril — Duas corridas das onze da Feira haviam decorrido quando, domingo, 13, estalou o petardo: a bomba, em Sevilha, da única plaza que vê, podia, los toros com ojos de aficionados, como disse Canibata na sua conferência do dia anterior. Estavam anunciados seis touros de Benítez Cubero, para Vitoriano Valencia, Curro Romero e Palomo Linares, mas surgiu a notícia da proibição do espectáculo, porque os touros apresentavam «desarrada falta de «bravura», pezo y edad aparentes — dizia o aviso que o governador civil ampliou com a declaração de que se trata de uma «falta de pureza da festa e que os apoiantes de Palomo Linares, ara Lozano, depois de recusados pela autoridade dos touros de Palmarés, igualmente insignificantes, se haviam oposto a que se lidassem outros maiores, de Guardiola e de Camacho. Mais declarou o governador, sr. Utrera Molina, que estava disposto a proibir, assim, todas as corridas e a não claudicar em oferecer a aflicção espectáculo impróprio para uma feira como a de Sevilha. E, pela primeira vez na história da Feira de Sevilha se ficou sem corrida de touros, e, para mais, num domingo.

Antes, na primeira das corridas anunciadas, a de sexta-feira, lidaram touros de Guardiola, bem apresentados e bravos, Alfredo Leal, um mexicano que sabe do ofício, Rafael de Paula, um espanhol de Jerez, e António Bares, outro em «rodagem», e o único interesse do espectáculo resultou na animada lida que a um touro de Pilar Herrera de Urquijo, com 503 quilos, deram os rojoneadores Parafita, bem Rafael e muito bem Angel, em profícuos de equitação e de combinação e entre ovações entusiásticas e volta à arena.

Na segunda corrida, a de sábado, haviam lidado touros, gordos, de Álvaro Domínguez ou «el león» Jaime Oros, com volta à arena. Paco Camacho, que cortou a primeira orelha, e «Limeño», muito aplaudido por sua arte fina.

A proibição da terceira corrida foi comentada com elogios dos aficionados e dos críticos ao governador, que assim deu o bom exemplo que se impunha, para proibi-ção da festa, que deve ser de touros e não de corridas, como desejam alguns dos que assim pretendem forçar toureiros caros.

Na segunda-feira lidaram seis bravos touros de Carlos Urquijo, mestre António Ordoñez, que cortou uma orelha, «Viti», que cortou outra, matando bem, sério, mas com a distância que no toureiro vai de Ronda a Vitigui-

razaou tão plenamente, bandejando e toureando, que cortou, também, uma orelha e foi amplamente aplaudido.

No dia 15, com um touro seu, rojoneou Fermín Bohorquez, e com seis de Gerardo Ortega, vimos Jaime Oros e Vitoriano Valencia e entusiasmando-nos com Manolo Cortés, que foi o triunfador da tarde, cortando duas orelhas, e, na do dia seguinte, três e saindo em ombros pela Porta Grande, com o apelo toureiro que o genial Martínez de León recordou numa lida da magnífica exposição que apresentou durante a Feira de Sevilha.

Aos touros de Carlos Nuñez, que foram bravos, cortaram, também, orelha Ordoñez e Camacho, este duas. Não foram os touros de D. Lisardo Sánchez, recentemente falecido, com os seus tão bravos do ano anterior, mas «Viti» e Angel Teruel, kuzirram-se, e a Palomo Linares apresentou o público a facul- tura da famosa suspensão, tão comentada e não esquecida.

O crítico do «Correo de Andalucía», o dr. Manuel Murga, que nasceu Delavega, comentou assim: «Há vezes na vida em que os excessivos cuidados dos dirigentes dum artista, e a propaganda mais ou menos desorbitada, prejudicam».

Na corrida de 18, lidaram touros de Bohorquez, António Ordoñez, Alfredo Leal e Curro Romero, tão profícuos dos sevilhanos como o Bares, o menino querido.

No dia 19, foi a corrida chamada dos remedos imitados pelos touros de António Pérez, substituídos três por dois de Camacho e um de Guardiola, e Júlio Aparício teve arte despendida.

Para inauguração de nova instalação eléctrica, deu-se uma nocturna, que foi um pesadelo, e em que rojoneou o conde de San Remy e lidaram touros que antes foram da Viúva de Concha y Sierra, Alfredo Paula, Andrés Hernandez e «Zurito», que cortou uma orelha.

Finalmente, no último dia, os touros que haviam de ser dos mais bravos da Feira, de Carlos Urquijo, para «Limeño», que cortou quatro orelhas e saiu em ombros pela Porta Grande, e para Hernandez e Rojas, Republicanos com o novo Axito de «Limeño», que já no ano passado triunfou com os Miura que outros não querem.

Cento e vinte anos conta a Feira de Sevilha, e como Enrique Vila disse pela Rádio, há cerca de sessenta que assistimos às suas corridas de touros. Sempre as primeiras figuras de cada época mataram a corrida de Miura, na Feira de Sevilha e em todas as de Espanha. Agora, porém, as chamadas primei-

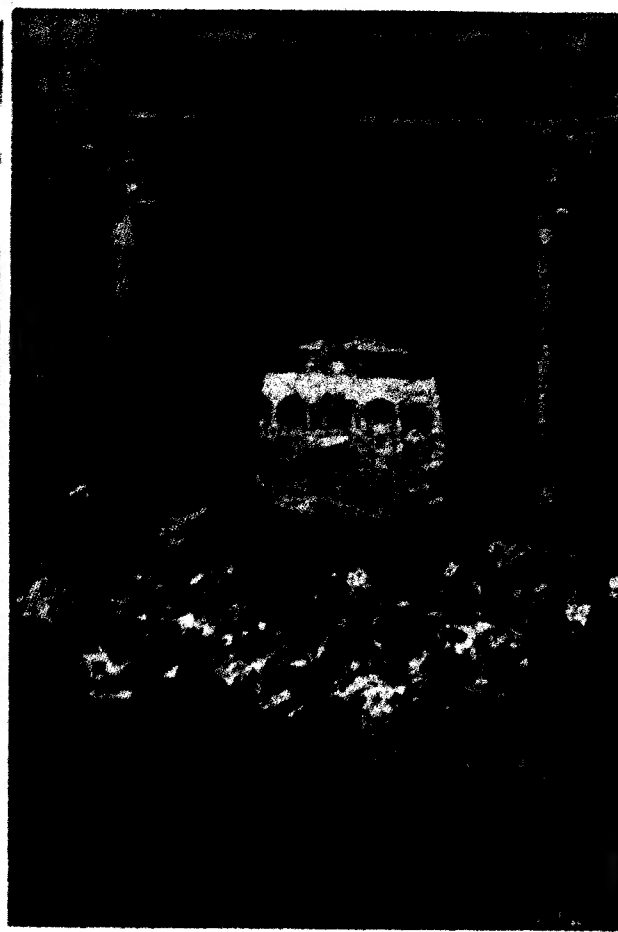
ras figuras não querem os Miura, que haviam de ser os mais bravos da Feira, um com volta no arrasto. Entre tantas coisas feitas de hoje, é esta das que mais nos impressiona, pelo que representa de irresponsabilidade. «Limeño» matou os Miura triunfalmente e brindou ao governador, sr. Utrera Molina pelo bom exemplo que deu.

Para honra dos nossos, nunca estes se recusaram a matar os Miura, e, ultimamente, José Júlio, que cortou a orelha de um e foi colhido por outro, houve de voltar a fazê-lo dois anos depois. José Falcão estava disposto a matar os Miura nesta Feira, mas o empresário, e nosso bom amigo, Canorea, respondeu, a uma nossa sugestão, que, apesar da sua boa vontade, no cartaz já não cabiam mais toureiros.

Já a uma Feira de Sevilha faltámos porque no cartaz das corridas não figurava um único português, e então si, que tínhamos vários em activo. A Feira de Sevilha deste ano faltou-nos valor para dela nos apartarmos, não seja que Deus queira que outra não nos reste, que esta seja a última.

«Tanto lo consume en tiempo con la muerte lo se acaba».

Desta Feira com eol e en- chentes regressámos já tão velhos que em algumas confusões teríamos incorrido neste relato, pelo que damos o número exacto das orelhas cortadas, que em Sevilha têm mérito as orelhas Assim,



«EN OMBROS POR LA PUERTA GRANDE»
(Quadro da Exposição de Martínez de León)

cortou o triunfante Cortés 5 orelhas em duas tardes; o fino «Limeño», 4 numa; Camacho, o sábio de Camas, 4 em três tardes; mestre Ordoñez, 3 em três tardes; «Viti», 2 em três tardes; Teruel, Oros, Bares, Zurito, Rojas e Angel Peraká, uma cada um.

E lá deixámos os sevilhanos com o problema do projecto de desvio do rio Gua-

dalquivir, tão de Sevilha, já com tantos «monstros» no Bairro dos Remedios, que até parece um bairro de Madrid. E tão altas construções implicam o desaparecimento daquela areia de Alcalá, que alegrava a Maestranza, mas que, dizem, é boa para fazer o cimento necessário aos «arranha-céus»...

«El T. PÉREZ»

COMUNICADO
DAS FORÇAS
ARMADAS
EM ANGOLA

LUANDA, 22 — (L.) — O gabinete militar do comando chefe das Forças Armadas em Angola distribuiu o seguinte comunicado especial:

«No dia 19, terroristas, que vários indícios levam a crer que sejam do chamado M. P. L. A., desapareceram carnis de linha do Caminho de Ferro de Benguela, entre Salento e Chicala, no distrito de Moçico, provocando o desarrastamento de uma composição. Em resultado do criminoso acto, verificou-se a morte de seis pessoas e ferimentos graves em duas, além de importantes danos no material circulante e na linha.

Já foram iniciados os trabalhos de desobstrução e reconstrução da via, que, no entanto, se prevêem demorados, pelo que o tráfego nacional se está a fazer por transbordo com as dificuldades a que tal sistema obriga. O tráfego internacional, dado o seu volume, terá, possivelmente, de ser interrompido por um período que, de momento, se considera imprevisível.

Comunicado do S. I. P.

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate, na província da Guiné, o soldado n.º 008163368, José Manuel Ribeiro, natural de Feijueiras e filho da sr.ª D. Alice Ribeiro; e, na de Angola, o segundo-sargento miliciano António Paulo Cunha Santos, filho do sr. José Santos Morgado e da sr.ª D. Isabel de Afeição Paulo Cunha; e o soldado n.º 00417068, Guilherme Maurício Henriques Neves, natural de Góis, filho do sr. José Lourenço das Neves e da sr.ª D. Rosa de Jesus.

O mesmo S. I. P. comunica o falecimento do alferes miliciano Manuel Maria Pires, que estava internado no Hospital Militar Principal por ferimentos recebidos em combate na província da Guiné, de onde fora evacuado. Era natural da freguesia de S. Salvador, do concelho de Mirandela, e completara há poucos dias 23 anos. Pertencente à arma de Infantaria, embarcava para o Ultramar em 1 de Maio do ano passado, após haver concluído o curso de oficiais milicianos, tendo como unidade mobilizadora o Batalhão de Caçadores n.º 10. O jovem oficial era filho do sr. Candido Manuel Pires e da sr.ª D. Juliá Natividade de Lemos Pires.

Militares falecidos

BISSAU, 22 — (L.) — Em consequência de desastre faleceu na Guiné o soldado Adelino de Jesus Salgueiro, natural de Abrantes, filho de José Dias Salgueiro e de Laurinda de Jesus.

LUANDA, 22 — (L.) — Faleceram em Angola os seguintes militares: vítima de desastre, o soldado Albano Figueira Machado, natural de Vila Pouca de Aguiar, filho de Virgílio Jesus Machado e de Teresa de Jesus Machado; e por doença, o soldado Pedro José Gaspar, natural do Cacuso, filho de Jorge Gaspar e de Isabel Domingos; e o primeiro-cabo miliciano Mário Vieira Monteiro.

LOURENÇO MARQUES, 22 — (L.) — Faleceu em Moçambique, vítima de doença, o soldado n.º 04385367, Domingos Gomes Albano.

Artes plásticas

António Areal
na Galeria Quadrante

Na Galeria Quadrante, 4 Avenida Luís D'Alva, 85-C é inaugurada, amanhã, uma exposição do pintor António Areal.

Abre a exposição às 18 horas.

Raquel Roque Gamello
volta a expor na S. N. B. A.

É um nome grande na arte portuguesa, sobretudo na

CURSO DE EXTENSÃO
UNIVERSITÁRIA
NO I. S. C. S. P. U.

Na Aula Magna do I. S. C. S. P. U., o sr. prof. dr. Luís de Matos profere, esta tarde, mais uma conferência integrada no «Curso de Extensão Universitária sobre a História do Presente — 1945/1968». A conferência subordina-se ao tema: «Evolução jurídica da soberania dos Estados».

Ontem, o sr. prof. dr. Luís de Matos falou sobre «Política das Relações Culturais Internacionais».

arte da aquarela e na ilustração, o de Raquel Roque Gamello. Herdeira de nome alto, tem-no sabido honrar através de uma obra sólida e valiosa.

Raquel Roque Gamello volta a expor em Lisboa, na sala onde tantas vezes expôs anteriormente. É esta sala da S. N. B. A. que vai acolher a retrospectiva da artista, numa exposição de 77 quadros que mostram perfeitamente uma vida consagrada a fixar o carácter e os costumes do povo português e a beleza das nossas paisagens.

A completar a exposição, uma série de ilustrações feitas por Raquel Roque Gamello para grande número de contos e romances de grandes nomes da literatura portuguesa. Ainda, na exposição, quadros da artista pertencentes ao Museu Nacional de Arte Contemporânea e para o efeito cedidos pelo Ministério da Educação Nacional. Homenageando, assim, o grande artista Raquel Gamello, se expõe o retrato que ele fez de Raquel Roque Gamello.

A inauguração, que se efectua no dia 24, ao meio-dia, assiste o sr. Presidente da República.

Vai realizar-se
na Costa do Sol
O XII Salão da Primavera

Abrirá, no próximo mês, na Junta de Turismo da Costa do Sol, o XII Salão de Primavera, ao qual podem concorrer trabalhos de aquarela, cerâmica, desenho, escultura, gravura, guacho, pastel, óleo, tempera, tapeçaria e vitral.

Serão atribuídos os seguintes prémios: medalha de prata e bronze, galardoando os melhores trabalhos apresentados em cada modalidade; dois prémios pecuniários, no valor de dois mil e destinados a distinguir os dois melhores trabalhos presentes nos salões, podendo ser feita a sua escolha em qualquer das modalidades.

Todas as informações podem ser solicitadas à Junta de Turismo da Costa do Sol (Arcadas do Estoril).

Como conserva.
Dentes postigos
com mais firmeza
no seu lugar

A sua dentadura postiga causa-lhe aborrecimentos movendo-se, caindo ou abanando quando come, ri ou fala? Polvilhe a sua dentadura com um pouco de DENTOFIX. Este pó ataca as partes da sua dentadura postiga com maior firmeza e maior conforto. Evita aquela sensação penosa e perigosa de desgrudar. Não magoa. Elimina o malhito das dentaduras. Póo Dentofix hoje mesmo em qualquer farmácia, drogaria ou portuária.

Actualidade e permanência do luso-brasilismo

(Continuação da pág. anterior)

prometidos. Uma comunidade é uma «agregação de indivíduos que têm a mesma crença ou a mesma norma de vida». Ora a crença comum dos brasileiros e dos portugueses é a crença no homem — no homem cordial — que vive segundo determinados padrões e valores e que fala a língua de Camões, de F. Pessoa, de Jorge de Lima e Jorge Amado. Uma terceira fase, pois, te-

rã de assinar-se ao luso-brasilismo — a fase em que as juventudes dos dois países tentarão reconhecer-se para, seguindo embora rumos independentes e vários, forjarem, no concreto e para o futuro, a comunidade luso-brasileira. Frontalmente, encarando-se, não de procurar, através da mesma língua que é veículo de vida e cultura, as dimensões e o significado da comunidade luso-brasileira, a que pertencem e que assim se renovará, reconstruin-

do-se. Tenho, quase pânico, receio das palavras: só as aprecio pesadas e medidas; por isso remato, não vá acontecer que se possa dizer do que ficou escrito o mesmo que de muitos oradores: «estão falando». Este «estão falando» é equivalente a «fatus vocis», e significa falar sem nada dizer.

A comunidade luso-brasileira forjar-se-á e consolidar-se-á mais do que com palavra, com gestos e acções.

**Novo
CASINO
ESTORIL**



Apresenta

MADALENA IGLESIAS



**THE
AKIMOTO'S**

ORIGINALS ACROBATAS



directamente

da Broadway

"ÇA C'EST L'AMOUR"



produção de

**PIERRE FRANK PERRY
MC CANN**

SEGUNDO GALARZA e seu conjunto

FERRER TRINDADE e sua orquestra

JIRINA'S COMBO

as 21.30h

as 21.30h

Nadja Nadlova só no wonder bar

No CINEMA, às 17 e 21.30
AS AVENTURAS DE «O SANTO»
(M/ 17 ANOS)

**OMAR SHARIF CATHERINE DENEUE
JAMES MASON AVA GARDNER**



NO **SÃO JORGE**

ESTREIA
5.ª FEIRA ÀS 21.30

A TRAGÉDIA, A MAJESTADE
A MAGNIFICÊNCIA DE:

MAYERLING

com JAMES ROBERTSON JUSTICE · BENEVIEVE PAGE · ANDREA PARISY · IVAN DESNY

Produtor Executivo MARCEL HELLMAN Produtor ROBERT DORFMANN Realizador TERENCE YOUNG

EASTMANCOLOR

Música de FRANCIS LAI

PANAVISION

ADULTOS

O filme seleccionado para inauguração da mais moderna casa de espectáculos de Lisboa

um filme que entra pelo fantástico, onde o normal
toma as proporções do bizarro...

**JOGOS
PERIGOSOS**

JAMES CAGNEY · KATHARINE ROSS

EXCEPCIONAL

ESTREIA

PARA INAUGURAÇÃO

DO CINEMA

Av. Frei Miguel Centeiras

(à Av. de Roma)

VOX

Tel. 720808

**SIMONE
SIGNORET**

ADULTOS

UNIVERSAL
SONORO FILMETECHNICOLOR
SCOPE

5.ª FEIRA

ÀS 22 HORAS

CONCURSO «PEPSIE»

N.º 3



RECORTE, COLECIONE E TERÁ UM PRÉMIO... Só faltam mais 2 desenhos

Teatro Capitólio

Tel. 336379

QUINTA-FEIRA, 24

às 21.45 h.

ESTREIA DO ORIGINAL
DE NUNO MONIZ

PEREIRA

ESFERA
FACETADA

(M/ 17 anos)



«INTERDIT AU PUBLIC» (COMÉDIA DE JEAN MARSAN) AMANHÃ NO SÃO LUIZ

Prosegue amanhã, no São Luiz, o Festival de Teatro Parisiense que, já este ano, em Janeiro e Fevereiro, nos deu três êxitos indiscutíveis: «Fanny», «Comme au Théâtre» e «Le Cheval Évanouï». Amanhã (à tarde e à noite), reatando o ciclo de teatro francês, o São Luiz apresenta «Interdit au Public», comédia de Jean Marsan, que se cotou como o mais alegre espectáculo da última temporada de Paris.

Público e crítica consa-

graram esta peça admirável, cujas situações e graça de diálogo despertam as mais francas gargalhadas, e que constitui, ao mesmo tempo, uma risinha sátrica à gente de teatro e ao seu pequeno mundo.

Com Jean Le Poulain, no protagonista — e também como encenador — «Interdit au Public» reúne os artistas que a criaram no Théâtre de Saint Georges, à cabeça dos quais se contam Micheline Dax e Jacques Bodoin e apresenta-se, assim, à conquista de Lisboa, sem perder nenhum dos valores que fizeram dela um dos mais cotados espectáculos da última «saison» parisiense.

Os artistas são esperados esta tarde, vindos de Nice.



Depois de tudo no filme «O Romance do Luachimo» realizado por Baptista Rosa para a Diamang

«O ROMANCE DO LUACHIMO» (FILME DE BAPTISTA ROSA) É ESTREADO AMANHÃ

No salão de cinema do Palácio Foz, é estreado, amanhã, pelas 22 horas, o filme a cores «O Romance do Luachimo», realizado por

Baptista Rosa. A estreia assiste o Chefe do Estado.

Trata-se de um documentário de grande metragem produzido pelos Serviços Culturais da Companhia de Diamantes de Angola (Diamang), em Dezembro do ano passado. A realização é de Baptista Rosa a quem pertence também a montagem; a fotografia, de Aquilino Mendes; a música de Hermínio do Nascimento; a direcção musical de Silva Pereira; a locução de Rui de Carvalho e Carlos Cruz. A assistência de realização pertenceu a Navarro de Andrade e são responsáveis pelo som e mistura musical Alexandre Gonçalves, Heitor Pires e Luís Barão. O filme tem música folclórica da Lunda por elementos dos povos Quilico, Berra n'Sapo e Baluba e canções da Metrópole pelo Orfeão de Trabalhadores da Diamang.

O filme destina-se a abranger, embora de forma sumária, a totalidade da acção da Diamang em África.

NOS PALCOS DO MUNDO

As autoridades de Amsterdã decidiram processar os organizadores da peça intitulada «Panorama Erótico», por considerarem um atentado ao pudor. Além disso, o burgomeestre da cidade proibiu a representação pública da peça.

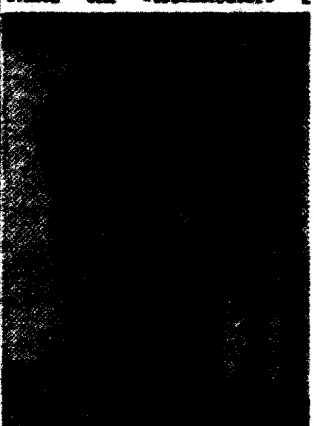
Chegou a Espanha Amparo Rivillas, para uma temporada de repouso junto de sua mãe, a actriz Maria Fernanda Ladrón de Guevara, intérprete de «La Dama del Alba».

Para o princípio da temporada, prepara-se no Teatro Alcaz, de Barcelona, a estreia por Carmen de Lirio de «Espectáculo Barcelona-Carmen de Lirio». Trata-se de uma obra da vanguarda

que conta a vida de actriz catalã, escrita por Martin Recuerda.

O triunfo de «O Último Trunfo» no Mundial

Em segunda semana de indiscutível êxito, continua na tela do cinema Mundial o filme em «technicolor» e



Richard Hoffman, um dos intérpretes de «O Último Trunfo»

«techniscope», «O Último Trunfo», com Edward G. Robinson, Janet Leigh, Adolfo Cell e Richard Hoffman nos principais papéis.

História empolgante de um audacioso roubo de jóias efectuado no Rio de Janeiro, durante a eufórica quadra do Carnaval, «O Último Trunfo» põe em ebulição os nervos do público, que vibra como nunca com as peripécias por que passam os heróis de tão louca aventura.

Filme de amor, de «suspense» e de emoção, com música indelével e belas panorâmicas da ex-capital do Brasil, de Nova York, de Londres, de Paris e de Roma, o actual grande sucesso do Mundial tem sido justamente aplaudido pelo público e enaltecido pela crítica lisboeta.

As 20.45 e 23 horas

ABC

Amãhã não há espectáculo para descanço oficial da companhia

TEL. 36 67 45

ADULTOS

Tony de Mates

Elas é que sabem

REVISTA com Ivone Silva, Nicolau Breyner, Henriqueta Maya, José de Castro, Natália José, M. Christy, Carlos Gonçalves e Tony de Mates

Em ALHAMBRA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Maria do Carmo Barros (Beldor), Av. Major Joaquim José Paiva, 10, 3.º Ed.

NO • Maria Vitória • • HOJE, Às 20.45 •
às 23 horas •

ADULTOS

- Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam
- A SENSACIONAL REVISTA

MÃOS À OBRA!

UM GRANDE ÊXITO DE GARGALHADA COM

- SALVADOR • VIANA
- MARIEMA

- MAX • ANITA • DORA • VITOR MENDES • HELENA CARDINALI
- MARIANO FRANCO • VITOR ESPADINHA e a atracção
- MAY AVRIL com ALBERTO GRAZIANO

• ESPECTÁCULO QUE DIGNIFICA O TEATRO DE REVISTA!

OS PROBLEMAS DE UMA MULHER QUE QUERIA SER FELIZ

UNIVERSAL SONORO FILME

ROSALIND RUSSELL • SANDRA DEE

DAVID ARNOLD • ARNOLD MARSH • JAMES FLETCHER • LEANE MARSH

WANDA WAGNER • JAMES HOGG

OS MILIONÁRIOS

A HISTÓRIA DE UMA MULHER RICA, ALEGRE E EXCÊNTRICA EM LUTA CONTRA UM MUNDO DE GANÂNCIA E HIPOCRISIA!

AMANHÃ ESTREIA

MAIS UM ÓTIMO FILME DA FAMOSA SELECÇÃO DO CINEMA TECHNICOLOR

MAIORES DE 12 ANOS

MUNDIAL

TEATRO DA TRINDADE

(F. N. A. T.)

TEMPORADA POPULAR DE ÓPERA

(Maio a Julho)

Dedicada aos beneficiários da F. N. A. T., Sócios dos Sindicatos Nacionais, C. A. T. e C. R. F.

COMPANHIA PORTUGUESA DE ÓPERA DO TEATRO DA TRINDADE (F. N. A. T.)

A TRAVIATA de Verdi	BODAS DE FIGARO de Mozart	SIBIANA de A. Kell
AMÉLIA AL BALLO de Massenet	IL GOBBO DEL CALIFFO de Casella	WERTHER de Massenet
LA CAMBIALE DI MATRIMONIO	ADENA de Romini	SCALA DI SETA

HOJE — Último dia para os antigos assinantes
Dia 24 — Novos assinantes
Dia 27 — Compa a venda avulsa
Inauguração da temporada em 1.º de Maio, com a ópera «A TRAVIATA»

SÓ 5 ESPECTÁCULOS
★ ESTREIA DIA 25 ★
Sexta-feira / Às 21.45 h.
(13 anos)

BILHETES À VENDA

TEATRO VILLARI

SHOW • RECITAL

acompanhados pelo conjunto BOSSA-JAZZ-3

VINÍCIUS CHICO NARA

de moraes.. buarque leão

CHICO e NARA viajaram para Portugal pela TAP

«VOLPONE», DE BEN JONSON PELOS ESTUDANTES DE DIREITO

• Um espectáculo de elevado nível

Aguardado com grande expectativa, estreou-se ontem no Politeama o espectáculo deste ano do Grupo Cénico da Associação de Estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa: «Volpone», a comédia de Ben Jonson que Adolfo Gutkin, o encenador argentino que actualmente dirige aquele Grupo, adaptou numa original realização.

Seria pouco dizer que se trata de um bom trabalho. Estamos, de facto, em presença de um óptimo espectáculo, cujo nível artístico denuncia, constantemente, a capacidade criativa do seu realizador.

Abandonando as linhas tradicionais de construção da comédia de caracteres típicos do teatro elisabetino, Gutkin engendrou, com base no texto de Ben Jonson, uma montagem cénica que se define pela utilização total dos recursos do teatro. Homem de teatro integral (actor, encenador, autor, cenógrafo), como o queria Gordon Craig e como o foram Brecht ou Piscator, Adolfo Gutkin deixa perceber claramente a linha fundamental de inserção das suas propostas ideológicas e estéticas em relação ao espectáculo. Essa linha é a que, reclamando para o encenador uma liberdade só limitada pelo rigor na própria definição do seu sentido, supõe a utilização do texto como suporte de uma visão criadora e imaginativa, que interpretando-o e mantendo-se fiel aos seus valores primordiais, o faz através do aproveitamento integral das suas possibilidades de tradução cénica.

Para que esta posição estética-ideológica, próxima de algumas outras em relação às quais se acendem constantes polémicas, chegasse a ser discutível, seria preciso que ela tivesse, no trabalho de Adolfo Gutkin, os sinais do radicalismo que alimenta as correntes artísticas anti-realistas. Tal, porém, não sucede. «Volpone» é na realidade um espectáculo em que se encontram diversas tendências estéticas modernas, desde o expressionismo ao realismo crítico de raiz brechtiana. Contrariamente ao que é hábito, esse encontro não se verifica aqui gratuitamente nem o seu resultado é a confusão formal e conceptual que tantas vezes se observa. Todos esses contributos estéticos estão, de facto, sistematizados num conjunto de efeitos plásticos cujo objectivo é evidente: uma linguagem que actue directamente sobre o espectador, despertando-o para a acção que se desenrola no palco e solicitando-o para o estabelecimento das relações existentes com a sua época, a sua vida, a sua sociedade. Formam essa linguagem, isso sim, todos os recursos de expressão ao alcance do

teatro, desde os que visam o violento choque ou a exaltada adesão do espectador àqueles que apelam para a sua compreensão ao nível do racional.

A recriação do texto de Ben Jonson serviu a Gutkin para acentuar, utilizando um formulário moderno, os valores que, menos trululentamente embora, estavam já contidos na obra do autor de «O alquimista».



Uma cena de «Volpone».

Não se serviu, portanto, o encenador de um texto como mera plataforma de construção de um espectáculo plásticamente belo, atraente ou chocante. Ao contrário, todos os efeitos plásticos utilizados foram concebidos no sentido de servir o texto, isto é, de se extrair dele e de comunicar com eficácia as suas principais linhas de força. Cénicamente este objectivo foi servido por vários processos, como a criação de um coro que actua de forma dialéctica em relação à intriga, comentando criticamente (sempre de modo satírico) o procedimento das personagens, o tom adistanciado imposto à interpretação, a utilização do material humano como facto integrante da cena, definindo limites de zonas, ou como símbolos interpretativos da situação das personagens (o caso dos cães que vigiam «Célia» e impedem que alguém dela se aproxime), a riqueza da expressão corporal e de efeitos histriónicos que robustecem o tom da farsa, as irreverentes falas claramente dirigidas ao público ou ainda os apontamentos cenográficos, que funcionam como elementos complementares significativos e não como simples indicadores de local, no estilo naturalista.

A fúria parábola sobre o sentido do dinheiro numa

sociedade baseada no individualismo ganha, assim, uma força e uma actualidade que não poderiam ser dadas por uma encenação tradicional. O tom de farsa serve maravilhosamente a este tipo de comédia de caracteres que floresceu no século XVII e que tem, nomeadamente, em Molière, um dos seus grandes cultores. Nesse tom, o intemporal diálogo «Volpone»

«Mosca» ganha uma dimensão típica que lhe confere a qualidade de retrato poderoso não já de uma época mas de um tipo de organização social que, apesar de todas as transformações, adaptações e inegáveis progressos, sobrevive no mundo dos nossos dias. Apenas os «Volpones» e os «Moscas» de hoje usam outros processos para mascarar as suas manhas e as suas ambições desenfreadas...

Porque teatro é trabalho de equipa — mesmo quando o grande obreiro de um espectáculo é, como neste caso, o encenador — não seria justo esquecer o muito que o seu êxito ficou a dever à interpretação de to-

dos os elementos do Grupo Cénico da Associação de Estudantes de Direito que nele colaboraram. António Curvelo e Santos Silva compõem muito bem o par central da intriga famosa: o primeiro é o velho «Volpone», astucioso e lascivo, o orador do dinheiro, tocado por uma filosofia da vida que contém em si uma intuição profunda do sentido da orgia, acompanhada por um visível desprezo das regras humanas; o segundo é o subserviente, miserável, parasita «Mosca», que espreita apenas a sua oportunidade para ascender à posição daquele que se vê forçado a lisonjear e contra o qual, subtilmente, vai tecendo também a sua intriga. Luís F. Rocha cria um «Corvino» hediondo e ridículo a um tempo, servindo-se de uma surpreendente gama de recursos de expressão. José Gomes e F. Brás interpretam caricaturalmente o velho «Corbaccio» e o blandicioso advogado «Vultore», caracterizando muito bem as personagens. Eduarda Pimenta é uma espantosa «Célia», cheia de primitivismo, de pânico perante a dura prova a que seu marido a entrega, mas também excepcionalmente expressiva na forma como traduz o humor mordaz que constitui o contraponto da sua figura. António Ramalho é um ardente capitão «Bonnario», juvenil e apaixonado, dado em inimitável tom grandiloquente. Luís Filipe Coelho e Aires Amaral são dois membros do Senado, de voz pastosa e artificial, vigilantes na recolha de fundos e curvando-se sempre às pessoas de qualidade que perante eles comparecem. Alexandre Caldas, Alexandrino Rainha, António Dias, Dina Nunes, João Magalhães, José Abrantes, José Rodrigues, Luís Gamito, Luís Varela, Perpétua Gonçalves, Proença de Magalhães e Jordão são os restantes elementos de um elenco muito homogéneo, inteligente e verdadeiramente talentoso.

Uma referência ainda para a luz crua, utilizada com rigor, e para os cenários de Gutkin, que Mário Alberto executou com o sentido de valores plásticos que o tornaram um dos nossos melhores cenógrafos.

Em suma: um espectáculo invulgar que o leitor não deve perder.

JOAQUIM BENITE

«QUANDO ELA SE DESPIU...» representações em últimas

«Quando ela se despiu...» um original de Claude Magnier, que continua a registar grande êxito, agora que se encontra em últimas representações. A afluência do público junto das bilheteiras do Monumental é enorme, pois não querem perder duas horas de boa disposição.

De facto, trata-se de um espectáculo engraçadíssimo, com situações recheadas de

crítica e de malícia que mantém o espectador em permanente gargalhada.

São responsáveis pelo grande êxito, Camilo e Florbela, nos protagonistas, ao lado de Carlos Coelho e, ainda, Carmem Mendes, Yola, Linda Silva, Alda Pinto e Alcega Carla.

A encenação pertence a Manuel Santos Carvalho e as cenas são do artista norte-lusitano Lucio Estrela Santos.

«VIAJE CONNOSCO»



VAI VIAJAR?

• AO SEU SERVIÇO

A EXPERIÊNCIA DOS
NOSSOS SERVIÇOS

Queremos dar-lhe todo o apoio na sua viagem.

Assim, criámos para si um serviço especializado em informações bancárias e comerciais:

«VIAJE CONNOSCO»

Que esperamos possa ser-lhe verdadeiramente útil, ainda que vá só fazer turismo.

E mais:

esse apoio acompanhá-lo-á mesmo no estrangeiro.

EXISTIMOS PARA O SERVIR
E AGRADECIMOS A SUA VISITA

BANCO FONSECAS & BURNAY

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 4 • LISBOA

CASAMENTO

Senhora viúva de mais idade algum rendimento sem filhos nem posses. Dá e pede informações. Resposta a este jornal ao n.º 263.

NECESSIDADE DE ADAPTAÇÃO DO ENSINO À EVOLUÇÃO CIENTÍFICA E TÉCNICA

É GRANDE a rapidez com que a Ciência e a técnica transformam as condições da vida moderna; contudo, esta transformação é uma fonte inesgotável de surpresa e de perplexidade.

É na adaptação que reside a solução dos problemas do mundo de hoje e, sobretudo, dos do mundo muito diferente em que viveremos dentro de dez ou vinte anos. O mundo modifica-se tão rapidamente que é necessário acelerar o ritmo das inovações introduzidas no ensino e na ordem social; é necessário reduzir o tempo que decorre entre a descoberta e a inovação, entre a investigação e a aplicação dos seus resultados.

É notório que, no domínio da educação, as reformas se impõem muito lentamente. Uma inovação nesta matéria parece não se concretizar totalmente, senão cerca de cinquenta anos após a sua adopção. Calcula-se serem precisos cerca de quinze anos para que três por cento das escolas adoptem uma inovação, mas esta tendência acelerou-se muito desde há uns tempos, não apenas no que diz respeito às inovações de carácter essencialmente técnico, mas também às modificações introduzidas na organização e nos progressos dos estudos.

As principais dificuldades que se levantam na preparação e execução das reformas dos programas são aparentemente devidas à ausência de mecanismos que permitam introduzir modificações, e há necessidade de criar atitudes mais receptivas. Sob estes dois aspectos, as actividades patrocinadas pela O.C.D.E. tendo em vista a adaptação dos programas de ciências e de matemáticas, mostram evidência em numerosos países membros, como as reformas podem ser aplicadas à escala dos professores e dos administradores. Estas actividades tiveram como efeito, nomeadamente, transformar a atitude de uns e de outros face às inovações, resultado cuja importância se compreenderá se se pensar na força das tradições e na resistência às modificações que caracterizam os sistemas de educação desde há séculos. É, sobretudo, devido a esta transformação nas ideias sobre a instrução e o ensino que os educadores, de vários países

concluíram que no ensino a inovação consiste, não em revisões periódicas mas num processo de adaptação ininterrupta, uma reforma permanente.

A evolução científica e técnica tem incidência não apenas no conteúdo do ensino, mas nas atitudes e nos hábitos que a educação deve criar. Num mundo sob o signo da técnica, a vida exige reacções rápidas, decisões prontas e supõe numerosos contactos superficiais. Actualmente o homem é muito orientado pelos modernos meios de informação, e mais do que nunca tributário das realizações técnicas que o cercam e as suas

opiniões são influenciadas ou mesmo em grande parte determinadas do exterior. A educação tem por objectivo, justamente, ajudá-lo a viver neste mundo, a encontrar nele a sua

CIÊNCIA

(Continua na página seguinte)

Vai ser publicada em França uma grande enciclopédia das ciências e das técnicas

ACTUALMENTE surgem no mercado quase continuamente novas enciclopédias, o que corresponde, tanto se trate de obras volumosas em vários tipos como de séries de revistas de leitura mais fácil, a uma resposta dos editores à existência de uma procura latente.

Com efeito, as razões que levam hoje à aquisição de uma enciclopédia são numerosas. Para uns, é a necessidade de encontrar facilmente, sem proceder a pesquisas por vezes longas e fastidiosas, as informações precisas em domínios que não lhes são familiares. Para outros, é o desejo de adquirir, nem que seja sob uma forma elementar, determinados conhecimentos sem obedecer a um longo ciclo de estudos. Para todos, a impossibilidade de estar hoje a par de tudo e a necessidade conjunta de ter acesso comodamente a um mínimo de informações sobre um determinado assunto.

Tais obras atingiram um âmbito enorme, particularmente no domínio científico e técnico. Tende-se para uma especialização crescente, e especialmente um homem ligado à ciência ou um engenheiro não pode, actualmente, possuir todos os conhecimentos relacionados com a sua especialização.

Não é fácil, sem dúvida, concretizar uma obra que apresente todo o saber científico e técnico sob uma forma simultaneamente precisa — é necessário que o especialista veja nela um seguro auxiliar — e acessível — é preciso que o não especialista não se disperse ou se perca. É talvez a razão pela qual, apesar do espantoso que possa parecer, não existe na língua francesa uma grande enciclopédia das ciências e das técnicas. E se pois obrigado a consultar tanto enciclopédias gerais, que só tratam das ciências e das técnicas, de um modo relativamente superficial, como obras estrangeiras. Mesmo estas não são em grande número, pois dificuldades idênticas se lhes puseram.

Contudo, é uma lacuna que será preenchida proximamente. As edições Presses de la Cité apressam-se, associadas com a casa editora italiana Mondadori, a publicar, em francês, uma enciclopédia internacional das ciências e técnicas. A obra compreenderá dez volumes e um volume de adendas — a saída do primeiro volume está prevista para Junho.

De facto, esta enciclopédia não pretende constituir uma obra inteiramente original. Não será mais do

que a tradução em francês de uma obra italiana publicada pelas Edições Mondadori, em colaboração com o editor americano Mac Graw Hill e traduzida já em inglês.

É claro que este processo de transcrição múltipla leva a adaptações do texto e a uma cuidadosa actualização. No seu conjunto, a obra, que será a primeira em língua francesa, apresentará-se como uma versão sensivelmente modificada da edição italiana. Com efeito, muitos artigos serão inteiramente redigidos por especialistas franceses. Além disso, cada tomo será acompanhado por uma introdução com explicações sobre os principais termos empregados na obra. O tomo de adendas apresentará também inovações.

A realização da obra, cujo preço de assinatura até à saída do primeiro tomo será de 1300 francos (1650 francos até à publicação do terceiro tomo e 1800 francos depois), é patrocinada por uma comissão constituída pelos professores Louis Armand, François Penin, Jean Rostand, Pierre Algrain e Pierre Auger que asseguram a direcção científica da obra, e pelo professor Grmek, secretário-geral da Associação Internacional da História das Ciências.

PELA PRIMEIRA VEZ CAPTAM-SE EM CUBA SINAIS ENVIADOS POR SATÉLITES ARTIFICIAIS

A ESTACÃO RECEPTORA de dados meteorológicos inaugurada recentemente no Instituto de Meteorologia da Academia das Ciências de Cuba recebeu as suas primeiras fotografias tiradas por satélites artificiais meteorológicos a 35 000 quilómetros da Terra.

Estas fotografias correspondem a uma área de radiovisibilidade que vai desde o Canadá até ao Peru, ao sul do equador e compreende importantes porções dos oceanos Atlântico e Pacífico.

As fotografias tiradas pelos satélites meteorológicos e captadas pelas estações receptoras são de extraordinária importância para o prognóstico do tempo, pois oferecem uma visão «gráfica» e directa das formações de nuvens. Com elas se elaboram estudos da situação do tempo nos lugares que nelas aparecem, que, juntamente com outros dados registados pelos métodos usuais dão maior certeza aos prognósticos meteorológicos.

Os modernos equipamentos que começaram a funcionar recebem as fotos directamente dos satélites por meio do sistema de radiofótos. Na sua passagem pela área de radiovisibilidade, o satélite tira fotografias dessa parte da superfície da terra e das formações de nuvens na atmosfera, emitindo sinais de rádio que são captados pela estação receptora. Nas estações, esses sinais recebidos «traduzem-se» em impulsos luminosos que impressionam um negativo fotográfico. Para



A estação receptora de dados enviados por satélites meteorológicos, instalada na sede do Instituto de Meteorologia da Academia de Ciências de Cuba

captar essas emissões provenientes dos satélites, a estação utiliza as suas antenas direccionais e vai corrigindo o seu movimento ao longo da trajectória do satélite artificial.

Depois de recebida a fotografia, realiza-se a localização da área fotografada, quer dizer, identificam-se as zonas que inclui e assinalam-se os seus contornos geográficos.

A estação receptora, cedida pela U. R. S. S. à Academia de Ciências de Cuba, equivale a 250 radares meteorológicos de alta potência, sendo, contudo, conveniente usar os dois métodos de observação, satélites e radares, pois os primeiros dão uma imagem de grande amplitude, enquanto que os segundos dão em pormenor áreas mais reduzidas.

Uma nova revista científica europeia

EM JANEIRO DE 1969, apareceu o primeiro número de um novo periódico europeu mensal, em três línguas, de astronomia e astrofísica: «Astronomy and Astrophysics, a European Journal» que substitui, continuando-os, cinco jornais «nacionais» que cobriam o mesmo domínio de investigação fundamental, alguns dos quais com mais de cinquenta anos de existência. Todos com grande reputação, três eram publicados em França, um nos Países-Baixos e um na Alemanha.

É importante notar que esta decisão foi tomada sem qualquer pressão exterior, administrativa ou financeira, exclusivamente por cientistas de oito países (Alemanha, Bélgica, França, Holanda e países escandinavos). Provavelmente dois outros países se juntarão proximamente ao empreendimento, sendo o Reino Unido o único país que até agora se recusou a participar.

A nova revista é dirigida por uma comissão de direcção formada por represen-

tantes dos organismos nacionais que participam no empreendimento; o seu número, por cada país, depende do produto nacional bruto da nação considerada e do volume de publicações nesse domínio.

Foi nomeada uma comissão de redacção, constituída por especialistas dos diferentes ramos da astronomia, independentemente da sua nacionalidade. Estas comissões elegeram dois chefes de redacção que são, um holandês, outro francês, para começar.

O editor, ligado por contrato com a comissão de direcção, é alemão. As despesas de edição e o custo dos suplementos (distribuídos gratuitamente) são cobertos por um subsídio dos diferentes organismos científicos dos oito países participantes proporcionalmente aos produtos nacionais brutos.

São numerosas as publicações periódicas científicas que publicam resultados de investigação fundamental, e

(Continua na página seguinte)

UMA NOVA REVISTA

(Continuação da pág. anterior)

que torna a documentação cada vez mais difícil. Por esta razão há tendência a criar revistas europeias, que nada têm a ver com o Mercado Comum ou a zona de comércio livre. Assim, o «European Journal of Biochemistry», fundado em 1967, é o órgão da Federação europeia das sociedades de bioquímica, da qual são membros certas sociedades dos países de Leste.

NECESSIDADE DE ADAPTAÇÃO

(Continuação da pág. anterior)

via, a adquirir hábitos e atitudes que o façam dominar situações em face das quais se poderá encontrar desamparado.

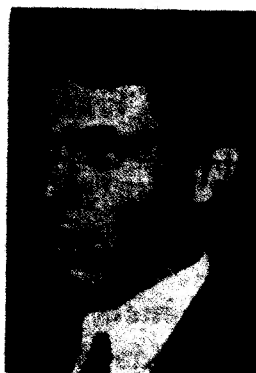
Durante muito tempo, os educadores descuraram ou mesmo desprezaram os aspectos técnicos que caracterizam a civilização nos países industrializados. Obstinaram-se em preparar os jovens para a vida como se nada tivesse mudado nos hábitos culturais ancestrais. Só muito recentemente admitiram a necessidade de uma abertura para um mundo moderno e apareceram ideias construtivas sobre a adaptação dos programas escolares às obrigações atribuídas aos alunos no mundo de amanhã.

«La Modernisation de l'Enseignement», O. C. D. E. — 1968.

ora diga-nos...

— Que cor prefere para escrever?

«Embora uma pessoa quase sempre escreva a azul, a verdade é que muitas vezes está encarnada pela cólera dos nossos dias.» (Pensamento arguto).



● Disse-nos o sr. José Manuel Casquinha de Abreu, aluno do 3.º ano comercial:

— Ó para mim, é o azul.

— Mas isso obedeceria a uma escolha...?

— Penso que não. Talvez o acaso... Até porque nem sempre escrevo a azul. Também escrevo a preto.

● Afirmou-nos o sr. Jorge Domingos Albuquerque, também aluno do 3.º ano comercial:

— Sempre com azul. Fica a letra mais perceptível e não cansa a vista como o preto.

— Sim...?

— Acho que sim.



Quando quero sublinhar qualquer expressão, escrevo a encarnado.

● Finalmente (e também do 3.º ano comercial), disse-nos Jorge Manuel Santos Alves:

— Escrevo a preto. Isto é: quando não escre-



vo a preto escrevo a azul. Tenho um amigo que escreve a verde — e já vi um outro a escrever com duas cores ao mesmo tempo.

— Como...?

— Escrevia primeiro a preto e depois a azul. Ficava muito giro, acredite. Alegrava a vista... Quanto a mim também gosto de escrever a branco...

— E como faz isso...?

— Basta um pouquinho de giz.

«O DIREITO À SAÚDE, CAMINHO PARA A PAZ»

— TEMA DE UM COLÓQUIO PROMOVIDO PELA ASSOCIAÇÃO DOS MÉDICOS CATÓLICOS

A Associação dos Médicos Católicos Portugueses vai realizar um colóquio sobre «O direito à saúde, caminho para a paz», depois de amanhã, às 21 e 30, no salão da Acção Católica, ao Campo dos Mártires da Pátria, 43.

A importante reunião, para a qual aquela Associação convida todos os colegas, tem como moderador o prof. Miller Guerra e nela partici-

cipam o padre dr. Reis Ribeiro, que se ocupa de «O direito à saúde no Magistério da Igreja»; o prof. Mário Cordeiro, que fala de «O direito à saúde e responsabilidade do médico cristão»; o dr. Prado Quintino, que se ocupa de «O direito à saúde e a medicina rural»; e a dr.ª Fernanda Sampaio, que versa o tema «O direito à saúde e a medicina urbana».

Exposição de trabalhos feitos pelos doentes no Hospital Júlio de Matos

Organizada pelos Serviços de Terapêutica Ocupacional do Hospital Júlio de Matos, abrirá ao público, no dia 26,

às 16 horas, no salão nobre daquele estabelecimento hospitalar, uma exposição de trabalhos feitos por doentes, em regime de terapêutica ocupacional.

Trata-se de uma exposição artesanal e artística que ocupa, além daquele salão, as dependências anexas, dividindo-se por várias secções, onde são apresentados curiosos artigos, muitos deles reveladores de apurado gosto e sentido artístico, como sejam os trabalhos de cerâmica, pintura, metais e labores femininos.

A exposição estará patente ao público até 5 de Maio.

DESASTRE NO TRABALHO

ILHAVO, 22 — Quando carregava sacos de cimento para um camião, em Quinães, o sr. Vítor Casimiro Correia Martins, trabalhador, de 36 anos, casado, natural da freguesia de Mourinhos do Vouga (Águeda) e residente no Fontão (Vagos), um dos sacos rebentou e provocou a queda violenta do pobre homem. Recolheu ao Hospital Sub-regional em estado grave.

«SORTEIO GAZCIDLA 1969»

900.000 CONSUMIDORES!

A CIDLA SORTEIA 900 ESQUENTADORES ENTRE OS SEUS CLIENTES

A Cidla registou no princípio deste ano o número impressionante de 900 000 contratos de Gazcidla.

Como já vem sendo tradição desde que a Cidla atingiu a primeira centena de milhar de consumidores, aquele a quem este ano correspondeu o contrato com o n.º 900 000 vai receber a oferta de um magnífico automóvel.

De acordo com a mesma tradição, os consumidores de Gazcidla cujos contratos têm os números 900 001, 900 002, 900 003, 900 004, 900 005, 899 999, 899 998, 899 997, 899 996 e 899 995 receberão também valiosas ofertas em fogões e esquentadores.

Atingir 900 000 consumidores é uma vitória comercial notável. E a Cidla quis assinalar o acontecimento, agora que caminha para a celebração de UM MILHÃO de contratos, de forma a contemplar de algum modo todos os consumidores de gás butano que em qualquer altura tenham subscrito o respectivo contrato.

Assim decidiu oferecer-lhes 900 esquentadores, cuja atribuição fará depender de três sorteios, tal como segue:

1.º SORTEIO — LISBOA

Inclui todos os consumidores de Gazcidla de parte da zona centro e zona sul do País, das Ilhas Adjacentes, Cabo Verde e Guiné — e será realizado em Lisboa (Praça Marquês de Pombal, 1) no dia 23 do corrente, pelas 18 horas.

2.º SORTEIO — PORTO

Inclui a zona Norte do País e será realizado no Porto (Praça D. João I, 28), no dia 24 do corrente, pelas 18 horas.

3.º SORTEIO — COIMBRA

Inclui a parte da zona centro do País, não considerada no 1.º sorteio e realizar-se-á em Coimbra (Rua Mário Pais, 16) no dia 25 do corrente, pelas 18 horas.

A Cidla fará anunciar oportunamente o nome e a morada dos felizes contemplados, através dos seguintes jornais: «Diário de Notícias», «O Século», «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «A Capital», «A Voz», «Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Diário do Norte», «Diário de Coimbra», «Jornal de Fundão», «Diário do Minho», «Diário de Notícias» (Madeira), «Jornal do Algarve», «Notícias de Beja», «Jornal da Madeira», «Diário dos Açores», «O Telégrafo» e «Diário Insular».

As normas fundamentais que regulem os referidos sorteios são as seguintes:

a) — Abrangerão todos os indivíduos que em algum tempo tenham subscrito com a Cidla, o contrato de consumidor de gás butano (Gazcidla), desde que o mesmo não tenha sido rescindido ou anulado até 3 dias antes da data de cada sorteio.

b) — Não são abrangidos pelos sorteios mencionados

— Os funcionários da Cidla

— Os funcionários das empresas do grupo Sacer

— Os agentes, depositários, sub-depositários e revendedores da Cidla, bem como os respectivos funcionários.

O CHEFE DO ESTADO VISITA O CLUBE DE CAÇADORES

O sr. Presidente da República, que aceitará o convite do Clube de Caçadores do Porto para assistir à inauguração das suas novas instalações e que só o não fizera por motivos inalienáveis, visitará aquelas instalações, aquando da sua deslocação a esta cidade, no fim desta semana.

Diário DO PORTO

«Rallye do Vinho Verde» VITÓRIA DE JOSÉ GONÇALVES (Austin Cooper S)

Professor francês fala sobre o Pensamento português

Encontra-se entre nós, de 20 de maio do corrente e até ao próximo dia 1 de maio, o prof. dr. Raymond Cantel, da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da

Universidade de Poitiers, que a convite do Instituto de Alta Cultura, visita o nosso País em missão cultural.

Na próxima sexta-feira, pelas 11 horas, aquele professor francês proferirá no anfiteatro da Faculdade de Letras do Porto, uma conferência intitulada «A influência do messianismo sobre o pensamento português entre o século XVI e o século XX».

Sousa expõe no Grupo Desportivo do B. P. A.

No ginásio do Grupo Desportivo do Pessoal do Banco Português do Atlântico, no 8.º andar do Palácio Atlântico, foi inaugurada

uma exposição de artes plásticas de Sousa, jovem artista portuense que mercê de uma constante procura de novas técnicas, consegue dar aos seus trabalhos de colagem, desenho, monotipia e pintura um cunho muito pessoal.

Instituto Francês

Amanhã, pelas 18 e 30, na sede do Instituto Francês, nesta cidade, será apresentada o filme «Le Blé en herbe», realizado por Claude Autant-Lara, da célebre obra de Colette.

Conferência na Faculdade de Letras

Com a colaboração do Instituto de Cultura Italiana, a Faculdade de Letras do Porto promove, depois de amanhã, às 11 horas, uma conferência, no anfiteatro daquela Faculdade, proferida pelo prof. dr. Silvio Ceccato, sob o tema «A atitude estética e os géneros artísticos».

O prof. Ceccato é candidato ao Prémio Nobre de Cibernética, matéria em que se especializou.

O «1.º Rallye do Vinho Verde» que o Estrela e Vigorosa Sport, do Porto, levou a efeito no passado domingo e teve a participação de mais de setenta concorrentes, teve como vencedor José Gonçalves, em Austin Cooper S, seguido por Duarte Miguel, em Morris Cooper, e Julio Felix, em carro igual.

Ao jantar durante o qual se procedeu à distribuição de prémios, estiveram presentes várias individualidades entre as quais os governadores civis do Porto, Braga e Viana do Castelo, comandante da Região Militar e outras personalidades.

Posse do presidente da Câmara

Tudo indica que a cerimónia da posse do novo presidente da Câmara Municipal do Porto, sr. eng.º Nuno Vasconcelos Porto, se realize no próximo dia 30, no salão nobre daquele município, devendo presidir ao acto o ministro do Interior.

Uma peça de Lope de Vega apresentada pelo T. U. P.

O Teatro Universitário do Porto leva hoje à cena, às 21 e 45, no Teatro S. João, a peça de Lope de Vega «Fuenteovejuna», num espectáculo integrado na festa da Queima das Fitas.

Apesar de se tratar de uma peça sem personagens individualizados, antes incidindo sobre todo o povo do «pueblo» que dá o nome à obra, e a acção decorre entre 1479 e 1492, espera-se que o trabalho do T. U. P. suscite a mais completa aderência dos espectadores. Para o efeito, foram criados um guarda-roupa sóbrio da autoria do escultor José Rodrigues coadjuvado por Manuel Mouga e um cenário não espectacular de Alexandre Vasconcelos.

O T. U. P., que em Dezembro último completou 20 anos dedicados à causa do teatro, quer divulgando textos de autores nacionais, Fernando Pessoa, Gil Vicente — e estrangeiros — Aristófanes, Lope de Vega, Sartre —, quer organizando cursos de teatro, conferências e colóquios, vai, agora, por intermédio da secção cultural interna, tentar a organização de um pequeno curso sobre «Teatro épico brechtiano».

O Porto visto pelas crianças

Na sala magna da Escola Superior de Belas-Artes, realizou-se hoje, pelas 18 horas, a sessão de encerramento e de distribuição de prémios da 1.ª exposição de arte infantil «O Porto visto pelas crianças».

Sessão do American Field Service

Na sala de espectáculos do Liceu D. Manuel II, realizou-se na próxima quinta-feira, à tarde, uma sessão de divulgação do American Field Service, integrada na campanha efectiva um americano no seu país.

De programa consta a projecção dos filmes coloridos «A história de A. F. S.» e «Descubra a América».

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

TEATROS

ANTÓNIO PEDRO — As 22: «A Raposa e as Uvas» (17 anos)
SA DA BANDEIRA — As 21 e 45: «A Pregação»

CINEMAS

COLISEU — As 21 e 30: «Estrada do Vício» (17 anos)
RIVOLI — As 2 e 30: «O Prefeito» (17 anos)
TRINDADE — As 21 e 30: «O Vale do Arco Iris» (12 anos)
BATALHA — As 21 e 30: «A Pádua» (17 anos)
OLÍMPIA — As 21 e 30: «Uma rapariga de gritos» (17 anos)
AGUA DE OURO — As 21 e 30: «O bom, o mau e o vilão» (17 anos)
ESTÚDIO — As 21 e 30: «Quem tem medo da Virgínia Woolf?» (17 anos)
JULIO DINIS — As 21 e 30: «A morte espreita» (12 anos)
CARLOS ALBERTO — As 21: «Espíritos matam em silêncio» e «Gibretton» (17 anos)
VALE FORMOSO — As 15 e 30: «Nas asas do amor» (12 anos)

Amanhã, à tarde

SÃO JOÃO — As 15 e 30: «O corpo de Deborah» (17 anos)
ESTÚDIO — As 15 e 30: «Quem tem medo da Virgínia Woolf?» (17 anos)
TRINDADE — As 15 e 30: «O vale do Arco Iris» (12 anos)
BATALHA — As 15 e 30: «A pádua» (17 anos)
RIVOLI — As 15 e 30: «O Prefeito» (17 anos)
AGUA DE OURO — As 15 e 30: «O bom, o mau e o vilão» (17 anos)
OLÍMPIA — As 15 e 30: «Uma rapariga de gritos» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — As 15: «A 25.ª hora» e «A morte espreita» (12 anos)
VALE FORMOSO — As 31 e 30: «Nas asas do amor» (12 anos)
JULIO DINIS — As 15 e 30: «A morte espreita» (12 anos) (17 anos)



...pretende um motor de popa
de 4 CV, com 2 cilindros e o depósito
de combustível incorporado

...quer navegar na máxima velocidade
em marcha-à-ré

...necessita de um motor de baixo
peso, como deve ser um 4 CV

...deseja, em caso de necessidade,
uma coluna longa para o seu
barco à vela

...pensou num preço mais acessível
do que nos outros motores

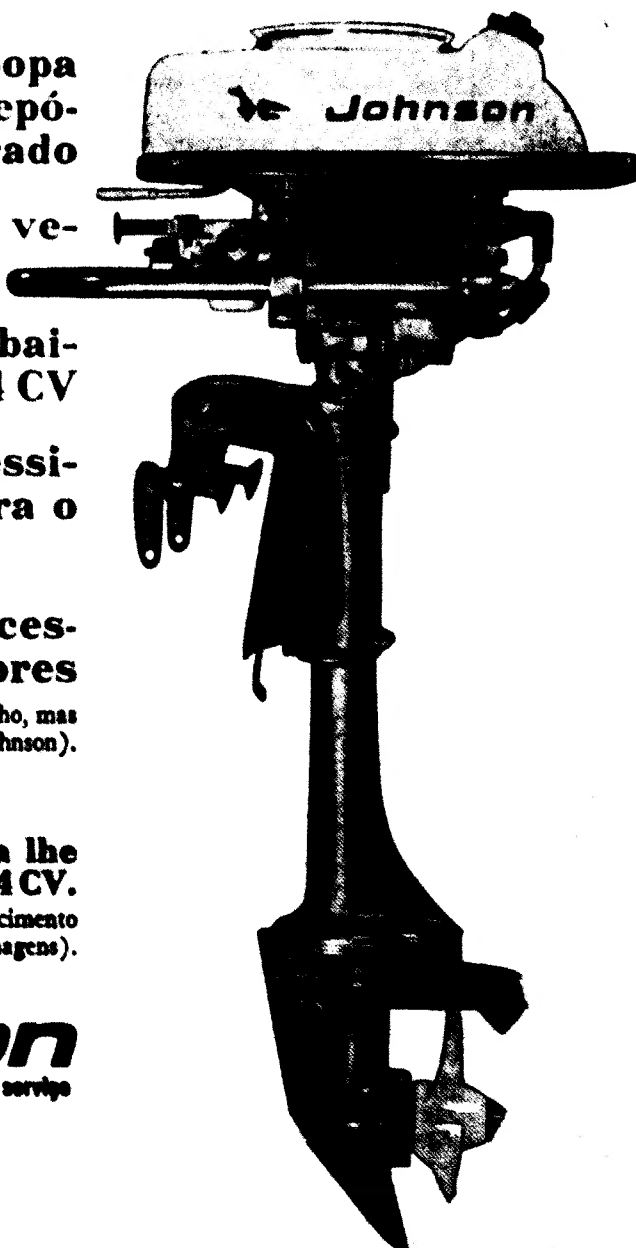
(conseguimos reduzir o preço à custa do desenho, mas sem afectar a famosa qualidade e assistência Johnson).

Então,
peça ao Agente Johnson local para lhe
mostrar o económico Johnson de 4 CV.

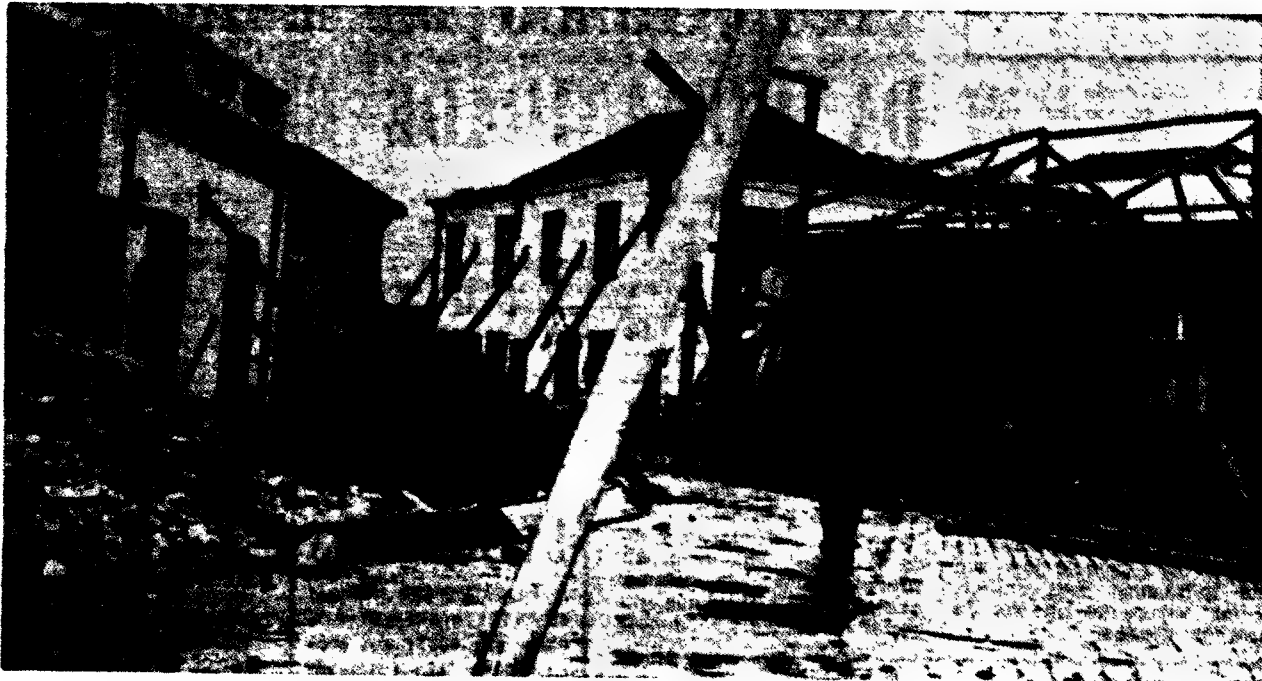
(ele vai falar-lhe do sistema de arrefecimento por água e da sua famosa caixa de engrenagens).

Johnson
O primeiro em segurança e em serviço

Dirija-se ao Distribuidor Exclusivo
NÁUTICA, BELLO & FILHO, S.A.R.L.
Travessa do Praga, 4 (Bairro) Lisboa
Tels. 680164-687970 ou ao Agente local



1—A CARRETA À FRENTE DOS BOIS



Faro — «Tranquila e pachorrenia anfitriã»

FARO, às sete da manhã, é uma cidade morta. Pensava nisso e disse-o ao polícia de trânsito, encapotado e triste, que batia os pés na minha frente. O dia nascia de gelo e ninguém passava, à excepção de uma ou outra operária pedalando e dum carro que distribuía pão. Faro, com foro de capital e fama de rainha, é uma tranquila e pachorrenia anfitriã que não oferece comboios «de saída» entre as onze e meia-noite e as oito e meia da manhã. Depois duma ceia tardia, ali estava eu esperando que algum carro me levasse para Portimão e barafustando intimamente contra a falta de transportes que assistem as chamadas zonas de turismo».

Tinha ceado numa taberna enorme, refúgio de párias e de homens do campo, suja e barulhenta, a única aberta na madrugada de Inverno e a única que conhecia dum Verão antigo. Lembrei com gratidão chocos com tinta e pedi chocos com tinta, a repetir prazer, epicurista e guloso. Pelo menos, pesasse isso ao Algarve inteiro, aquela tasca não mudara: reconhecia-lhe a fidelidade em cada tacho pendurado, nas mesas desengonçadas, nos bancos cambados, nos atavios da cozinheira, até nas teias de aranha do tecto.

As sete da manhã, entreteendo o tédio, eu pensava na falência da minha ceia e na promoção turística de Faro. Dos chocos gostara, mas a salsinha picada não era farta e o azeite sabia mal. Reclamei batatas cozidas e deram-me duas pequeninas por desprezo; pedi guardanapos e eram de papel. Dos chocos ainda gostara, talvez por teimosia, e exigi um trapo molhado para limpar os vestígios da luta, negro todo eu de prazer e sofrimento, a chupar os dedos lambuzados e a reviver vivências repletas de cebola e de batatas cozidas e onde não entravam guardanapos de papel.

Quando pedi a conta, por vingança e por má qualidade do vinho, trouxeram-me um pires (nem pires!), imprensa e bem apresentada, cheia de nú-

meros gordos. Nem queria acreditar: aquilo tinha um título ao alto com distinções por baixo: «OS DOIS IRMÃOS — casa especializada em caldeiradas, chocos e outros aperitivos regionais», e, ao fundo, na zona mais afilada, percentagens de serviço e de turismo capazes de provocar a mais imprevisível digestão a quem procura uma tasquinha pobre para prover carências alimentares e saciar desejos que a distância recalçara. «Então aquela sopinha custa vinte e cinco tostões?», perguntei timidamente ao rapaz mal vestido. «É preço fixo», disse-me ele num sorriso fixo. Exportulei dinheiro que serviria para jantar num restaurante qualquer, com empregados de casaco branco, com toalhas brancas, com talheres lavados e pratos inteiros, sem teias de aranha nem mau cheiro regional.

NO BOM CAMINHO

A manhã ia levantando, fria e pesada, como a cozinheira da taberna, e Faro não despertava. Passei uma das duas carreiras

existentes para a ilha, e levei dois pescadores encardados em oleado, canas em risle, felizes como passarinhos. A minha boleia chegou às oito horas, quando me apercebi de que os meus pés se haviam tornado insensíveis; por força do frio, está claro, mesmo no local onde «o Verão vem passar o Inverno». Um carro japonês, rápido e cómodo, com um belo aquecimento, converteu-se, de súbito, na coisa mais agradável das últimas horas. Um homem de meia-idade guiava tranquilamente, sem manifestar qualquer espécie de curiosidade por mim. «Sou beirão», disse simplesmente, querendo, afinal, sublinhar o facto de não ter nascido no Algarve. «Poder-me-ia ele adiantar alguma coisa ao que eu sabia sobre os problemas da província? Visto que vivia em Faro há muitos anos...» O homem continuou a olhar em frente, com os lábios levemente contraindo pela ironia. «A eles (algarvios-árabes-rurais) cresce-lhes a alfarroba, o figo e a amêndoa sem que seja preciso ralarem-se muito com isso. E não se ralam». Senti que ele fechara um tratado sobre o assunto. Talvez não adiantasse discutir. Desenterrar raízes ancestrais para explicar certos fenómenos etnológicos, arrancar ao tempo e aos mistérios da colonização berbere as razões que, provavelmente, explicariam um certo fatalismo de raça — trabalhos que dulcificariam pouco aquela manhã e que nos tiram arrastar a uma conversa monótona.

Talvez porque o sol começasse a romper, talvez porque os fados se me tornassem propícios, o diálogo ganhou, subitamente, uma extrema importância, e, até Portimão, a viagem manteve-se tão atenta e interessada que abençoei as delongas da espera na saída de Faro. Quem me transportava era um técnico dos serviços de urbanização do Algarve. Ia para Vila do Bispo, chefiando brigadas para estudar a reconstrução das casas desmanteladas pelo terramoto. As decisões do ministro das Obras Públicas tinham carácter de urgência, porque urgente seria de ser o auxílio a quem ficara sem abrigo. Para

manhã de chumbo, húmida e ventosa, sem sol nem esperança dele. Desde Lagos que a estrada se rasgava em verde, furando amendoeiras e ossadas de figueiras, tão estranha e tão distante como as paisagens dos contos de Grimm. Uma ou outra casa derruída, mostrando o enorme coração de barro vermelho, não espantava nem surpreendia: antes tive a sensação de defrontar um cenário natural. Em Vila do Bispo esperava-me, porém, uma assustadora realidade. A terra havia «mesmo» tremido — viam-se por toda a parte as pavorosas consequências — e o silêncio da gente que remendava telhados, ou os removiam aos poucos, era significativo e algo terrível.

Mais tarde, durante o almoço na única pensão da vila, o padre prior falou-me da resignação do povo, herança dos árabes».

Leontino Pacheco, um pequeno comerciante de electrodomésticos, confessou-me que «não sabia o que fazer à vida». Ruliu-lhe a residência e a loja, perdeu haveres e mercadoria, não pode exigir o pagamento das letras que os clientes (pobres e em desgraça) lhe acetaram. Leontino Pacheco vive em Vila do Bispo e levanta as mãos ao céu. Quase todos os seus vizinhos fazem o mesmo. E o céu manda chuva. E a chuva faz aluir o resto.

No entanto, depois da visita do prof. Marcello Caetano, as pessoas mais afectadas aguardam com confiança o envio das casas prefabricadas que o Governo prometeu e, dentro do mesmo espírito, o auxílio que o Instituto Nacional de Assistência à Família possa prestar.

A FEBRE DO TURISMO

O mesmo velo pôr à prova a capacidade do Algarve em sustentar adversidades. Os poucos pedreiros que existem, e que trabalhavam em remodelações de unidades turísticas, foram mobilizados para acudir a casas que ameaçam derrocada. Houve um êxodo de operários para a hotelaria. O pessoal dos hotéis e restaurantes recruta-se informalmente: há-os ex-cavadores, ex-pescadores, ex-engenheiros até. Levou-se a improvisação às últimas consequências. Alguns financeiros, tomados pela «febre do turismo» desataram a construir hotéis de luxo, apartamentos de luxo, residências de luxo. Sem haver uma infra-estrutura. A vida encareceu espectacularmente, vieram oportunistas e intermediários talentosos que fizeram «Roma e Pavia num dia» só para chatear o indígena. Depois, como não podia deixar de ser, algumas complicações internacionais voltaram o Algarve ao ostracismo nove meses por ano, além de não o terem lotado convenientemente os outros três meses. Vem um terramoto e os prédios abrem fendas, cospem revestimentos, necessitam obras urgentes. Verifica-se que não existe pessoal em número suficiente para trabalhar com rapidez suficiente. Pela certa que vamos ter o Algarve rachado no próximo Verão.

Isto, como dizia aquele engenheiro que me trouxe de Faro, numa manhã de frio, é porque «puseram a carreta à frente dos bois». Mesmo assim esperemos que os bois tenham ainda força para empurrar.

“DOSSIER” ALGARVE

por JOÃO SILVA ROQUE

Barlavento, aquilo assumia proporções desastrosas. E o meu companheiro foi monologando, sem esforço, deixando que as palavras necessárias traduzissem o que pensava, sem laconismo nem verborreia.

«quando acontecem estas desgraças é preciso pesar muito bem o que se faz... há quem especule com a própria miséria... as coisas custam dinheiro, e nós não estamos ricos, como se sabe...»

Com esta simplicidade. Tal como um doente de pele a enumerar ao dermatologista as cataplasmas que aplicou toda uma vida. Com a mesma certeza e a mesma resignação.

Mas eu queria descarnar o cadáver do turismo. E, embora tudo aquilo me acendesse o sangue, eu prometta ao deus do meu equilíbrio dedicar apenas uma crônica aos efeitos do abalo; que talvez não fossem tão importante como se propalava, apesar do meu recentíssimo amigo me informar de que, só na região que lá prospectar, algumas centenas de fogos estivessem destruídos ou em risco de demolição.

HERANÇA DOS ÁRABES

Cheguei a Vila do Bispo dois dias depois. Noutra

Ora eu acho os árabes muito pouco resignados nos tempos que correm. Al-Fatah não é fatalismo, é uma fatalidade para a segurança dos israelitas — e, se pareço de mentir o que antes escrevi, estou apenas fazendo uma abertura ao «extremo da outra possibilidade». Mas o que importa é que eram tristes os olhos do povo e vagarosas as mãos que empilhavam telhas. Pois. Há muita telha em Vila do Bispo, não existem as belas e decantadas açoteias algarvias; existe, como me confidenciou um funcionário da Câmara, um certo ar alentejano» na região.

O padre prior deu-me conta de que se seguiu um critério errado na ajuda que se pretende fazer aos sinistrados. Queria-lhe parecer que um doente deve recolher primeiro ao hospital, e depois sofrer questionários burocráticos. Em julho, mas não eram tomadas quaisquer medidas que suprissem necessidades imediatas da população: as pessoas continuavam dormindo por caridade, arrumando os tarefas como podiam, vivendo o dia-a-dia como qualquer desalojado que se preze.

TERRENO C/ PROJECTO APROVADO ALGARVE

Vende-se terreno, ou parte, em zona de grande valorização e expansão turística. Projecto aprovado de características de CLUBE-PRIVADO de férias, ou similar. Interessa a Hotéis, agências de viagens, grupos financeiros, capitalistas, e grandes empresas.

Resposta a este jornal ao n.º 261.

ECOS

EM torno da demissão de Pierre Molinot, director-geral das Artes e Letras no Ministério dos Assuntos Culturais e «obra» de André Malraux, surgem múltiplas hipóteses, controvérsias e especulações.

Pierre Molinot, escritor de inegável talento, cujo romance «La Chasse Royale» (agora transposto para o cinema) obteve em 1964 o Prémio Sainte Beuve, sente-se ainda mais atraído pela acção cultural do que pela criação literária. Por que razão deixou ele André Malraux? Dito numa entrevista concedida ao *Nouvel Observateur*, na qual se sublinha o facto de as questões da cultura merecerem apenas 0,43 por cento do orçamento francês. Grandes tópicos: a vocação internacional do «Odéon», impulsionado por Barrault, a ausência de directores políticos de que Molinot afirma (aspecto positivo) ter beneficiado, na sua empresa tendente a tornar acessíveis ao maior número possível de franceses as obras capitais da humanidade. Interrogado sobre a forma como

encara o futuro do Ministério que acaba de abandonar, Molinot respondeu: «Estamos apenas no início da era cultural. Conflito nos próximos cinquenta anos. Já não posso, porém, dizer-lhe que confio igualmente nos próximos cinco anos».

LYGIA Fagundes Telles, figura de primeira linha entre os grandes escritores brasileiros de hoje, venceu, em Cannes, o Grande Concurso Internacional do Conto, o que representa uma honra para a literatura de língua portuguesa e uma alegria para todos os que na autora de «Ciranda de Pedras» e «Histórias do Desencanto» têm visto sempre, além da perfeição na tão difícil arte de narrar e sugerir, a invulgar generosidade, o amor pela liberdade e pela dignidade humana. Diz Lygia Fagundes Telles: «O acto de criar, para mim, é como aquele jogo em que se armam paisagens. Sem querer, entra sempre um pedaço de queixo de mão, uma parte da gente».



JOSÉ CARDOSO PIRES

«O DELFIM» SURPREENDERÁ O LEITOR FRANCÊS — afirma «Le Monde»

«Fresco em prosa, «O Delfim» veio recentemente lançar uma brisa de frescura na vida cultural de Portugal», escreve o comentário literário de «Le Monde» num artigo intitulado José Cardoso Pires ou o Intemperado, a propósito da tradução francesa desse romance, anunciada pela casa Gallimard.

Depois de ter antilhado a estrutura autoperpetuante deste livro, interpretando-o como «o romance do tempo português», «Le Monde» assesta que ele vem confirmar a existência real de uma literatura portuguesa digna de figurar entre as melhores da segunda metade deste século. Com efeito, «O Delfim» surge como o leitor francês não apenas pelas suas estruturas como pela qualidade da análise, a clareza do estilo e pela evidência quase mítica da sua simbologia».

Do mesmo romance anuncia agora a editora Moraes o lançamento de uma nova edição, tendo editado em cerca de dez meses, o que bem demonstra o excepcional acolhimento do público a uma obra que, neste caso, corresponde indubitavelmente à polémica e à admiração que a crítica lhe consagrou.

É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto às pessoas de amizade.
GRANDE QUIRIVISARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 297

O INSTITUTO PORTUGUÊS DE REUMATOLOGIA VAI PROMOVER UM PEDITÓRIO PÚBLICO

•DIAS: amanhã
e depois de amanhã

O Instituto Português de Reumatologia (cuja situação financeira não é das melhores) vai promover mais um peditório público, amanhã e depois de amanhã. Recebendo do Estado o mesmo subsídio que em 1961, a despeito do maior número dos serviços e do aumento do custo de vida, o Instituto Português de Reumatologia não tem possibilidades de desempenhar cabalmente as funções que lhe foram confiadas. E não se há em Portugal mais de meio milhão de doentes reumáticos de todas as idades, muitos deles impossibilitados de andar, presos à cama ou à cadeira de rodas.

No entanto, o Instituto tratou até hoje mais de 25 mil doentes nos quais deu mais de um milhão de serviços e outras ajudas, tais como consultas, tratamentos, medicamentos, alimentos, vestuário, transportes, roupa de cama, materiais de construção, etc. Além disso, o Instituto preparou desenhos de médicos, realizou cursos e ciclos de conferências com o patrocínio do Instituto de Alta Cultura, participou em congressos, organizou um congresso internacional, publicou desenhos de trabalhos em revistas nacionais e estrangeiras etc. Em resumo: fez uma experiência valiosa que não pode perder, antes tem de ser aperfeiçoada e desenvolvida, até porque ela foi

feita em grande parte à custa do erário público. Não entanto, o Instituto Português de Reumatologia continua sem uma única cama privativa, sem um serviço de internamento que lhe permita observar, orientar, tratar, medicar e cirurgicamente, os seus numerosos doentes graves, impossibilitados de andar, ou vindos de longe, dos quatro cantos do País. Por outro lado, continua alojado em três casas acanhadas, mal adaptadas e separadas, com

instalações insuficientes, e dispondo apenas de 19 médicos, sendo, por isso, obrigado a recusar assistência a muitos doentes que o procuram, ou a prescri-la com lastimável atraso. É certo que problemas como este poderiam ser resolvidos de outra maneira e um peditório público não constitui a resolução que se impõe. De qualquer modo, o peditório vai ser realizado e o Instituto Português de Reumatologia tem confiança

Lisboa tem um novo cinema

Depois de amanhã Lisboa passa a contar com um novo cinema: chama-se «Vox» e situa-se na Rua Bulhão Pato, artéria que principia na Avenida Frei Miguel Contreiras.

A nova casa de espectáculos, que fica num edifício misto, onde já funciona o Hotel Lutécia e onde oportunamente será inaugurado o Teatro Maria Matos, é constituída só por uma plateia de 537 lugares disposta perante um «écran» para projecção de filmes de 70 mm.

Beneficiando de uma decoração requintada, o «Vox» dispõe de um bar moderno, ar condicionado, átrios desafiados.

As cores predominantes são quatro: amarelo (a cortina do palco e as cadeiras), encarnado (as tapeçarias), verde (as paredes) e amarelo (a alcatifa da sala).

Iluminação muito discreta, de modo a não ferir aquelas tonalidades.

«Vox» estreia com «Jogos Perigosos», seguindo-se «Waddigan» (com Henry Fonda e Richard Widmark) e «Helga», filme alemão sobre a maternidade, e que

A «TSÉ-TSÉ» ACUSADA PELO ATRASO DA MARCHA DA HUMANIDADE EM ÁFRICA

Um importante simpósio, que vai o estudo da criação em laboratório da mosca tsé-tsé, começou, esta manhã, na Escola Nacional de Saúde Pública e de Medicina Tropical, à Junqueira. Na sessão inaugural, presidida pelo subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, em representação do titular da pasta do Ultramar, que se encontrava ledoado pelo ministro da Saúde e Assistência e pelo prof. Leste Pinto, administrador da Fundação Gulbenkian, usou, em primeiro lugar, da palavra o ar. prof. Cambourne, director da Escola, que, depois

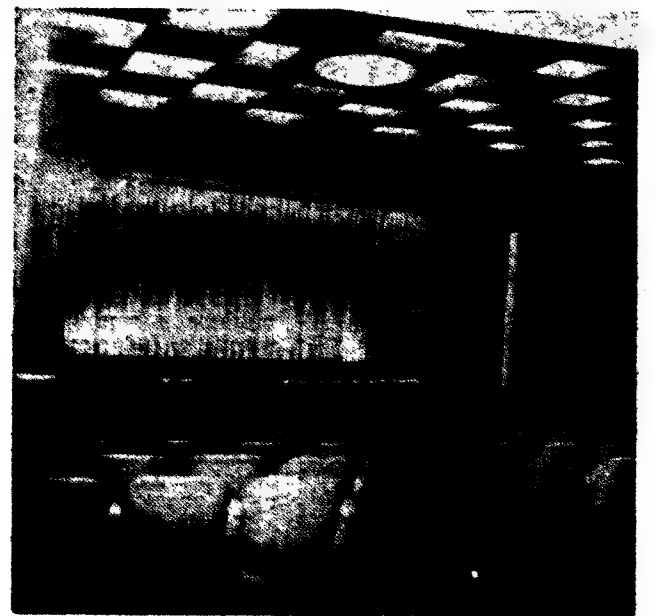
de agradecer às entidades patrocinadoras — ministro do Ultramar e Fundação Gulbenkian — o apoio concedido ao simpósio, referiu a importância da iniciativa, sobretudo no aspecto científico. Na mesa de honra, além das individualidades já citadas, figuravam o director do Tsé-tsé Research Laboratory da Universidade de Bristol, dr. T. Nash; o director-geral de Saúde, dr. Maria Luísa Van-Zeller; o dr. K. Willett, da O. M. S.; o presidente do Instituto de Alta Cultura, prof. Abreu Faro; o director-geral de Saúde e Assistência do Ultramar, dr. Ferreira Silva; o professor de Entomologia e Helminologia da Escola Nacional de Saúde Pública e de Medicina Tropical, prof. Fraga de Azevedo (que é, também, o presidente da comissão organizadora do simpósio).

NÚMEROS EXPRESSIVOS

Os catálogos à mosca começaram em Angola, em 1907; em Moçambique, em 1910; na Guiné, em 1932. Segundo o subsecretário da Administração Ultramarina, em Angola, de cinco mil casos em 1929, passou-se para nove, sómente, em 1963; em Moçambique, de três mil casos, em 1943, passou-se para 26 em 1966; e na Guiné, contra três mil casos em 1957, registavam-se, em 1962, apenas algumas dezenas.

No Ilha do Príncipe, onde a praga fora debelada em 1911-14, registou-se nova invasão em 1956, a qual estava sanada dois anos depois.

das, figuravam o director do Tsé-tsé Research Laboratory da Universidade de Bristol, dr. T. Nash; o director-geral de Saúde, dr. Maria Luísa Van-Zeller; o dr. K. Willett, da O. M. S.; o presidente do Instituto de Alta Cultura, prof. Abreu Faro; o director-geral de Saúde e Assistência do Ultramar, dr. Ferreira Silva; o professor de Entomologia e Helminologia da Escola Nacional de Saúde Pública e de Medicina Tropical, prof. Fraga de Azevedo (que é, também, o presidente da comissão organizadora do simpósio).



Aspecto da sala do cinema «Vox»

ROCCO'S TAGS
S. LUIZ DE LISBOA - QUELUS

JÓIAS
Antiga e moderna. Compra cobrada todos os dias.
QUIRIVISARIA FINITA
R. Augusta, 253
T. 34864

O segundo orador da sessão foi o prof. Fraga de Azevedo, individualidade de renome internacional no estudo destes problemas, pois desde 1959 que tem o maior êxito nas tentativas por aliviar a cabo para a criação laboratorial do pernicioso insecto provocador da doença do sono.

Depois de afirmar que se atribui à mosca tsé-tsé papel relevante como uma das pragas mais ameaçadoras da marcha da Humanidade em África, onde, por razões ignoradas, as glosas se vieram a concentrar, o prof. Fraga de Azevedo referiu as acções promovidas na Ilha do Príncipe, as quais considerou de carácter limitado, por se tra-



O prof. Cambourne, ao falar, esta manhã, na sessão de abertura do simpósio sobre a mosca tsé-tsé

tar de território fechado. Disse, depois, ser notável a redução da doença, informando que a propagação do insecto se verifica, sobretudo, ao sul do Sahará, numa área de 11 milhões de quilómetros quadrados para mais de cem milhões de pessoas.

Fim aparentemente contraditório

O simpósio tem por fim, pois, melhorar as técnicas para a criação em laboratório da mosca tsé-tsé, com o fim, em aparência contradi-

tório, de conseguir o seu extermínio em ambiente natural. Como se sabe — e o dr. Cambourne acentuou, especialmente, na sua comunicação — as triponossomiasoses constituem um dos maiores obstáculos ao progresso económico e social de uma grande parte do Continente Africano.

Falou, seguidamente, o dr. Nash, da Universidade de Bristol, que salientou a importância da criação laboratorial do insecto, visto que,

NÃO BASTA CRIAR LOTARIAS! É PRECISO TER EM CONTA AS REALIDADES APOIANDO OS QUE MAIS CARECEM DA SORTE

POR QUE NÃO HÃO-DE FICAR RICOS
OS QUE SÓ COMPRAM UMA «CAUTELA»?

Não basta fazer lotarias. É preciso encarar as realidades e ter presentes os anseios do povo que nelas encontra uma evasão à dureza do quotidiano.

Bem nos apercebemos de quanto melindroso é o planeamento, muitas das vezes com mais de seis meses de antecedência, dos esquemas de futuras lotarias. Ao redigir este comentário breve, temo-lo bem presente. Que, as incidências de factores variáveis, tal como o estado do tempo, polarização da atenção do público em eventos de grande emotividade, notícias

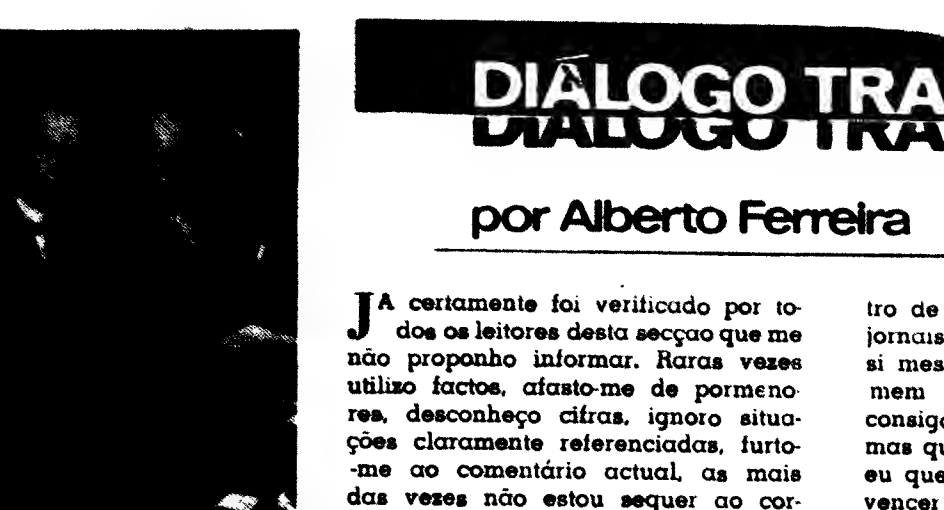
públicas e não têm carácter de premente necessidade, as lotarias estão sujeitas às flutuações da opinião pública. Quanto a nós, são apenas premissas constantes na sua previsão o interesse e ca-

aborder ángulo do problema que, felizmente, constitui primordial preocupação das responsáveis pela administração da Lotaria Nacional. E para ele cremos haver já sido encontrada a verdadeira solução. Referimo-nos à possibilidade de permitir, aos que não podem dispor de algumas dezenas de escudos no sonto de uma sorte grande, a obtenção de prémio que justifique tal sacrifício. — Por que razão não teremos direito a uma fortuna — mas que o seja de facto — os que não podem adquirir mais que uma simples «cautela»? — Não visará a solução encontrada uma mais ampla justiça social?

AFINAL, A SORTE TAMBÉM PODE SER UMA MEDIDA DE JUSTIÇA SOCIAL

(ou falta delas) de casos de premiados de profunda simpatia humana, migrações turísticas resultantes de festividades ou feriados consecutivos, aspecto gráfico dos títulos, seus preços, maior ou menor receptividade à propaganda e publicidade, etc., etc., são circunstâncias que podem determinar o maior ou menor êxito de um sorteio, nomeadamente no caso de lotarias específicas com mais volúmosas emissões e capitais. Como todas as actividades que vivem de favor do

rinho do povo por uma actividade cujos lucros vão inteiramente para os pobres e, ainda, pela faceta simpática de concentrarem e redistribuírem nos grandes fortunes dos maiores prémios, os modestos contributos parcelares dos muitos que a eles anseiam (e por quê, ainda, uma infinidade de pequenos prémios sem real significado prático?).
NOVAS SOLUÇÕES PARA OS TEMPOS QUE CORREM
Visam estas considerações, como dissemos a propósito da próxima lotaria especial,



O prof. Cambourne, ao falar, esta manhã, na sessão de abertura do simpósio sobre a mosca tsé-tsé

a partir da vitória conseguida pelo prof. Fraga de Azevedo, é possível estudar-se nos centros científicos, a melhor forma de extermínio a moscas.

Recordou, ainda, os percursos de estado da Administração Ultramarina, que historiou as tentativas promovidas no Ultramar para a erradicação da mosca portadora do sono: na Ilha do Príncipe, em Angola, em Moçambique e na Guiné.

O colóquio prosseguirá, durante toda a tarde, com comunicações (breves) apresentadas por alguns dos participantes, os quais são originários de diversos países, nomeadamente do Quênia, da Bélgica, da Grã-Bretanha, da Rodésia, da França, de Israel, do Tâncanje, da Austrália, da Checoslováquia, da Itália, e da Suíça.

As 19 horas, os congressistas estarão no restaurante de Montes Claros, onde o sr. general França Borges, presidente do Município de Lisboa, lhes oferece uma recepção.

Amanhã, o simpósio continua, a partir das 9 horas, com diversas sessões preparatórias com comunicações havendo, às 21 horas, no Castelo de S. Jorge, um jantar oferecido pelo ministro do Ultramar.

Por sua vez, as esposas dos congressistas visitarão, a partir das 15 horas, os principais monumentos da cidade, sendo-lhes, seguidamente, oferecido um chá na Cozinha Velha, em Queluz.



Conforme ontem noticiámos, esteve reunido em Lisboa o Conselho da Europa Continental da I. A. A. Entre os participantes contava-se o representante de Portugal, Jorge Tavares Rodrigues, delegado ao Conselho Mundial, secretário-geral do «chapite» português e director-geral da Lotaria. Na comunicação que apresentou, Jorge Rodrigues afirmou, a finalizar: «Com toda a objectividade, podemos concluir que na publicidade portuguesa, como em tantos outros sectores, se respira hoje uma atmosfera de justificado optimismo. Na verdade a transformação iniciada nas estruturas, nos métodos e nas mentalidades, criando perspectivas particularmente favoráveis a mais efectiva aplicação das capacidades do País e a mais larga comunicação e cooperação no plano internacional, não pode deixar de dar os seus frutos. Felizmente eles tomam já hoje a forma de uma nítida e estimulante realidade».

DIALOGO TRANSITIVO

por Alberto Ferrelira

JÁ certamente foi verificado por todos os leitores desta secção que me não proponho informar. Raras vezes utilizo factos, afasto-me de pormenores, desconheço cifras, ignoro situações claramente referenciadas, furto-me ao comentário actual, as mais das vezes não estou sequer ao corrente dos discursos ministeriais, dos diplomas legislativos, da acção do executivo. Leio, como todos, tais matérias nas secções do jornal que quotidianamente se ocupa, quanto lhe é dado e possível, delas. Entendamos: concedo importância relevante à reflexão. Parto da premissa que ensinar a pensar, a inflectir no discurso das coisas, a procurar o valor das margens, a filosofar sobre o quotidiano, a cultura, a relação humana, a relação entre a palavra e o pensamento, a expor gravemente o que merece gravidade, a usar a ironia, a meditação, a sugestão ambígua, aí onde isso se impõe, tudo, enfim, que constitui forma flexível de um conteúdo pressupostamente conhecido ou a conhecer. Quando, por exemplo, falo em Escatística, fica implícito que o leitor ou já sabe o que isso signifique ou, se é, de facto, um ser curioso e com ambição de conhecer, irá executar os movimentos indispensáveis para enquadrar a palavra ou noção desconhecidas no contexto exposto, de tal modo que o texto se lhe torne claro, senão mesmo familiar. Lembra-me, a propósito que, muitas vezes, ouvi a alguns meus companheiros, quando liam António Sérgio, esta observação: para compreender este sujeito é preciso estudar. Ou a respeito desse sedutor artista que foi Aquilino: para o entender preciso de ir ao dicionário! Pois bem, afigura-se-me que tais companheiros estavam errados. Um texto relativamente denso pede, sobretudo, concentração e um esforço de autonomia reflexiva. O estudo e o dicionário só se impõem quando o próprio se propõe discutir ou expor os problemas que os mestres de pensar e de escrever nos inculcaram.

A ambição destes diálogos é, pois, formativa e a menos informativa possível, fiando-se o autor na pertinência de quem o lê em procurar dentro de si, ou em obras ou revistas e jornais adequados, o que temo de si mesmo não encontrar. Aos que temem o exercício do difícil diálogo consigo a respeito de problemas e temas que aqui e ali vão topando, digo eu que, ou são de todo incapazes de vencer a preguiça mental que o hábito lhes alojou na sensibilidade e na vontade, ou ignoram a força explosiva do acto de reflectir. Quer dizer: desconhecem o poder da razão e da inteligência, nunca se deram conta de que possuem aptidões prontas a funcionar. Aos que, de certo modo, ainda se não encontraram a si próprios como seres pensantes, direi que o primeiro grande momento da reflexão se inicia solitariamente. Para pensar é indispensável aquele mínimo de abstracção tanto do mundo exterior como da totalidade ideais, raciocínios, crenças, juízos que assaltam o campo da consciência psicológica. Tal abstracção implica escolha de elementos significativos. Opção da inteligência em frente de um conjunto excessivamente povoado de elementos. Significa obrigar o intelecto a descobrir relações de conveniência entre tais elementos até apreender uma estrutura. A operação é tanto mais extenuante e, porventura, imprópria quanto menor for a cultura de base. Porém a carência mais grave afigura-se-me ser aquela que resulta da inexistência de um sistema conceptual consolidado numa visão filosófica do mundo e do homem. A maioria das pessoas, incluindo professores e alunos, governantes e governados, patrões e empregados, pais e filhos, dirigentes e dirigidos, escritores e leitores, não possui, de facto, um quadro racional de conhecimento. Perante tal situação só existe um caminho urgente e rapidíssimo: a constituição dos quadros necessários para preparar o ensino acelerado, a criação imediata de escolas de formação de professores e de escolas de pais ou encarregados de educação. Tal tarefa não se compadece de soluções de compromisso nem de prudentes reservas de tempo e estudo. O problema está estudado: basta recorrer aos arquivos.

TÉCNICOS DA O. C. D. E. FAZEM CONFERÊNCIAS

«Consequências das disparidades tecnológicas entre sociedades industriais» foi o tema da conferência pronunciada hoje pelo dr. Peter Menck-Gluckert, chefe da Divisão das Fontes Científicas da O. C. D. E., no decorrer do almoço com que foi distinguido pelo Lions Clube de Lisboa na Casa do Leão.

Ao fim da tarde, e dentro do mesmo ciclo de conferências técnicas daquela organização, o dr. Alexander King, director-geral dos Assuntos Científicos, falou no Instituto Superior Técnico sobre «Educação e Ciência — instrumentos de crescimento económico».

A O. C. D. E. oferece ainda hoje um jantar, no Hotel Thériak, a todas as entidades participantes na organização do ciclo de conferências. Preside o dr. Alexander King.

Actualidade internacional

NOVO PRESIDENTE DA LIGA SINDICAL ALEMÃ

A Liga Sindical da República Federal alemã vai ter um novo presidente. Em Maio próximo, quando se reunir em Munique o congresso federal da Liga, Kurt Gschelde, vice-presidente do Sindicato dos Correios, desde 1957, sucederá a Ludwig Rosenberg, na presidência da organização de cúpula dos 16 sindicatos existentes na Alemanha Ocidental.

Kurt Gschelde, de 44 anos, é deputado à dieta federal alemã desde 1961. Faz parte da direcção da facção social-democrata. O ano passado, atraiu sobre si a atenção não só dos deputados mas também do grande público quando interveio nos debates em torno da legislação sobre o estado de emergência, declarando por que motivos votaria contra a lei.

Após cursar a escola pública geral, Gschelde fez aprendizagem de mecânico. Depois da guerra, seguiu cursos de promoção e passou o exame de técnico de telecomunicações e, subindo mais um degrau, formou-se em engenharia de racionalização. Em seguida, graças a uma bolsa da Liga Sindical alemã, frequentou a Academia Social em Dortmund. Estágios na Grã-Bretanha, na França, na Escandinávia e nos Estados Unidos completaram a sua formação neste domínio.

Na direcção da Liga estão representados os presidentes dos 16 sindicatos alemães. O presidente nunca pode tomar qualquer decisão que vá contra a vontade da maioria.

Embora se desconheçam ainda os planos de Gschelde no cargo de chefe da Liga Sindical, sabe-se que o sucessor de Rosenberg insistirá na cooperação dos vários sindicatos, promoverá as actividades no sector das relações públicas e definirá mais nitidamente a posição social dos sindicatos na Alemanha Ocidental.

Destruídas pelos israelitas duas estações de radar em território da Jordânia

TEL-AVIV, 22 — (R.) — Aviões a jacto israelitas destruíram hoje duas estações de radar egípcias situadas no sul da Jordânia, durante um ataque aéreo que se prolongou por uma hora.

Um informador militar anunciou hoje nesta cidade que os jactos israelitas bombardearam também outros objectivos durante o ataque, realizado depois do amanhecer, incluindo uma base de operações dos guerrilheiros árabes, nomeadamente da Frente Popular para a Libertação da Palestina.

Foi atingido um avião israelita que explodiu no ar. Julga-se que o piloto tenha morrido.

O informador revelou que as estações militares de radar estavam situadas a cerca de 25 quilómetros da linha de cessar-fogo, uma em Mazar, a 16 quilómetros de Karak, e a outra em Jebel Dweijjat, a 25 quilómetros a oeste de Maan.

Essas duas estações de radar encontravam-se sob comando egípcio, eram guardadas por unidades egípcias e deviam comunicar ao Egipto informações sobre actividade da Força Aérea israelita dentro de Israel — acrescentou o informador.

O ataque aéreo seguiu-se a um dia de intensa luta entre forças israelitas e jordanas no sector norte do vale do Jordão, onde um grupo de pequenas aldeias israelitas foram alvejadas pela artilharia, disparada da margem oriental do rio.

ABATIDOS DOIS AVIÕES?

AMMAN, 22 — (F. P.) — A D. C. A. Jordana abateu dois aparelhos israelitas hoje de manhã — anun-

ciou um informador militar.

Os dois aparelhos despenharam-se em chamas em território jordaniano. O primeiro, um «Mirage», caiu a oeste de Ilmazar, na região sul de Amman. O piloto morreu a bordo. Continuam as pesquisas para encontrar o segundo aparelho caído na zona de Karak, ao sul da capital, indicou o informador.

RADIO AMMAN: «TODO O TERRITÓRIO... ESTÁ A SER ATACADO»

Entretanto, Rádio Amman, interrompeu, bruscamente o seu programa habitual para anunciar:

«Todo o território do reino jordaniano está a ser atacado pela aviação inimiga. Depois dos dois «raids», às primeiras horas da manhã, os caças israelitas atacam agora o país inteiro».

A Rádio Amman interrompeu as suas emissões normais para passar a di-

fundir comunicados militares, marchas e cantos patrióticos.

«As nossas Forças Armadas resistem ao inimigo, ripostando com valentia e coragem... Vibramos violentos golpes ao inimigo... Infiligrinamos pesadas baixas», declara aquela emissora.

A Polónia e a Hungria apoiam (no Comecon) a integração económica da Europa Oriental

VARSOVIA, 22 — (R.) — Espera-se nesta capital que a Polónia e a Hungria sejam os principais paladinos de integração económica europeia oriental, na reunião comunista de alto nível que se inicia amanhã em Moscovo.

O presidente Nasser do Egipto, que, numa entrevista concedida à TV norte-americana, declarou ser contrário a negociações directas com Israel para solucionar o problema do Médio Oriente

A conferência, destinada principalmente a estudar assuntos económicos, reunirá os chefes de partidos comunistas e os primeiros-ministros da União Soviética e dos seus aliados no Comecon, a organização de coordenação económica dos países socialistas.

Realiza-se seis semanas antes da há muito anunciada conferência comunista mundial marcada para Junho.

Como aconteceu com a conferência comunista mundial, a reunião europeia oriental materializou-se após algumas demoras, que se crê terem sido o resultado de divergências profundas entre os oito membros do Comecon acerca de um grande número de questões.

Sabe-se que a Polónia e a Hungria apoiam a integração económica, e fontes comunistas bem informadas desta capital afirmam que o Kremlin é também a favor da integração quase completa de economias comunistas sob uma planificação única.

Contudo, essas fontes julgam que os russos estão dispostos a perfilar as opiniões dos associados mais pequenos no Comecon, se estes revelarem uma vontade comum suficientemente forte de seguirem nessa direcção.

Causa surpresa o projecto de levar à O. N. U. a questão do Ulster

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 22 — (R.) — Os diplomatas acreditados na O. N. U. reagiram a noite passada com surpresa às notícias de que o Governo irlandês estava a pensar em apresentar a questão das desordens na Irlanda do Norte às Nações Unidas.

Segundo fontes bem informadas de Dublin, o ministro dos Negócios Estrangeiros irlandês Frank Aiken, discutirá a possibilidade de enviar tropas da O. N. U. para manter a ordem na Irlanda do Norte com o secretário-geral U Thant ainda esta semana.

Aiken é esperado hoje à tarde em Nova York, onde se deverá avistar com U Thant amanhã. Na quinta-feira, o secretário-geral parte desta cidade para uma visita a Londres, Roma e Genebra.

Uma comunicação do Governo de Dublin dizia que o ministro dos Negócios Estrangeiros informaria U Thant acerca da situação nos seis condados.

Fontes bem informadas desta cidade indicaram que a Grã-Bretanha se oporia à discussão pública na O. N. U. das recentes desordens e sobretudo das reivindicações da República Irlandesa das províncias da Irlanda do Norte, governadas pelos britânicos.

Permaneceu escondido durante 33 anos

LAS PALMAS (Ilhas Canárias), 22 — (A. N. I.) — Depois de ter passado 33 anos oculto, apresentou-se às autoridades de Las Palmas, nas Ilhas Canárias, o espanhol Pedro Nolasco Perdomo, de 63 anos.

Um decreto do Governo, recentemente publicado, determinou que não seriam julgados os crimes cometidos antes e durante a guerra civil espanhola.

Perdomo declarou que, seis dias depois de começar a guerra, em 1936, as autoridades o procuraram, sob a acusação de simpatias socialistas. Perdomo desapareceu, passando desde então a viver oculto, alternadamente, nas casas de três irmãs. Nem os seus próprios filhos sabiam que ele vivia com elas na mesma casa.

Perdomo acrescentou que a Polícia o recebeu cordalmente, fornecendo-lhe documentos provisórios.

Gustav Husak em Moscovo

MOSCOVO, 22 — (R.) — Uma delegação checoslovaca, chefiada pelo dr. Gustav Husak, o novo dirigente comunista do país, chegou de avião a esta capital, a fim de participar numa sessão de Comecon, a organização económica da Europa Oriental, segundo anunciou hoje a Tass.

AGRADECIMENTO DE HUSAK A BREJNEV

PRAGA, 22 — (F. P.) — «Estou muito satisfeito por ter encontrado a plena compreensão e o apoio do Partido Comunista Soviético, bem como o vosso próprio apoio», escreveu Gustav Husak, primeiro-secretário do Partido Comunista checoslovaco, num telegrama que enviou a Leonid Brejnev, primeiro-secretário do Partido Comunista Soviético.

Husak garantiu também a Brejnev a «sincera solidariedade internacional» da Checoslováquia e saudou em nome do novo presidente e em nome da Comissão Central do P. C. Checoslovaco todos os comunistas soviéticos e todo o povo soviético.



DORMIR NÃO É TUDO — Um quarto de dormir não serve só para fechar os olhos e repousar umas tantas horas. Isto pensam os alemães ocidentais, que na recente Feira de Mobilidade de Colónia apresentaram o modelo do futuro — com telefone de ambos os lados da cama, bar, televisão, rádio-grafiteiro e projecteur de filmes e dispositivos. Um luxo para quem pode

TRÊS CHEFES DE GOVERNO OCUPAM-SE DA CRISE DA IRLANDA DO NORTE

**Quarenta e quatro mortos
na queda de um avião**

CALCUTA, 22 — (R.) — Morreram quarenta passageiros e quatro tripulantes na queda de um avião «Fokker Friendship» próximo de Khulna, no Paquistão Oriental. Segundo notícias recebidas hoje nesta cidade o acidente ocorreu ontem à noite.

Indian Airlines em Nova Dehli disse que todos os passageiros e tripulantes eram indianos.

Segundo se calcula, o avião teria sido apanhado num violento temporal que fora ontem anunciado sobre a zona do desastre.

O avião seguia com rumo a Calcutá, vindo de Assam, no nordeste da Índia, e perdeu contacto com a torre de «controlo» quando atravessava o Paquistão Oriental.

A Indian Airlines, companhia aérea interna do país, estava em contacto com as autoridades da Aeronáutica Civil do Paquistão para a trasladação dos corpos das vítimas através da fronteira, para Road, declarou um informador.

Um informador da In-

**DIMINUIU
A ACTIVIDADE
«VIETCONG»**

SAIGÃO, 22 — (A. N. I.). — Durante a noite passada os «vietcongs» apenas bombardearam seis instalações militares e povoações no Vietname do Sul, sendo esta a mais reduzida actividade bélica dos comunistas desde que iniciaram a sua ofensiva em 22 de Fevereiro último.

BELFAST, 22 — (R.) — Três primeiros-ministros estudarão hoje com urgência medidas para evitar que no Ulster, assolado pelas guerras civis em grande escala.

Ao mesmo tempo, cerca de 2500 soldados britânicos, estacionados na Irlanda do Norte, vão guardar edifícios importantes e centros de abastecimento para evitarem actos de sabotagem.

Em Belfast capital do Ulster, o primeiro-ministro Terence O'Neill e o seu Ga-

binete estão a considerar novas leis para «fomentar o bem-estar de todos os sectores da comunidade».

O'Neill é esperado em Londres esta semana, para consultas urgentes.

Em Londres, o primeiro-ministro Harold Wilson prepara-se para assumir uma atitude de dureza quanto à questão de um homem, um voto, nas eleições locais na Irlanda do Norte.

O problema principal dos direitos civis é que as leis actuais, que proibem cerca de 250 000 pessoas de votarem nas eleições locais devido a não serem chefes de família, visam injustamente os católicos romanos.

Em Dublin, capital da vizinha República Irlandesa, predominantemente católica, o primeiro-ministro Jack Lynch tentava arran-

jar uma conferência de emergência para discutir a crise com Wilson.

O Parlamento de Westminster deverá realizar hoje um debate de três horas sobre a questão. O ministro do Interior, James Callaghan, declarou ontem na Câmara dos Comuns: «Claramente, o nosso objectivo primário é evitar a guerra civil, com a qual ninguém pode beneficiar...»

O debate poderá assinalar o primeiro discurso na

Camara da deputada, recentemente eleita pelo Ulster, Bernardette Devlin, de 21 anos.

Embora Bernardette Devlin, que gosta de usar «blue-jeans» e seja uma dirigente dos direitos civis, não tenha ainda prestado juramento, alguns deputados esperam que a Câmara realize a tempo a cerimónia, de forma a que ela possa discursar a favor dos manifestantes pró-católicos.

«Comandos» atravessam o canal de Suez

(Continuação da 1.ª página)

atingir objectivos civis e militares no Egipto.

QUEIXA DE ISRAEL

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 22 — (R.) — Israel queixou-se, a noite passada, ao Conselho de Segurança da O. N. U. que em duas ocasiões no último fim-de-semana forças egípcias atravessaram o Canal de Suez para atacar posições israelitas.

Contudo, o embaixador israelita, Yosef Tekoah, sublinhou que os ataques não obtiveram êxito e que as Forças egípcias abandonaram armas e cargas explosivas quando foram obrigadas a debandar para a margem ocidental.

Os ataques «seguiram-se a três semanas de violações incessantes do cessar-fogo pelas Forças da R. A. U. na margem ocidental do canal, conforme comunicações feitas pelo general Odd Bull, o principal observador da O. N. U. no Médio Oriente — prosseguiu Tekoah. «O motivo desses actos premeditados de agressão é bem conhecido».

O foguetão russo de ogiva múltipla foi experimentado no Pacífico

NOVA YORK, 22 — (F. P.) — A União Soviética experimentou a semana passada, no Pacífico, o enorme foguetão de ogiva múltipla «SS-9», revelou ontem o secretário de Estado William Rogers, durante o almoço anual da Associated Press.

«Tudo o que podemos fazer é prever que os ensaios de mísseis vão prosseguir regularmente», acrescentou Rogers, recordando que os soviéticos tinham anunciado a intenção de efectuar ensaios balísticos no Pacífico até meados de Junho.

SEIS ESPANHÓIS VÃO SER JULGADOS EM CONSELHO DE GUERRA

BARCELONA, 22 — (A. N. I.) — Seis espanhóis acusados de pertencer ao Partido Socialista Unificado da Catalunha (comunista), comparecerão perante o Conselho de Guerra de Barcelona no próximo sábado. Os seus advogados declararam que o procurador tencionava pedir penas entre seis e doze anos de prisão contra os acusados, três dos quais têm 19 anos.

A notícia provocou admiração na cidade. Na verdade, o cardeal Tarazona, primaz de Espanha e Don Casilda Just, pároco de Montserrat, tinham intervenido junto do capitão-general da Catalunha pedindo que o Exército se desligasse, entregando-os à jurisdição civil, dos delitos políticos que não comportassem actos de terrorismo. Várias ordens religiosas, como os jesuítas e os franciscanos, tinham adoptado posição semelhante.

Além disso, no domingo, em mais de trinta igrejas católicas os padres propuseram que fossem feitas orações pelos acusados e protestam contra o facto de eles serem julgados em Conselho de Guerra.

PADRES PRESOS

BILBAU, 22 — (F. P.) — Dois padres, um de Bilbao e outro de Ceanuri, foram presos e apresentados à Justiça Militar, acusados de terem prestado auxílio a elementos terroristas da E. T. A. (Organização clandestina de separatistas bascos), segundo se anuncia de fonte fidedigna.

Por outro lado, afirma-se officiosamente que, após interrogatório a outros eclesiásticos e buscas efectuadas em nove conventos, igrejas e instituições religiosas, foram apreendidas armas, bandeiras bascas e abundante material de propaganda separatista.

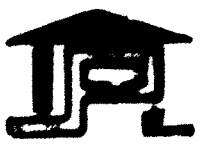


**PORQUE SOU RECEBIDO COMO UM
AMIGO.
PORQUE NÃO PERCO TEMPO.
PORQUE ENCONTRO EFICIÊNCIA.
PORQUE ESTÃO LÁ QUANDO EU
PRECISO.
É POR TUDO ISTO QUE EU SOU
CLIENTE DO**



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta



DINHEIRO!...

APLIQUE-O EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

OBTENDO JUROS OU RENDIMENTOS DE 7 A 10%

**ANDARES E APARTAMENTOS MOBILADOS PARA HABITAÇÃO PRÓPRIA
OU COM RENDIMENTO GARANTIDO DURANTE 12 ANOS POR ESCRITURA PÚBLICA**

INFORMAÇÕES: Rua Conde Redondo, 53 4 Esq. em Lisboa

Telefones 45843-47843



AO PÚBLICO

A SENHA COM O N.º 3865 REFERENTE A MARÇO DE 1969 FOI PREMIADA COM O TELEVISOR «NATIONAL»

Foi contemplado o sr. D. Maria V. da Costa Campos — Rua João da Penha, 16 — LISBOA

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98-2 — Telef. 32 65 19

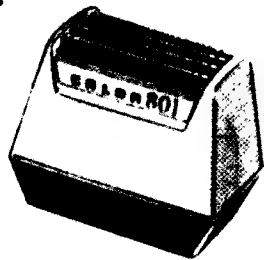
Dr. Amaro d'Almeida — Medi-
cina — Coração e pulmões —
às 18 horas
Dr. Carlos Vilar — Doenças das
senhoras e coração — às 18
horas
Dr. Coelho de Castro — Cirur-
gia — Ossos e articulações —
às 18 horas
Dr. A. de Barros Simão — Gar-
ganta, nariz e ouvidos — às
16 horas
Dr. Nelson de Figueiredo — Ri-
m e vias urinárias — às 16 horas
Dr. António Faria — Doenças
das orelhas — às 14 horas
Dr. Romão Leitão — Doenças mu-
cosas electrolíticas — às 14
horas
Dr. Ana Rita Maria — Otor-
rino-laringologia — às terças e quintas-
feiras — às 16 horas

NOVIDADES

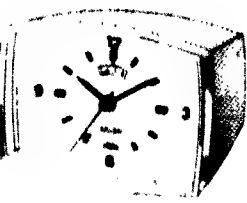
CALOR



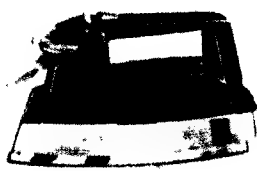
Ferro de passar eléctrico
automático, com termos
tato



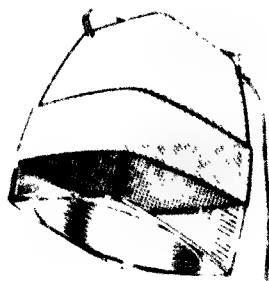
Mais uma excelente
Máquina de barbear eléc-
trica suave e robusta



Exceptional despertador
eléctrico silencioso e
robusto com quadrante
luminoso



Sensacional Ferro de
passar a seco e a vapor
funcionamento garantido
contra o calafreio



Moderno e elegante Seca-
dor de cabelo com 6
gradações de tempe-
ratura

EXCLUSIVO IBEREX LISBOA

ALTO DO DAFUNDO

Sens andares com 5 e 6
escadilhadas, arrecadação e
garagem privativa.

Vendem-se no Rua Joseph
Stech, 34-36 e 38

Trata:

FERMIN GALLEGO

Av. 5 de Outubro, 23-1
Telef.: 4 59 34

UM FOLHETO DA C. P. SOBRE CIRCUITOS TURÍSTICOS

A C. P. acaba de publicar
um folheto alusivo aos ser-
viços que a rede «EUROPA-
BUS» pode proporcionar aos
turistas na presente tempo-
rada onde consta, além de
uma descrição pormenoriza-
da das excursões e circuitos
portugueses, a relação de
todas as linhas, circuitos e
excursões nos outros países.
Peça folheto e esclareci-
mentos nas secções de infor-
mações de Lisboa, Porto e
Coimbra, nos despachos cen-
trais e nas agências de via-
gens

EXCURSÃO DA C. P.

DOMINGO, 27 DE ABRIL

Comunica-nos a C. P. de que realiza no próximo dia 27,
em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma
excursão de Lisboa a Portas de Ródão, Castelo Branco e
Monsanto, incluindo a viagem no comboio automotor FIAT
(1.ª classe e ar condicionado) e circuito turístico em auto-
carro.

PREÇOS

Modalidade 1

(Inclui pequeno-almoço
no comboio e almoço re-
gional em Castelo Branco)
270\$00

Modalidade 2

(Inclui pequeno-almoço e
jantar no comboio e almoço
regional em Castelo Branco)
325\$00

Só transporte em caminho de ferro (com serviço de pe-
queno almoço no comboio)

Lisboa a Abrantes, e volta 83\$50
Lisboa a Ródão, e volta 116\$00
Lisboa a Castelo Branco, e volta ... 131\$00

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa
(Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na
Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos
Despachos Centrais do caminho de ferro em Lisboa, onde
são distribuídos folhetos descritivos.



PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«LUANDA»

a sair em 24 de Abril

Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ, LUANDA,
LOBITO e MOÇAMÉDES

Carrega até 22 de Abril

«PATRIA»

a sair em 6 de Maio
às 12 horas

Com escala prévia por LEIXÕES, para: FUNCHAL,
S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE
DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBI-
QUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 25 a 28
de Abril

«BENGUELA»

a sair em 6 de Maio

Com escala por LEIXÕES, para: CABINDA, SAZAU, LUANDA,
PORTO AMBORA, NOVO REDONDO, LOBITO,
MOÇAMÉDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário)
Carrega de 1 a 4 de Maio

«LOBITO»

a sair em 17 de Maio

Com escala prévia por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se neces-
sário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO
MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO
AMÉLIA (se necessário). Carrega de 11 a 15 de Maio.

«INFANTE D. HENRIQUE»

a sair em 30 de Maio
às 12 horas

Com escala por FUNCHAL, para: LUANDA, LOBITO,
CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA.
Carrega de 24 a 28 de Maio.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»

a sair em 25 de Abril
e em 27 de Maio
às 18 horas

Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE,
PORT EVERGLADES (MIAMI), S. JUAN PUERTO
RICO, LA GUAYRA e CURAÇAU.

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte
de bagagem

LISBOA — Rua de S. João, 63 — Telef. 30 96 22/3
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 43

CRIADAS

Organismo oficial admite criadas com o salário
mensal de 635\$00 e 725\$00 no caso de não terem vaga
nas camaratas, com direito a alimentação e reforma e
com perspectivas de melhoria.
Devem possuir a habilitação da 4.ª classe e idade
compreendida entre os 18 e 34 anos.

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 262

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, 8
A. E. L. — 98, Rua Nova
de Almeida, 90 — LISBOA

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação uti-
lize os comboios eléctricos.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias
de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhido,
Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal,
Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bon-
fim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restau-
rante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

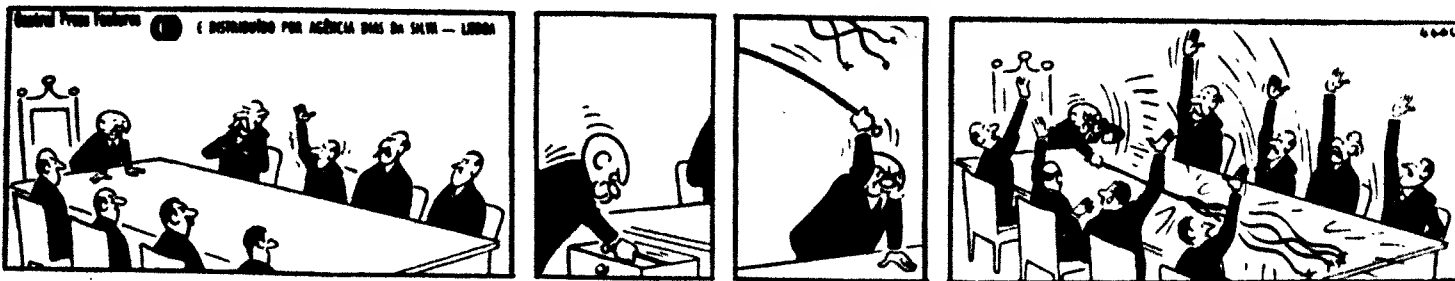
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

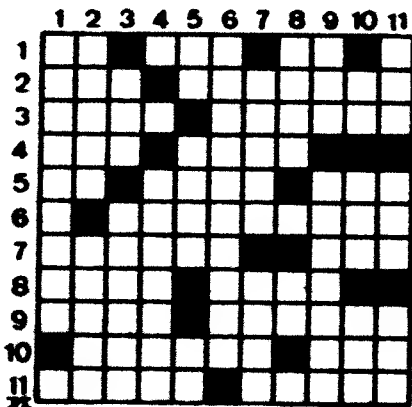
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5155

HORIZONTAIS: 1 — Artigo (pl.). Corcova. Antes de Cristo. 2 — Rente. Enramar. 3 — Cursos de água. Muito bom. 4 — Nome de letra grega. Perante. 5 — Nociua. Esta coisa. Debaixo. 6 — Que criou casca. 7 — Desfazias. Um cento. 8 — Correlacionado. Rio que banha Setúbal. 9 — Avali. Sem nós. 10 — Casado com duas mulheres ao mesmo tempo. Próprio pessoal. 11 — Enrubescer. Juntei.

VERTICAIS: 1 — Imitar. 2 — Eando. Moço que chegou à idade da puberdade. 3 — Ecoa. Suprimir. 4 — Adverso. 5 — Utensílio doméstico. Nojo. Símbolo químico do ouro. 6 — Indicasse. 7 — Capazes. Aniversário. 8 — Perícia. Compromisso. 9 — Aceditei. Abalam. 10 — Símbolo químico do amónio. Poesia. Olá. 11 — Rezo. Bem-nomeado. Conheço.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo pensamento, o PROVERBIO nele inserido.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5154

HORIZONTAIS: 1 — Prós. Lancem. 2 — Rédua. O. Aio. 3 — Ecoa. Atrá. 4 — Já Réu. QUE. 5 — Uma. Artur. 6 — Delira. Eras. 7 — Aníman. 8 — Cara. Ar. Rir. 9 — Abade. Ré. Mi. 10 — ABUNDA. NÃO. 11 — Presar. Pois.

VERTICAIS: 1 — PREJUDICA. 2 — Recame. Abor. 3 — Oco. Aldrabe. 4 — Suar. Aduz. 5 — Areana. Era. 6 — Aurano. Dr. 7 — Ao. Irra. 8 — Aquém. 9 — Coturvar. Nô. 10 — Eira. Amém. 11 — Moa. Is. Rios.

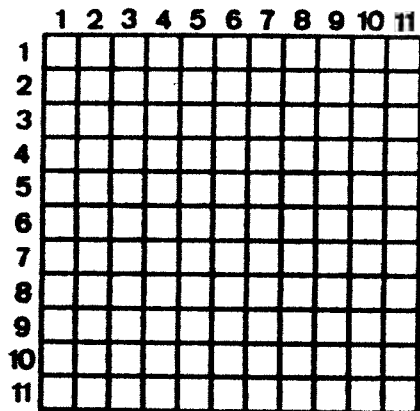
(Provérbio: O QUE ABUNDA NÃO PREJUDICA).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 5998

HORIZONTAIS: 1 — Instrumento para corder. A morte. 2 — A Pérsia. Pronome possessivo (pl). 3 — Chefe etíope. Possu. Suspiros. 4 — Amónia (s. q.). Secai ao fumo (castanhas). Letra grega. 5 — Aluga. 6 — Quemava. Moeda asiática. 7 — Fiz desaparecer. Transfere para outro dia. 8 — Pêlos de certos animais. Preposição. 9 — Apelido. Caruma. 10 — Duzentos e cinco em romano. Rio de Portugal. Caminhei para cá. 11 — Filtrara. Transpirava.

VERTICAIS: 1 — Corsário. Mil e setecentos em romano. 2 — Estavam. Reis. Ergo. 3 — Em as. Lisonjeava. 4 — Parco. Feminino de primo (pl). 5 — Sacais. Oferece. 6 — Restrie. Radio (s. q.). 7 — Cobertores. Artigo definido. 8 — Campeão. Tempos. 9 — Antéria. Alentava. 10 — Tombar. Gôho (s. q.). Mil e quatro em romano. 11 — Sobre ao cumo. Série.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5997

HORIZONTAIS: 1 — Opina. Coção. 2 — Pomir. Acaba. 3 — Alisa. Labas. 4 — Lata. Reú. 5 — Ass. Aná. Lás. 6 — Res. São. 7 — Al. Mi. Cr. Ps. 8 — Gerner. Aérea. 9 — Irás. Meti. 10 — Tal. Bem. Mar. 11 — Amago. Anosa.

VERTICAIS: 1 — Opola. Agita. 2 — Paças. Lenam. 3 — Imitar. Mala. 4 — Nisa. Enes. 5 — Ara. Aelr. Bo. 6 — Er. Te. 7 — Cal. Ascá. Mâ. 8 — Açor. Arem. 9 — Cabelo. Remo. 10 — Abale. Petas. 11 — Oásis. Salra.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

(ANÚNCIO)

CONCURSO N.º 12 — Fornecimento de MEDICAMENTOS

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 7 de Maio próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em qualquer dia útil das 9 às 11.30 e das 14 às 16 horas, as respectivas condições, excepto aos sábados que é das 9 às 12 horas.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa em 18 de Abril de 1989

O CHEFE DO SERVIÇO
a) Alexandre Pinheiro



MANUEL FERREIRA

BICHO

MISSA

DO 1.º ANIVERSÁRIO

Laura Ferreira Bicho e seus filhos participam que será celebrada missa pelo eterno descanso da sua alma, amanhã, quarta-feira, dia 23, pelas 19 horas e um quarto na Igreja de S. João de Deus. Agradecem a todas as pessoas amigas que possam assistir.

UM BRILHANTE SUCESSO TÉCNICO!



Um tipo de ligante inteiramente diferente, de resultados seguros na colagem de

AOO - METAIS - VIDRO - CERÂMICA
BORRACHA-PLÁSTICOS (não maleáveis)
e todo o material de uso corrente
resiste a

CALOR, HUMIDADE, ÁCIDOS,
SOLVENTES

As ligações com ARAIDITE mantêm-se
lige materiais de mesma natureza e de natureza diferente

Um produto suíço da CIBA

TOLDOS METÁLICOS

EXECUÇÃO - RÁPIDA

RECLA INDÚSTRIAS TÉCNICAS

CALÇ. MESTRES, 55 - T. 682916

Em AGUEDA e «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Agência
Condé, Rua Vasco da Gama, 12.

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa»
de 22 de Abril de 1959
publicava:

«LONDRES, 22 — Um
jornal desta cidade infor-
ma que se tem aqui como
certo que a Alemanha vai
promover na sua política
agressiva, utilizando to-
das as armas que achar
bom».

«Dantzig será o pri-
meiro objectivo da poli-
tica alemã. Em seguida,
iniciar-se-á um período
de provação para a Po-
lónia».

«Nestes últimos dias o
Governo nazi convenceu-
se de que poderá romper
o cerco».

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

(1.ª DIVISÃO)

União de Tomar-
Benfica

Domingo, 27 de Abril

A C. P. organiza, em colabo-
ração com o Sport Lisboa e
Benfica, um comboio especial de
Lisboa a Tomar, e volta, no
dia 27 de Abril, por ocasião do
desafio de futebol «União de
Tomar-Benfica» ao preço de
50\$000

HORARIO

Partida de Lisboa
(Santa Apolónia) 8-42 h.
Chegada a Tomar ... 10-48 h.

Partida de Tomar
... 19-35 h.
Chegada a Lisboa
(Santa Apolónia) 21-40 h.

Bilhetes à venda na Secretaria
do «Sport Lisboa e Benfica» e
nas estações de Lisboa (Rossio)
e Lisboa (Santa Apolónia).

Não tem qualquer sucursal
na Av. Almirante Reis
Telefones 534167 P.P.C.A. (4
linhas) 43189/662772/280002

DE COIMBRA

Uma cidade nova diante de Coimbra em vasta zona de Santa Clara

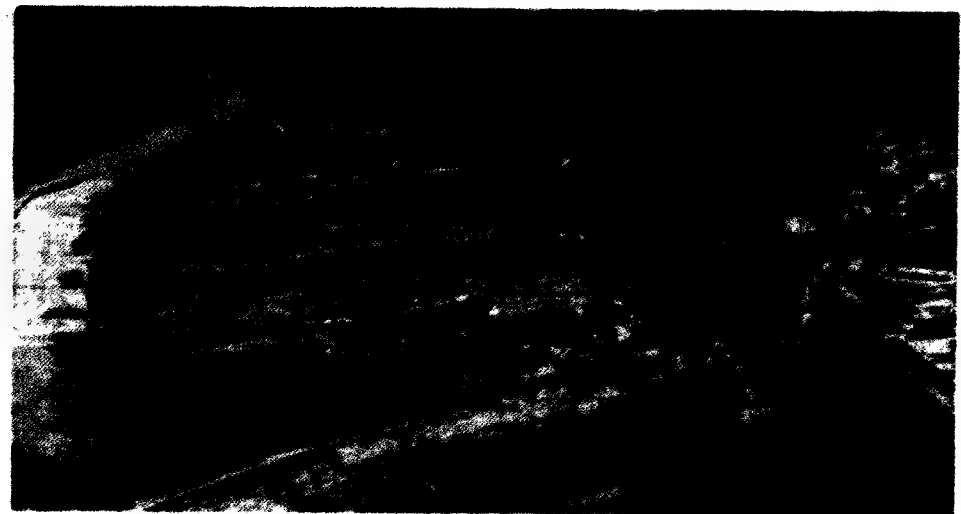
COIMBRA, 22 — Já há muito tempo que foi apresentado numa sessão da Câmara Municipal, um anteprojecto de urbanização particular da Quinta da Várzea, na margem esquerda do Mondego, a montante da ponte de Santa Clara.

A Insua, que tem uma enorme área, é cortada pela variante da Estrada Nacional n.º 1, conhecida pela

variante de Cernache, e pela antiga estrada das Lajes, em todo o seu cumprimento paralelo ao rio, do lado da cidade.

Lembramo-nos muito bem de que na referida sessão camarária, na qual aquele anteprojecto foi apresentado, tanto o presidente da edilidade, então o sr. dr. Moura Belvas, como todos os vereadores, manifesta-

ram o seu grande entusiasmo pelo empreendimento, e chegaram, mesmo, a discutir quanto aos edifícios a construir e estilos a adoptar, para que a zona não ficasse com o aspecto de um bairro de renda económica. Depois, nunca mais se ouviu falar do anteprojecto, nem de qualquer diligência que nos desse a ideia de que tudo não passou de mais um projecto para se juntar à já grande colecção



Aspecto geral da Quinta da Várzea, que vai ser urbanizada

que existe na Câmara Municipal — se é que os não inutilizam.

● Aprovação camarária

Agora, numa das ultimas reuniões, voltou a ser apresentado um anteprojecto, não sabemos se aquele que já fora apresentado e ao que fazemos referência, se outro, modificado, e dizemos modificado, que os proprietários do terreno mandaram executar, pois, desde então, podiam ter mudado de ideias ou entendido introduzir as modificações.

Ao apresentá-lo o presidente do Município, sr. eng.º Araújo Vieira esclareceu a Câmara de que o anteprojecto sofria, desde logo, alguns condicionamentos provocados pelo «Plano Regulador», a vigorar, e manifestou, ainda, o interesse pelo empreendimento, em face do que ele apresenta de valorização da zona onde todos esperam ver surgir uma nova Coimbra.

O anteprojecto foi apreciado pelos vereadores, e o sr. eng.º Azevedo Sobral, a quem está confiado o pelouro das Obras Urbanas, depois de o analisar convenientemente, emitiu o parecer de que concordava com o estudo feito para a encaixar, mas não com o da Insua, por lhe parecer um tanto desligado do conjunto.

Este parecer provocou a intervenção do vereador sr. dr. Francisco Cortês, para declarar que aprovava o anteprojecto, especialmente pelo que representa para o progresso da cidade.

No final, a Câmara aprovou o referido anteprojecto, que já foi ou vai ser remetido à Direcção-Geral, afim de ser devidamente aprovado.

● Que se evitem erros cometidos

Não há dúvida de que a iniciativa particular merece

os maiores louvores, e há que ponderar na declaração do presidente, segundo a qual o anteprojecto estava condicionado pelo estabelecido no «Plano Regulador», e ainda na intervenção do sr. eng.º Azevedo Sobral, quanto à aprovação dos estudos feitos, pois ela não deve ser dada ao anteprojecto sem que tudo seja devidamente ponderado, no sentido de se criar uma zona nova na cidade que não fique deficiente.

No local, devido à sua grande área e ao facto de ser terreno plano, pode nascer uma nova Coimbra, diferente da que já existe, com avenidas e ruas largas e direitas, o que não acontece no resto da cidade, dado o declive dos terrenos. E, assim, devem os responsáveis estudar com a maior atenção o anteprojecto, pa-

ra que, no futuro não se verifiquem tantos males como os que a urbanização da cidade tem sofrido nos ultimos anos.

Pena foi que se tivesse «implantado» nos terrenos que se seguem a juzante da ponte e do Estádio Universitário, para que a nova cidade se estendesse com as mesmas características, pois só a partir da Azinhaga da Guarda Inglesa tal prolongamento se poderá fazer, tanto mais que todos esses terrenos são, quase na totalidade, já propriedade do Município.

Aguardamos que a Direcção-Geral dê a sua aprovação ao anteprojecto e que a entidade particular proceda à referida urbanização para que a nova Coimbra surja no mais breve espaço de tempo possível.

J. M. S.

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Res.	Compra	Venda	Ultramarinas	Res.	Compra	Venda
Consolidado 4 1/4%	5305	5285	5325	Diamante Angola	—	—	14705
Consolidado 4 1/2%	5305	5285	5325	M. & Revus	6005	—	6055
Consolidado 4 3/4%	5305	5285	5325	Moeda de Príncipe	—	—	—
Consolidado 4%	5305	5285	5325	Mozambique	—	—	1125
Consolidado 3 1/2%	5305	5285	5325	Soneto A	—	3755	—
Consolidado 3%	5305	5285	5325	Soneto B	—	3805	3855
Consolidado 2 1/2%	5305	5285	5325	Zimbábue	765	755	765
Consolidado 2%	5305	5285	5325	C. Diversas	—	—	—
Consolidado 1 1/2%	5305	5285	5325	U. B.	—	—	—
Consolidado 1%	5305	5285	5325	U. C.	—	—	—
Consolidado 1/2%	5305	5285	5325	U. D.	—	—	—
Consolidado 1/4%	5305	5285	5325	U. E.	—	—	—
Consolidado 0%	5305	5285	5325	U. F.	—	—	—

OBRAÇÕES	Res.	Compra	Venda	Ultramarinas	Res.	Compra	Venda
Agua Umas 5%	—	4805	4955	Agua Lisboa 5%	—	3955	—
Agua Umas 4 1/2%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 4 1/2%	—	4105	—
Agua Umas 4%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 4%	—	3955	—
Agua Umas 3 1/2%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 3 1/2%	—	3955	—
Agua Umas 3%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 3%	—	3955	—
Agua Umas 2 1/2%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 2 1/2%	—	3955	—
Agua Umas 2%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 2%	—	3955	—
Agua Umas 1 1/2%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 1 1/2%	—	3955	—
Agua Umas 1%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 1%	—	3955	—
Agua Umas 1/2%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 1/2%	—	3955	—
Agua Umas 1/4%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 1/4%	—	3955	—
Agua Umas 0%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 0%	—	3955	—

ACCIONES	Res.	Compra	Venda	Ultramarinas	Res.	Compra	Venda
Agua Umas 5%	—	4805	4955	Agua Lisboa 5%	—	3955	—
Agua Umas 4 1/2%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 4 1/2%	—	4105	—
Agua Umas 4%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 4%	—	3955	—
Agua Umas 3 1/2%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 3 1/2%	—	3955	—
Agua Umas 3%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 3%	—	3955	—
Agua Umas 2 1/2%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 2 1/2%	—	3955	—
Agua Umas 2%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 2%	—	3955	—
Agua Umas 1 1/2%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 1 1/2%	—	3955	—
Agua Umas 1%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 1%	—	3955	—
Agua Umas 1/2%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 1/2%	—	3955	—
Agua Umas 1/4%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 1/4%	—	3955	—
Agua Umas 0%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 0%	—	3955	—

ACCIONES	Res.	Compra	Venda	Ultramarinas	Res.	Compra	Venda
Agua Umas 5%	—	4805	4955	Agua Lisboa 5%	—	3955	—
Agua Umas 4 1/2%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 4 1/2%	—	4105	—
Agua Umas 4%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 4%	—	3955	—
Agua Umas 3 1/2%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 3 1/2%	—	3955	—
Agua Umas 3%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 3%	—	3955	—
Agua Umas 2 1/2%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 2 1/2%	—	3955	—
Agua Umas 2%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 2%	—	3955	—
Agua Umas 1 1/2%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 1 1/2%	—	3955	—
Agua Umas 1%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 1%	—	3955	—
Agua Umas 1/2%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 1/2%	—	3955	—
Agua Umas 1/4%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 1/4%	—	3955	—
Agua Umas 0%	9705	9605	9705	Agua Lisboa 0%	—	3955	—

INDICE BORGES & IRMAO

COTACAO DAS ACCOES - Base Dez 65 100

	14/4/69	18/4/69	21/4/69
GERAL	114,9	116,7	116,7
METROP.	112,0	114,0	113,7
ULTRAM.	136,0	136,7	135,9

PAISES	Compra	Venda
África do Sul - Rand	86900	88900
América	—	—
— Dólar de 1 e 2...	28520	28520
— Dólar de 5 e 10...	28520	28520
Canadá - Dólar	7802	7822
Argentina - Marco	1908	1913
Austria - Schilling	5650	5650
Bélgica - Cruzado Novo	339,8	341,3
Espanha - Pesta	7178	7178
Francia - Florim	67500	67500
Inglaterra - Libra	504,45	504,45
Itália - Lira	4175	4175
Marrocos - Dirhan	153	153
Países Baixos - Florim	5620	5620
Portugal - Escudo	6555	6555
Reino Unido - Coroa	3365	3365
Suécia - Coroa	3380	3380
Suísça - Coroa	3335	3335
Yugoslávia - Dinheiro	—	—
Grã-Bretanha - Libra	—	—
Inglaterra - Libra	—	—
Inglaterra - 1/2 Libra	—	—
Ouro fino - Onça	—	—

J. BURNAY, L. DA Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 22
Papel de crédito
Tel. 221278

Profissionais da indústria hoteleira

Foi marcada para o dia 26 do corrente, pelas 17 horas, a assembleia geral extraordinária do Sindicato Nacional dos Profissionais da Indústria Hoteleira e Similares dos Distritos de Coimbra, Leiria, Guarda e Castelo Branco, para alteração do n.º 1 do art.º 9.º dos Estatutos.

Farmácias de serviço

Luciano & Matos (Tels. 22147 e 22148).
Higiene — Rua Fernandes Tomás (Tel. 22634).
Machado — Rua Bernardo de Albuquerque (T. 23767).
M. Nazaré — Av. João das Regras (Tel. 23033).

Percursos alterados na linha n.º 11 de autocarros

A partir de ontem, foi alterado o percurso das carreiras de autocarros n.º 11 (com traço) dos Transportes Colectivos, entre os Barros Brinca e Marechal Carmona, que no sentido Bairro Brinca-Marechal Carmona, e a partir da Solum, passa a circular em direcção à passagem de nível, Rua D. João III (a nascente do Estádio Municipal). Mantém-se os horários e os restantes percursos.

Centro de Estudos Teológicos

O padre Bernhard Haering, conhecido teólogo alemão, vem a esta cidade proferir duas conferências no Centro de Estudos Teológicos.

Assim, no próximo dia 25, às 18 e às 21.30, em local a anunciar oportunamente, falará sobre os temas «A contestação dos não violentos», «O cristão no mundo secularizado» e «A problemática da Humanas Vidas», que abordará também nas conferências que depois irá proferir no Porto, Lisboa e Braga.

Espectáculos Para hoje

CINEMAS
Gil Vicente — As 21 e 30: «As sandálias do pescador» (12 anos).
Avenida — As 21 e 30: «Um homem sem medo» (12 anos).
Tivoli — As 21 e 30: «Argoman, superdiabólico» (12 anos).
Santos Bastos — As 21 e 30: «Dois contra o Texas» (12 anos).
CIRCO
New York Circus (ao Arnelo) — As 21 e 30: Atracções várias (12 anos).

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pág. anterior)

Incrível. Reparem: a R. T. P. chama a atenção para a «graça» que os teleespectadores portugueses não podem entender! Isto não é graça: é desgraça. Com a apresentação desta série excepcional, a R. T. P. meteu-se num beco sem saída. A qualidade, responde com a indiferença. De modo que a «explicação» prévia tem qualquer coisa de gozo, de inconsciência, de brincadeira irresponsável que não pode senão provocar reacções desfavoráveis por parte do público.

A crítica recusa-se a comentar um espectáculo que o público não pode apreender na sua totalidade. Seria colaborar com um estado de coisas, com um processo que não pode tolerar-se. Dar-se a um público que tem fome comida que ele não pode utilizar, é muita crueldade. A crítica mais não pode fazer do que chamar a atenção para as incongruências que, ao longo dos anos, se têm acumulado. Pois então, no que respeita a organização e a bom-senso, nunca mais é sábio?

M. C.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITANICA DE TV

DESPORTO DESPORTO DESPORTO

NOVOS COMANDOS NO SPORT LISBOA E BENFICA

Tomou posse a direcção presidida por Borges Coutinho

Pronto. Está feita a rendição dos Corpos Sociais do Sport Lisboa e Benfica. A partir das 23 horas de ontem são outros os dirigentes do clube de Cosme Damião. Justino Pinheiro Machado, figura de singular relevo e prestígio no meio desportivo nacional, é, a partir de agora, o mais alto expoente do clube de que Luís Gato é associado n.º 1. António José de Melo, desportista da mais elevada estirpe, foi escolhido a ocupar o cargo de presidente do Conselho Fiscal. O dr. Borges Coutinho, benfiquista ilustre, vencedor incontestável de uma campanha sagitada e efervescente, foi posto pelos benfiquistas (maioria esmagadora) no cargo até ontem ocupado pelo comendador Adolfo Vieira de Brito. Francisco Calado, antigo futebolista no sufrágio eleitoral.

Presentes ainda a A. F. L. representada pelo dr. Garcia Branco (presidente), eng.º Alfredo Valverde (vice-presidente) e Silva Santos (secretário permanente).

As federações de ciclismo e atletismo estiveram igualmente representadas pelos seus presidentes, Idalino de Freitas e José Arrais.

Clubes adversários nas pugnas, quiseram demonstrar que a ética não é inimiga do desporto. Lá estiveram o F. C. do Porto — adversário de domingo — com toda a sua imensa massa associativa representada pelo dr. Ponciano Serrano (presidente da Assembleia Geral) e Afonso Pinto de Magalhães (presidente da Direcção); o C. F. «Os Belenenses» teve no seu presidente, dr. Gouveia da Veiga,

de saudação, Barreirense, Oriental, Acácio Rosa, António Adão, drs. Mesquita e Carmo, Paulino Gomes Junior e Pereira da Silva (vice-presidente do Sporting), entre muitos outros. É assim — com franca amizade e amistosas relações — que o Desporto deverá ser interpretado. O contrário significaria desunião que contraria os salutares princípios em que assenta toda a estrutura desportiva.

Colorosos aplausos para os que entram... e os que partem

Depois do dr. José Maria Gaspar haver feito as considerações tradicionais do acto, procedeu-se à chamada dos trinta e três benfiquistas a quem foi confiado o mandato nos próximos dois anos. Todos responderam à chamada e a vencer a sua assinatura no livro de posse começou a árdua tarefa de dirigir e governar um dos maiores — talvez o maior — baluarte desportivo português. Todos certamente confiam nas suas possibilidades, na sua inteligência, no seu benfiquismo, na sua dedicação. Todos depositam fé e esperança numa colaboração exigível aos restantes associados. Todos querem servir com apuro, lealdade e zelo. São trinta e três... e não serão demais para prestigiar um clube de tantas e tão gloriosas tradições no desporto nacional.

Os aplausos que escutaram — uns e outros — os que

(Continua na página seguinte)



O dr. Borges Coutinho no uso da palavra

Na digressão aos Estad. Unidos PEDROTO JÁ DEVE DIRIGIR O VIT. SETÚBAL

Desde sábado à noite, que Pedroto e o Vitória de Setúbal, chegaram a acordo: na próxima época o conceituado técnico nortenho será o responsável pela equipa setubalense.

Entretanto parece ser desejo dos dirigentes do Vitória que Pedroto dirija já a equipa na digressão que se projecta, no próximo mês, aos Estados Unidos, onde deve realizar encontros em Los Angeles e San Francisco.

PARA O JOGO DE S. JOÃO DA MADEIRA

CRUZ ESTÁ EM DÚVIDA

• NA SANJOANENSE SÓ NÃO JOGARÁ LOURO

O caso sucedeu em 29 de Setembro de 1968 quando, em São João da Madeira, Jaime Graça entrou em campo para substituir um companheiro sem ter pedido a necessária autorização. Resolvido o problema, o jogo continuou e o Benfica venceu por 2-0. Surgiu o protesto da Sanjoanense e, a seguir, toda uma complicada manobra e maquinaria de recursos, despachos, etc., etc.

Sete meses depois o jogo, finalmente, vai ser repetido. Proclamamento, amanhã, às 18 horas. Exactamente uma hora aguda e decisiva de Campeonato.

O que torna o jogo sensacional e fundamental. Agora, mais pelo resultado possível,

que pelo clima que se gerou. Porque agora são Benfica, F. C. do Porto e até V. de Guimarães que têm os olhos colocados naquilo que o marcador «contará» no final dos 90 minutos.

• Problema, nos campeonatos

Como se sabe o Benfica não poderá apresentar dois dos seus famosos dianteiros: Eusebio, que se encontrava castigado na altura do jogo anulado e Torres que está, no

momento, a cumprir idêntica pena. No entanto, depois do jogo de domingo, surgiu outra preocupação nos responsáveis «encarnados»: Cruz marcou-se num joelho e é muito problemático que possa oferecer a sua colaboração à equipa. Só hoje o Departamento Médico poderá chegar a uma conclusão. Entretanto, está de prevenção, o reservista Fernandes.

Os jogadores benfiquistas estão em estágio desde ontem e seguirão hoje, de comboio, para Espinho. A comitiva ficará instalada na vila donde só partirá para São João da Madeira, já muito próximo da hora do jogo.

Segundo informação que colhemos junto dos técnicos do Benfica, os campeões nacionais devem alinhar com a seguinte constituição: José Henrique; Adolfo (Malta da Silva), Humberto, Zeca e Cruz (Adolfo); Jaime Graça e Toni; José Augusto Praia, Abel (Aguiar) e Sanches.

• Ambiente de calma

Entretanto, em São João da Madeira vivem-se, calma e serenamente, as horas que antecedem o encontro. Aliás até esta manhã tinha sido visível, mente diminuta a procura de bilhetes para o que deve ter influido o facto de ontem ter feito na localidade, um dia de verdadeiro inverno.

É evidente que se espera melhoria e, consequentemente, venda rendosa.

Entretanto a equipa foi sujeita, ontem, de manhã, a uma sessão de banhos e massagens e, hoje, realizam uma sessão muito ligeira de preparação. Quanto a jogadores, a Sanjoanense só não poderá utilizar o seu dianteiro Louro que não estava inscrito na data do encontro anulado.

Desta forma os nortenhos devem alinhar da seguinte maneira: Fidalgo; Faria, Canelas, Zéquinha e Almeida; Moreira, Jambane e Orlando; Adé, Videla e Vitor Silva.



Justino Pinheiro Machado rubrica o acto de posse

lista do clube, passou a «comandar» o pelouro do futebol.

Cerimónia grandiosa. Manifestação plena e insofismável de crença clubista. Mais de mil associados. Ilustres e humildes. Dirigentes antigos. Diversos elementos pertencentes às «listas» ven-

o representante digno e Fernando Pedrosa não quis que o grande clube sadino ignorasse o momento alto vivido pela colectividade benfiquista.

Magnífica lição de salutar fraternidade desportiva. Outros clubes e entidades fizeram remeter telegramas

BASQUETEBOL

VASCO DA GAMA CAMPEÃO NACIONAL DE JUNIORES

Realizaram-se ontem à noite no pavilhão do Infante de Sagres, no Porto, os jogos da última jornada da fase final do campeonato nacional de juniores de basquetebol.

O Vasco da Gama foi o campeão e embora tenha conquistado o título não conseguiu a proeza de se conservar totalmente vitorioso na fase final. Os «vascainhos» deixaram que fosse o adversário (Vila Clotilde) a tomar a iniciativa do jogo.

No outro jogo, entre o Malhangalene e o Galitos, os moçambicanos venceram também por escassa diferença. Tal como o anterior, este encontro foi de excelente nível técnico.

Foram os seguintes os re-

sultados da jornada de ontem:

VASCO DA GAMA, 63- VILA CLOTILDE, 67

Árbitros: José Cardoso e André Costa e Silva, de Lisboa.

VASCO DA GAMA — Anteceto, Arlindo, António, Gomes, Madureira e Lima.

VILA CLOTILDE — Roque, Andrade, Loureiro, Henrique, Alves, Vitor, Paiva e Armindo.

GALITOS, 64- MALHANGALENE, 67

Árbitros: Luís Pina e Adriano Morgado, de Moçambique.

GALITOS — Madureira, Faria, Egueirão, Neves, Nascimento, Alves e Jorge.

MALHANGALENE — Ave-Mo, José Manuel, Toni, Paiva, Leonel, J. Luís, Armindo e Pina.

NÃO VIU GANHAR O «SEU CLUBE» — MAS GANHOU ELE 1000 CONTOS NO TOTOBOLA

Vieram do Porto, numa excursão em autocarro. Vieram muitos. Para fazer «claque» pelo F. C. Porto, no jogo com o Benfica no Estádio da Luz. Entre os muitos e vibrantes adeptos portenses viajou até à capital o sr. Augusto Ribeiro, morador em Pedrouços — Maia — Porto. Trouxe a mulher, os filhos e bandeirolas azul-brancas. No sábado à noite, andava pelo Rossio e foi tentar — no Serviço de «Última Hora» — a sua sorte no Totobola. Seis apostas simples — nove escudos. Foi o suficiente. Não, o sr. Augusto Ribeiro não



teria a satisfação de ver o Porto ganhar, mas ganhou ele: nada menos de 1021 contos no Totobola. Foi um dos três totalistas do concurso do passado domingo. O F. C. Porto

não assegurou, como o sr. Ribeiro desejava, o título de campeão. Mas assegurou ele próprio um estúpido «título individual»: o de campeão do Totobola.



As fotos não elucidam totalmente. Mas, de qualquer modo depõem no julgamento de Manuel Fortunato, o árbitro da partida Benfica-Porto. Tão depressa estava por terra um futebolista português como tocava a vez de se assistir a um lesionado benfiquista. Em grande parte do primeiro período do jogo houve mais semelhanças com es-

caranhuças pugilísticas do que com futebol. E, porquê? Porque um juiz totalmente inábil para a tarefa que se lhe era exigível foi o primeiro a dar o tom. A entender (no seu douto arbitrio que o futebol pode ser catch-as-catch-can, uma espécie de vale tudo sem lei nem regra. Então assistiu-se a uma inacreditável parada de violência, qual

seias mais digna de censura. Os dirigentes e os técnicos das apostrofaram-se. Os jogadores a injuriaram-se, a agrediram-se. Os fiscais de linha impetentes para conseguirem alterar o ade- se farniente de Fortunato. Enfim: um péssimo exemplo para milhares de assistentes. E uma única certeza: a de que Manuel Fortunato não reúne os requi-

sitos necessários para arbitrar jogos de nível médio. Dai o colocar-se a interogação, que exige imediata resposta dos responsáveis pela vida da Comissão Central de Arbitros a confirmar-se a notícia da elevação do juiz aboveano a árbitro internacional: quem se lembrou de Manuel Fortunato para os grandes jogos à escala europeia?

Acontecimentos DE ONTEM

Andebol

Inteiu-se a segunda fase do Torneio de Encerramento de Lisboa, da variante de sele, tendo-se registado os seguintes resultados: Sporting-C, 1. F., 31-19; Boa Nova-Santa Catarina, 20-17; e Faculdade de Ciências-Sporting da Penha, 24-20.

Ténis de mesa

Na Associação de Lisboa procedeu-se ao sorteio da Taça de Portugal de seniores e de juniores, que ficou assim ordenado:

SENIORES — Benfica-Sporting, no Arruio; e Ateneu-Paço de Arcos, no Benfica. Ficou isento o Ferroviário. Os jogos realizam-se, na quinta-feira, às 21 e 30.

JUNIORES — C. Católica-Ateneu, no Ateneu; Sporting-Lisboa, no Lisboa; e Benfica-Intendente, no Desportivo Operário, amanhã, às 21 e 30. Ficou isento o Armadorense.

Futebol

Realizou-se, no Estádio do Bonfim (Setúbal), o último treino do seleccionado juvenil setubalense, que, na próxima quinta-feira, pelas 18 horas, se encontra perante os representantes de Lisboa. Os jogadores são os seguintes: João Manuel (V. de Setúbal) e Ramires (Moltenise) — guarda-redes; Joaquim Henriques (Seixal), Rogério (Sardinha), Queirós (Almada), Vítor Pereira (C. U. F.) e Jacinto Ribeiro (Seixal) — defesas; Severo (Sardinha), Tavares (Almada) e Simões (Seixal) — médios; Serrinho, Garrido e César, todos do V. de Setúbal, Ruas (C. U. F.), Manuel José Montalvo e Fernando Marques (1.º de Novembro) — avançados.

A concentração dos jogadores está marcada para às 10 horas do próprio dia do encontro, em Caslhus.

POSSE NO BENFICA

(Continuação da pág. anterior)

partiram para lá do muro das ideias e as que lhes sucederam não bem uma prova inequívoca de estímulo e confiança. O dr. Martins Canavente, Romão Martins e o comendador Adolfo Vieira de Brito, executaram, ao depor os seus cargos, o obrigados dos seus consócios. Testemunho de gratidão. Reconhecimento de trabalho útil e válido. O dr. Jorge Coutinho, Germano Campos, Pinheiro Machado, Francisco Calado e todos os demais novos dirigentes, ouviram o eco estrondoso e vibrante da confiança com que foram investidos nos cargos que ora assumiram.

Os discursos

Fim do cerimonial da posse e depois de Justino Pinheiro Machado ter lido o teor de um telegrama endereçado ao sr. Presidente do Conselho de congratulação pelo êxito da sua visita ao Ultramar falou em primeiro lugar o dr. Jorge Coutinho. Coutinho a iniciar a série. Sobre o acto eleitoral esboçou: «a apresentação de três listas não só facultou aos sócios a possibilidade de uma opção real e efectiva, mas também que o Benfica possui um vasto escol de dirigentes e não corre o perigo de depender da personalidade isolada ou grupos minoritários». Ficou seguidamente o grau de civismo com que a campanha eleitoral decorreu salientando que as eleições não foram um factor de divisão, mas uma forma de fazer chegar junto dos sócios os problemas e anseios do clube, terminando com considerações sobre o trabalho desenvolvido pela direcção cessante e manifestando a certeza de que pode contar com a sua colaboração do mesmo modo que sabe que conta com o auxílio dos elementos que fizeram parte de outras listas no acto eleitoral.

O presidente da A. F. L. (dr. Garcia Branco) e José Arrais pela F. P. Atletismo, usaram da palavra para enaltecer o significado do acto e felicitar os empossados.

Dr. Gouveia da Veiga («Os Benenenses»):
«Unidos seremos mais poderosos»

Enfaticamente saudou o dr. juiz Gouveia da Veiga, foi o orador seguinte. Disse a dado momento: «é tradição deste clube a chamada de homens de rara capacidade e incontestáveis méritos, e tanto assim é que o no-

vo presidente da Associação geral não pertence em exclusividade a este clube por que também é, e de mérito, do clube que aqui me apraz representar. Homem bom, digno e justo ao qual os benenenses testemunham o seu apreço. Quando uma colectividade tem à frente dos seus destinos um homem desta categoria moral, queda-mos todos perante uma certeza — a do respeito e consideração de todos os outros clubes. E seguidamente adiantou: «Unidos seremos cada vez mais poderosos, pois se ambos somos espere nos mesmos princípios e objectivos, isolados tropeçaremos nos nossos próprios obstáculos e passaremos de condutores a conduzidos. E terminou, assim: «A massa associativa do Benfica aqui deixa o nosso mais ardente voto para que sempre, e em glória possa bradar bem alto pelo seu Benfica». As suas últimas palavras foram arrebatadas com calorosos aplausos e ecoou na sala um estridente grito de «viva o Benenense».

Coube ao dr. Ponciano Serrano, presidente da assembleia geral do F. C. Porto, de transmitir a mensagem do grande clube nortenho, tendo nós registado as seguintes palavras:

«O F. C. do Porto, o maior clube do Norte, não poderia deixar de estar presente e trazer o testemunho da sua admiração pelo maior clube de Portugal. Estas palavras tocaram na sensibilidade do vasto auditório e foram acompanhadas com justificados aplausos. Prosseguindo na sua brilhante dissertação, o dr. Ponciano Serrano agradeceu as atenções sempre dispensadas pelos responsáveis benfiquistas e dirigindo-se a Pinheiro Machado afirmou: «V. Ex.ª, figura veneranda deste glorioso clube, saltou a esfera clubista sendo um dirigente nacional, mais é um dirigente de projecção internacional». E a terminar: «para a gloriosa família benfiquista deixo as saudações da massa associativa do F. C. Porto e estou certo de que estes dirigentes vão fazer deste Benfica um Benfica ainda maior».

Justino Pinheiro Machado:
«O futebol português não está a caminhar bem»
E a Pinheiro Machado coube o discurso de encerra-

mento. Falou de improviso. Saudou a massa associativa. Não esqueceu a imprensa, que considerou «o alicerce firme do desporto». Sobre o dr. José Maria Gaspar, louvou a «ardua missão que sempre soube desempenhar, pois a ele se fica a dever a unificação dos benfiquistas». E com o calor próprio da exaltação clubista e da sua dedicação pelo futebol, reconheceu que «o futebol português não está a caminhar bem». Todos temos que fazer alguma coisa por forma a fazer reviver a gloriosa campanha do último mundial».

Ao terminar, apelou para a união e firmeza de todos em defesa dos interesses do clube.

E muitos benfiquistas ficaram abraçados no Pavilhão da Luz. Era quase meia noite.

VOLEIBOL

Técnico — campeão invicto no Regional de Lisboa

Concluiu-se ontem o campeonato regional de voleibol (qualificação do 1.º ao 4.º lugar).

O Técnico, que renovou o título contando por vitórias os encontros efectuados, venceu o L. Ginásio por 3-0 (15/9; 15/7; 15/11).

Sob a direcção de Fernando Rodolfo e Oliveira Dias, as equipas formaram:

TÉCNICO — André Mendes, Ernesto Esteves, Costa Reis, Carlos Canas, Raul Carregoso, Luis Briz, António Correia e Cunha Pereira.

L. GINÁSIO — Casal-Ribeiro, Armando Jerónimo, Rodrigo Carvalho, Fernando Simões, Marques Pereira, António Ribeiro, Joaquim Azevedo e Fernando Cavaco.

Vitória justa dos campeões de Lisboa após um encontro que pouco interesse oferecia para a classificação e que serviu, apenas, para cumprimento do calendário. Registese, no entanto, a excelente exibição de Jerónimo na equipa do L. Ginásio.

No ginásio do I. S. Técnico decidiu-se o 2.º lugar da competição, tendo o Benfica vencido o Nacional.

Este encontro, que teve

NATAÇÃO

Queda de «records» em Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 22 — (A. N. I.) — Foram estabelecidos novos «records» nacionais e regionais absolutos durante o torneio de encerramento de natação, em Lourenço Marques.

Nos cem metros-mariposa, Susana Abreu, do Desportivo, fez um minuto e 12,8 segundos, Carlos Oliveira, também do Desportivo, fez um minuto e 18 segundos nos cem metros bruços e Dulce Gouveia, do mesmo clube, fez dois minutos e 54,7 segundos nos duzentos metros mariposa, estabelecendo também absolutos regionais e regionais seniores.

HOJE À NOITE

ANDebol, DE ONZE — Campeonato de Lisboa de Seniores: Cova da Piedade-Belenenses, às 21 e 30, no campo Silva Marques, na Cova da Piedade.

BASQUETEIBOL — Taça de Portugal Masculina: Benenense-C. U. F., às 21 e 30, no pavilhão da Ajuda.

Grande Prémio Feminino: Educação Física-C. D. U. L. (II), às 22, no pavilhão do Estádio Universitário.

FUTEBOL — Taça Tejo, em reservas: Benenense-Sporting, às 21 e 30, no Restelo.

Sorteio do Torneio de Encerramento de Seniores, na Associação de Évora, às 21 e 30.

HÓQUEI EM PATINS —

Torneio Aniversário da Juventude Salusiana: J. Salusiana-C. Ourique (juvenis); J. Salusiana-Cascais (júnior); e Paço de Arcos (honra), a partir das 21, no pavilhão da J. Salusiana, no Estoril.

TÉNIS DE MESA — Taça de Portugal, em seniores: Benfica-Sporting na mesa do Armadorense (Rua do Crucifeiro, 206) às 21 e 30.

Porto
VOLEIBOL — Campeonato Regional de Reservas: Milhede-Belénense, às 21 horas, no campo do primeiro.

HILHAR — Torneio do F. C. Porto: Jogos no salão do Café Ceita, a partir das 21 e 30 horas.

JUDO

COSTA MATOS CAMPEÃO NACIONAL ABSOLUTO

O Campeonato Nacional Absoluto de Judo reuniu a inscrição de 36 judocas, que produziram um bom espectáculo perante numerosa assistência.

A classificação final ficou assim estabelecida: 1.º, Fernando Costa Matos, 8.º Dan Judo Clube de Portugal; 2.º, Henrique Nunes, 2.º Dan, Associação Académica de Com-

bra; 3.º, Francisco Aguiar, 2.º Dan, J. C. P. e Carlos Oliveira, 1.º Dan, do mesmo clube.

No final o dr. Wata representante do Japão entregou a Costa Matos a «Taça Embaixador do Japão» e ao campeão e aos restantes classificados as medalhas instituídas pela Federação Portuguesa de Judo.

Conta Juventude

CARTAZ DOS CINEMAS

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 636763
As 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Edmond G. Robinson e Janet Leigh em empolgante história de um roubo audacioso
O ÚLTIMO TRUNFO
Cinecolor - Technicolor
Um filme que é um festival

Metro: Estação Poço

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 686134
A maior produção cinematográfica da década
5.ª e última semana
AUSTERLITZ
1.º episódio de

GUERRA E PAZ

70 mm - Mestocolor
Realiza de Sergei Bondarchuk segundo a obra de Leo Tolstoy
Horário das sessões:
Sessão Filme
15.00 15.13
21.30 21.43

ESTUDIO

(M. 12 anos) Tel. 48608
As 15.30, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
Technicolor - Techniscope
CHARLY
Um filme de Ralph Nelson com Cliff Robertson e Claire Bloom

ROMA

(Adultos) Tel. 737778
As 15.30 e 21.45
DANY CARREL em
A PEQUENA VIRTUDE
com Jacques Perrin - Robert Romain - Pierre Brasseur
(EASTMANCOLOR)

POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 326366
HOJE: As 15.15 e 18.15 (p. r.)
UM FILME EMOCIONANTE
com MARTIN MELNER
UM IMPÉRIO NA SELVA
HOJE, As 21.45 (M. 17 anos)
ESPECTÁCULO DE TEATRO

ODEON

Tel. 226223
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
GRANDIOSO ÉXITO
Uma comédia em alto estilo de fascinação espectacular
AMOR ANDALUZ
com Carmen Sevilla
Francisco Rabal e Ariano Fernández
LINDAS CANÇÕES
Eastmancolor

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327772
As 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
O maior filme político das últimas vinte anos
SETEVE MCQUEEN e BULLITT
TECHNICOLOR

ALVALADE

(Adultos) Tel. 743088
As 15.45 e 21.45
2.ª SEMANA
O maior filme político das últimas vinte anos
SETEVE MCQUEEN e BULLITT
Vocês já mais o esqueceram?

EDEN

(Adultos) Tel. 326768
As 15.15, 18.30 e 21.45
Dean Martin a braços com quatro aventuras...
São elas... Elke Sommer, Sharon, Taty Tins Louie e Nancy Kwan
UM PERIGO EM CADA «CURVA»

ESTUDIO 444

(Adultos) Tel. 779086
As 18.30 e 21.45
A completa dissolução do homem pelos processos mais femininos
FALEMO DE HOMENS
c/ Nino Manfredi e Margaret Lee - Luciano Palmiti

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Tel. 326917
As 21 horas
O MARIDO É MEU... MATO-O QUANDO ME APETECER!
O DUELLO NA ILHA

LIDO

Praça D. João I - Amadora
(M. 12 anos) Tel. 937593
As 21 e 30
Acção! Suspense! Um filme que prende e emociona
CHAMPANHE ESCANDALOSO
com Anthony Perkins e Yvonne Furneaux

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45933
As 21 horas
A VIÚVA SOLTEIRA O GRITO DE GUERRA DOS COMANCHES

LIZ

(Adultos) Tel. 46560
As 21 h
A MINHA FILHA É UM PROBLEMA
SERVIDÃO HUMANO

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 686086
As 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
2.ª SEMANA
Aline Delon, Romy Schneider e Maurice Ronet em
A PISCINA
Um filme de Jacques Dreyer

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 64153
2.ª SEMANA
As 18.15, 18.30 e 21.30
Uma verdadeira pandeja cinematográfica
A FESTA
com Peter Sellers e Claudine Longet

AVIS

(Adultos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
O amor transformou-se em violência, a amizade em ódio, a confiança em traição...
HISTÓRIA DE UM ASSALTO
Eastmancolor - Deitascopes
c/ Tomas Millan e Anita Ekberg

CONDES

Tel. 222523-226718
As 18.15 e 21.15 (Adultos)
1.ª SEMANA
70 mm - Mestocolor
E TUDO O VENTO LEVOU
c/ Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland
O filme começa a ser exibido 10 minutos depois do início das sessões

EUROPA

(Adultos) Tel. 641016
As 15.30 e 21.30
Um «Western» dos autênticos, pleno de acção
c/ Lee Van Cleef, Tomas Millan e Walter Barnes em
O GRANDE PISTOLEIRO

CASINO ESTORIL

(M. 12 anos) Tel. 260729
As 17 e 21.30
AS AVENTURAS DE «O SANTO»
com Jean Marais e Danielle Evenden

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 618375
As 21.30
24 HORAS NA VIDA DE UMA MULHER
com Danielle Darrieux e Robert Hoffmann

MONUMENTAL

(Adultos) Tel. 666181
As 15 e 21.30
5.ª SEMANA
FUNNY GIRL
Uma rapariga espiã com Barbara Streisand e Omar Sharif

QUINZENA

O AMOR NO CINEMA
Amanhã - 18.30 h. - Adultos
ESPLendor NA SELVA
de Elio Kazan, com Nathalie Wood, Warren Beatty, Pat Hingle, etc.
Dia 25: «A Flor à Beira do Fântasma» (Adultos)

PRÊMIO ROMA

Sob o patrocínio do ministro do Turismo e dos Espectáculos, do município e da Delegação Provincial de Turismo de Roma e com a colaboração da Alitalia, foi ontem inaugurado, por ocasião do 2722.º aniversário da cidade, o Prémio Roma dos Espectáculos. Trata-se de um festival do teatro mundial, que, no período de 35 dias (de 21 de Abril a 25 de Maio) apresentará 21 representações diferentes, provenientes de onze países.

A característica principal do «Prémio Roma» é, sem dúvida, a sua internacionalidade. Por isso se intitula Revista Internacional das Artes do Espectáculo e nele participarão países de idioma, tradições e situação geográfica totalmente diferentes: da Itália ao Canadá, da França ao México, da Espanha aos Estados Unidos, Inglaterra,

TEATROS

A B C — As 20 e 45 e da 23:
«Eles é que sabem» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — As 20 e 15 e da 23: «Adão e Eva» (17 anos)

CINEMAS

CINEARTE — As 21: «Golpe de mestre à napolitana» (2 anos)
PARIS — As 21: «O bom o mau e o vilão» (17 anos)
ROYAL — As 21: «Bailado no gelo» (12 anos)
ARCO IRIS — As 21: «Anastasia» (12 anos)
JARDIM — As 21: «Diabolik» (17 anos)
OLIMPIA — As 9: «Kiwua» (12 anos)
CINE-MOSCAVIDE — As 21: «Blue» (17 anos)
PROMOTORA — As 21: «A nova estrova de luto» (17 anos)
CINE-ORIENTE — As 21: «Diango» (17 anos)

A VOZ DO OPERÁRIO — As 21:

«Cinco anos depois» (anos).

● **Linha de Cascais**
ESTORIL — CASINO — As 7 e 21 e 30: «O canto do castiçal» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «A minha senhora» (17 anos)

● **Linha de Sintra**
DAMAIA — D. JOÃO V — As 21 e 30: «No calor da noite» (17 anos)

● **Venda Nova** — CINE-PORTUGAL — As 21: «Os voluntários e o crítico da família» (12 anos)

● **Outra Banda**
ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «Adão e Eva» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIAO ARTISTICA — As 21 e 5: «As férias grandes» (17 anos)

VINICIUS DE MORAES

(com Chico Buarque

e Nara Leão)

de novo no Villaret

A partir de sexta-feira, às 21 e 45, mas somente durante cinco dias, o público de Lisboa voltará a aplaudir o poeta Vinicius, que tanto e justificadamente exultou alcançando quando do seu espectáculo de há meses no Teatro Villaret.

Vinicius vai voltar e desta vez com dois nomes famosos da actual música brasileira: São eles Chico Buarque e Nara Leão, artistas que dispensam apresentação.

Os bilhetes para esta curta série de espectáculos intitulados «A Pobre Menina Riça» encontram-se já à venda nas bilheteiras do Teatro Villaret.

FARMACIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno H

AJUDA — Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro 7 (633288) e São Nova, R. das Quilinas 25-27 (637777)
ALVALADE — Alvalade Av. do Grego 8-A (72070) e Gasparilha R. D. Gama Barros, 54-A (700465) e Ideal Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (72803) e Paris, R. Rainald Ferrer, 5-A-B (ao Pôr do Sol) (77013)
ALCANTARA — Lisbonense, R. Leão de Oliveira 2-B (637020)
ANJOS — Colónel, R. Forno do Tolo, 40 (84 2) e São José, R. dos Anjos 4 (50730)
ALTO DO PINA — Nibel, R. Actor Vale 53 (842 52)
AREIRO — Vere Cruz, Pr. Atrezo, Pórtico 2-E (72494) e Orlado, Av. João XXI 3-A (726548)
ARROIOS — Oriental de Lisboa, Rua de Arroios 25 (45079)
AVENIDAS NOVAS — Miranda, Campo Pequeno 36-B-C (40592) e Sagres, Av. Luís Blav, 69-71 (47213) e Cardeira, Av. Duque de Avila 32-C (43495)
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Zire, Praça das Casas Novas, Lote 66 (31072)
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Remota, Rua B, 6, Rua Mourão de Orlado 7 (385800)
BAIXA — Centro Farmacêutico, R. das Portas de St. António, 86 (32 211) e União, R. do Vê-lo, 21 (32193)
BELEM — Ocidental, R. D. Jerônimo Osório, JPM 3 (6 0256)
BENFICA — Benfica, Est. de Benfica 678-E (720532) e Seta, Est. Benfica 429-43 (780027)
CAMPO GRANDE — Mestrepia, Campo Grande 38 (774682)
CAMPO DE OURIQUE — Portirio, R. Franc Metrass, 59 (663349) e Ivone, Lda, R. Silva Carvalho, 237-C (650760)
CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 7 (68034)
CARNIDE — Leão de Matos, Rua Nova Costa 33-35, (180 81)
CONDE DE REBONDO — Selester, R. C. da Redonda, 9-A (44 58)
ESTRELA e LAPA — Palcos e Paralelos, R. de St. António à Estrela, 96-98 (665196) e S. A. E. Silva, Filhos, R. de S. João da Moura, 74 (667010)
GRACA — Ameli, R. das Escotas Geras, 88-A (863940)
LUMIAR — Almeida, A. dos Linhas de Torres, 20-B (790942) e S. Tomás, Est. do Dourado, lote 2-C (790704)
MARVILA — Taveres, R. Direita de Marvila, 25 (38612).

MOURARIA — Taveres, R. do Palmar 94 (863350)
OLIVAS (Sul) — Higienas — Rua Cidade V. o Cabral (ex-Rua B 4) Lote 43 zona poente e São Paulo — Rua 2 Lote 823 (3 Estrada de Moscovide) (Tel. 3 0711)
PENHA DE FRANÇA — Zonal, R. Mouras Soares, 56 C (847108)
PICHELEIRA — Mariz, Cais do Picheleiro 40 B C (720703) e (728395)
REGO — Prates & Mata, Rua do Beneditância, 9 (773128)
RESTELO — Tenere — Rua Rodrigo Reis, 3-A (6 encosto do Restelo—próximo das Mouras) Telefone: 61 814
S. BENTO — Silve Santos, R. da Esc. Politécnica, 82-A (660280) e São Bento, R. dos Paros de S. Bento 3 (679673)
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO — Neve Lus, R. D. Domingos Jardo, 28-A (843439) e Martins, Lda, R. Fernão de Magalhães 33 (849448)
MOSCAVIDE — Varela, Av. Moscovide, 44 (25 8520)

Linha de Cascais

ALGES — Branca, Av. Lomb G Guerra, 29 (212081)
CAXIAS — Neve, Rua Bernardino Ribeiro, -A (24839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinta, 86 (245104)
OELAS — Godinho de Silva — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)
PAREDE — Almir, Av. Gago Coutinho — Barro das Casas de Beneditância (247248)
ESTORIL — Parque, Arcadas do Parque, 8 (260 91)
CASCAIS — Marginal, Av. Marginal (280078) — A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (280214)

Linha de Sintra

AMADORA — Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (9300 9) — Pimenta, R. Elias Garcia, 76-3 Tel. 932485 — Confluncia, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 5-A (938 49)
DAMAIA — Confluncia, Estrada Militar Lote D (Tel. 97 1023)
QUELUZ — André, Av. Elias Garcia 51 (950045) — Queluz, Av. Miguel Bombarda, 28-A (95 841)
CACIM — Central R. Elias Garcia 55 (2940084)
MEM MARTINS — Quilme, Est. Mem Martins 285, (29700 2)
S. PEDRO DE SINTRA — Valente, (980456)
SINTRA — Misericórdia, Largo de Gregório de Almeida, 2 (Tel. 98039)
COLARES — Colares, Abrão, (Tel. 299088)

Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes L. Cordeiro, R. Ramal da Costa L. Tel. 234 371
ALHOS VEDROS — Guesmão, Rua Lândio dos Reis, 30 (24020)
ALMADA — Alameda, R. Fernando Lopes (270271)
BAIXA DA BANHEIRA — Alameda, Est. Nacional 74 (243032)
BARREIRO — Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (22732)
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues P 5 de Outubro 62 (270 21)
MOITA — Silve Rocha, R. de R. pública, 6 (25029)
MONTIJO — Diogo, R. Ambrósio Cândido dos Reis, 42 (230032)
S. BENTURA — Lopes, R. Cândido dos Reis, 61 (229028)
SETUBAL — Normal de Set. — P. do Bocado (Tel. 222 6)
SEIXAL — Godinho L. de Graça, 5 (27 8580)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 661858 e Companhia Reunidas 597011 e Gásdile 538821 e Gásdile de dom e terrenos 582059.
BOMBEIROS — Sapadores 22222 e Voluntários 585524
POLICIA e G. M. R. — Serviço de emergência, 115 e Segurança Pública, 866141 e Judiciária, 585380 e Marítima, 524456 e Internacional, 662721 e Viagem e Trânsito, 42205 e G. M. R. (área rural), 86865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665842 e Enfermagem permanente, 766161 e Enfermagem de urgência, 43738 e Hospital de Santa Maria, 775717 e Hospital de S. José, 860131 e Sanguin, oxigénio e soro, 771168 e 771169 e Transfusões, soro e oxigénio, 585524 e Centro de Intervenções (Internatv), 767777, 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 e Caminhões de carga (C. P.), 849029 e Caminhões de carga (Estoril), 861121 e Estação fluvial (P. de S.), 525845 e Estação fluvial de Alcantara, 663195 e Estação fluvial de Rocha, 672445 e Estação fluvial (Belen), 688581

BOM APETITE

XANGAI

Av. Duque de Loulé, 20-B
Tel. 578 78
(franco)
6 Embaixada Americana
ESPECIALIDADE DIÁRIA
SALMÃO YO LYN
e outros pratos
CHÃO CHÃO

VIRIATO

RESTAURANTE
CERVEJARIA
SNACK-BAR
COZINHA
PORTUGUEZA
Rua Tomás Ribeiro, 33-37
Lisboa tel. 4 214
Telefones: 35 87 58

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO (POSTO SNELL) EM

AZEITÃO
ESTRADA Lisboa-Sintra
Tel. 22 82 44
LOCAL APROPRIADO PARA
ALMOÇO, TOMAR CHÁ
E JANTAR

MONTE ALTO

Rua Filipe Folques, 10-B-C-D
Tel. 51905
TODOS OS DIAS PRATOS
VARIADOS
SERVEN-SE BANQUETES
LANCHES DE CASAMENTO

QUINTA DE S. VICENTE

RESTAURANTE
AOS SABADOS e DOMINGOS
Tel. 535281
Telheiras de Clara, 144
JANTARES DANÇANTES
e/ conjunto privativo

TARANTELA

RESTAURANTE • SNACK-BAR
L. B. Estefânia, 23 e 27
Tel. 535288
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala de 1.º andar para
Banquetes
Lanches de Casamento

APÓS AS REFeições CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa



Propriedade de
Renaissance Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Rede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DISOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

COMEÇARAM HOJE AS SESSÕES DO COLÓQUIO «AO SERVIÇO DA EXPORTAÇÃO»

o tempo

INFORMAÇÃO
DO SERVIÇO
METEOROLÓGICO
NAO ONAL:

TEMPERATURAS EXTREMAS
OBSERVADAS NA REDE NA-
CIONAL DO CONTINENTE
ATE AS 9 HORAS DE HOJE
—Máxima: Ponta da Moura, 18,5;
mínima: Ponta da Moura, 5,1.

TEMPERATURAS OBSERVA-
DAS, AS 9 HORAS, NA COS-
TA DO SOL — Na atmosfera:
13,3, na água do mar, 14,6.

PREVISÃO GERAL
ATE AS 24 HORAS
DE AMANHÃ

Céu muito nublado, períodos
de chuva ou chuvisco em
especial nas regiões a norte
de rio Tejo. Vento moderado
dos quadrantes do Oeste.



Amanhã
Nuvens de 6 a 50
Oeste de 20 a 21



Die 24 Die 2 Die 3 Die 16

MARÉS:

PRÉIA-MAR: Dia 22 — 1 a
30 (3,7 m); 19 a 50 (3,4 m);
Dia 23 — 8 a 28 (3,0 m);
20 a 52 (3,2 m); Dia 24 —
9 a 55 (3,9 m); 22 a 01
(3,1 m); BAIXA-MAR: Dia 22
— 0 a 56 (1,5 m); 13 a 07
(1,6 m); Dia 23 — 1 a 42
(1,7 m); 13 a 50 (1,8 m); Dia
24 — 2 a 40 (1,8 m); 14 a
57 (2,0 m)

VAMOS ELEGER A «PRINCESA DAS TEEN-AGERS»

O «Diário de Lisboa» volta a organizar o certame para eleição da «Princesa das Teen-Agers Portuguesas», concurso que, no ano passado, proporcionou o triunfo de Rita Matos Chaves e, como prémio maior, uma maravilhosa viagem aos Estados Unidos da América do Norte.

A nova edição do concurso podem habilitar-se todas as raparigas portuguesas, solteiras, nascidas entre 15 de Junho de 1950 e 15 de Maio de 1955, bastando para o efeito recortar e preencher um boletim que amanhã começa a ser publicado nas nossas colunas e remetê-lo à secretaria do «Diário de Lisboa» (Rua Luz Soriano, 44, em Lisboa) juntamente com duas fotos: uma de corpo inteiro e outra de busto.

Os cupões de inscrição recebem-se até ao próximo dia 5 de Maio, prevendo-se que a cerimónia de eleição se processe três dias mais tarde, a tempo de a eleita preparar a sua bagagem para a viagem-passeio a Chicago num avião da TAP (Transportes Aéreos Portugueses).

Em Chicago, nos primeiros dias de Junho, a representante de Portugal vai desfilhar na eleição da «International Teen Princess», habilitando-se (portanto) a prémios sensacionais.

A partir de amanhã aguardamos as candidaturas das jovens de Portugal. Beleza, fotonia e graciosidade — eis os requisitos essenciais que podem proporcionar um passeio inolvidável.

Construção nos Açores de um Laboratório de Acústica Submarina com a participação da N. A. T. O.

VILA DO PORTO (ilha de Santa Maria), 22. — (A. N. I.) — É amanhã lançada a primeira pedra da construção do Laboratório

de Acústica Submarina, para fins de investigação oceanográfica, com a participação de países da N. A. T. O.

Preside à cerimónia o ministro da Defesa Nacional, general Sá Viana Rebelo, que chegará amanhã a Santa Maria.

Na quinta-feira, o ministro visita a ilha de São Miguel, regressando a Santa Maria no mesmo dia, onde o Município de Vila do Porto oferece um jantar em sua homenagem, no hotel «Terra Nostra». No dia seguinte o general Sá Viana Rebelo deve seguir para a ilha da Madeira.

MORREU ATAULFO ALVES

RIO DE JANEIRO, 22. — (F. P.) — O compositor brasileiro Ataulfo Alves faleceu nesta cidade, com 59 anos, vítima de uma afecção pancreática. Foi autor de numerosas canções populares, entre as quais «Amélia», «Camelhando» e «Atire a primeira pedra».

Ataulfo Alves tinha nascido no Estado de Minas Gerais em 2 de Maio de 1906.

Em Portugal era muito conhecido, especialmente após ter actuado no Casino Estoril, com o seu show intitulado «Ataulfo Alves e as cabrochas do samba».

Como era de prever, tal num clima de grande interesse, autenticidade e vivacidade invulgar, que esta manhã se iniciaram, na Feira Internacional de Lisboa, as sessões de trabalho do Colóquio «Ao Serviço da Exportação». A iniciativa, da maior oportunidade, deve-se ao Fundo de Fomento da Exportação.

Presidiu o sr. Fernando Alves Machado, presidente da Comissão Técnica de Cooperação Económica Externa. Presentes, além de representantes de departamentos oficiais ligados ao sector da Economia e, particularmente, à exportação, viam-se economistas e numerosos representantes da indústria privada.

Na sessão da manhã foram apresentadas as seguintes teses: «Tendências e perspectivas da exportação portuguesa», pelo dr. Silva Lopes; «Efeitos directos e indirectos das exportações», pelo Instituto Nacional de Investigação Industrial; e «O problema do espaço económico português», pela Comissão de Coordenação Económica.

A tarde, o eng.º Carlos Lourenço apresentou uma tese da Comissão Técnica de Cooperação Económica Externa, sobre «Cooperação e integração económicas — aspectos relativos a Portugal»; o dr. Repolho Correia referiu-se à exportação portuguesa e aos movimentos de integração e de desenvolvimento aduaneiro; a Associação Comercial de Lisboa apresentou uma tese sobre «Alguns aspectos das exportações metropolitanas»; e a Direcção-Geral de Economia do Ministério do Ultramar apresentou um trabalho sobre «Exportação do Ultramar Português para os países da OEE e EFTA no período de 1961-67».

Intervenções livres
Cada tese era posta à discussão, sendo a palavra dada a quantos a solicitavam. Livre discussão numa assembleia verdadeiramente interessada.

A tese do dr. Silva Lopes, por exemplo, provocou uma meia dúzia de intervenções de interesse. Algumas perguntas e objecções. Um dos intervenientes, a certa altura, disse que o orgulho de se não querer considerar país subdesenvolvido prejudicava economicamente Portugal. «Entretanto», disse, a Espanha, Israel, a Índia e o Brasil não tinham vergonha de serem considerados países subdesenvolvidos. E disso tiravam vantagem.

Em resposta, o dr. Silva Lopes deu explicações e in-

ALTERAÇÃO NA ROTA DOS CACILHEIROS

Em consequência de trabalhos efectuados junto do Cam de Alfândega, foram hoje desviadas as carreiras dos cacilheiros para a estação fluvial do Terreiro do Paço.

A alteração manter-se-á por seis dias.

Os cacilheiros, durante esse período, atracarão no cais que se situa logo para além da estação Sul-Sucesso.

As obras aludidas dizem respeito à pintura e ajustamento dos pontos de embarque.

formações de interesse. A certa altura, a propósito do nosso subdesenvolvimento, afirmou que estamos mais desenvolvidos que o Paquistão. Levamos um avanço e, por isso, podemos pagar salários mais altos que o Paquistão. Temos que caminhar mais rapidamente que o Paquistão. Quanto a isenções de impostos sobre a importação de bens de equipamento não produzidos em Portugal — assunto de uma intervenção — concordou que isso era desagradável e, até, indispensável. Mas acentuou que não era de estranhar que um país subdesenvolvido fosse sub-administrado (risos).

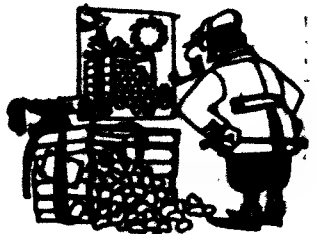
Manteve a sua tese de que podíamos e devíamos exportar, quer para países desenvolvidos, quer para países subdesenvolvidos. Para os primeiros, tínhamos a vantagem dos baixos

salários, e para os segundos a vantagem de uma melhor técnica. E defendeu a ideia de que era ao Estado que competia correr os riscos da montagem de indústrias novas e os riscos comerciais das exportações para os países subdesenvolvidos, que geralmente compram a crédito.

Da tese da Associação Comercial de Lisboa, apresentada de tarde, respigamos a seguinte afirmação:

«Quanto à participação do Ultramar português no comércio da exportação da Metrópole, a sua evolução futura muito depende do ritmo de desenvolvimento económico das províncias e da definitiva solução dos problemas de pagamento interterritoriais que têm obstado ao desenvolvimento normal das relações económicas no espaço português.»

**PARA BEM
EXPORTAR**
— Nunca servir
mercadoria inferior à amostra
enviada



EXPORTAÇÃO EM DEBATE

Na sessão inaugural do Colóquio «Ao Serviço da Exportação», o secretário de Estado do Comércio, dr. Xavier Pintado, afirmou:

«Nos últimos anos novas indústrias surgiram para a exportação ou adquiriram esta. Foram a pasta de papel, o concentrado de tomate, as conferções, a electrónica, para não falar em outras de menor representatividade ou de expansão menos espectacular como as máquinas e aparelhos eléctricos, os medicamentos, o cordame de sisal e o ferro e aço em obra. E, todavia, na nossa exportação continua a manter peso muito elevado meia dúzia de produtos tradicionais com um reduzido conteúdo tecnológico. Assistimos, sem dúvida, a um progresso, mas não ao progresso que desejariamos, e se torna necessário que realizemos: a transformação da estrutura da exportação que nos coloque ao abrigo da concorrência dos países de mão-de-obra barata, produtores de mercadorias de manufatura simples, em cuja gama de produtos se inclui ainda parte muito importante das nossas exportações.»

Disse ainda o secretário de Estado do Comércio:

«Há que definir critérios de prioridade em matéria de política de fomento industrial com vista à exportação, em que a participação do valor acrescentado em território nacional, o nível tecnológico da indústria, a proporção da respectiva produção que se orienta para os mercados externos e a contribuição por ela fornecida para o

desenvolvimento de outras indústrias constituam factores de ponderação muito elevada a considerar na concessão dos benefícios. E a concluir: «Venham as sugestões, precisas, positivas, orientadas por uma preocupação de eficiência. Escutaremos, estaremos atentos a tudo quanto constitua autêntico interesse nacional.»

Por sua vez, o ministro das Finanças e da Economia, dr. João Dias Ramos, acentuou:

«Estamos a abrir um novo Colóquio sobre a exportação nacional. E os meus votos são no sentido de que daqui saia a exacta consciência que a exportação ao da economia e do produto da Nação terá de ser o produto de uma política global do Governo e da actividade da sua Administração; mas terá de ser, do mesmo modo, também, o fruto do esforço diligente e competente dos empresários confiantes e receptivos àquela política, que eles próprios terão de ajudar a formular, com a informação que tragam, com a observação que suscitarem, e muito particularmente, com a colaboração que deem sua execução. Estão em causa aspectos fundamentais da nossa expansão económica. Teremos de tudo fazer, cor dedicação e com eficiência, para, ao serviço da exportação, levar por diante e bom ritmo essa expansão.»

DESLUSTRAGEM A SECO

Garantia absoluta, igualmente em limpeza a seco com acabamentos por alfinetes. Rua 15, nº 32422, Rua da Ponte, 154, 1.º (único no género).

Temperatura média próxima do normal da época (até ao dia 5)

Segundo o boletim para a agricultura editado pelo Serviço Meteorológico Nacional, o estado do tempo em Portugal continental, até 5 de Maio, deverá, na generalidade, ser influenciado por massas de ar transportadas na circulação do anticiclone dos Açores, que por vezes se estenderá até à Península Ibérica.

A antevista das condições meteorológicas médias no Continente até 5 de Maio é a seguinte: até 24 — céu muito nublado passando gradualmente a pouco nublado. Vento fraco. Períodos de chuva ou chuva fraca passando a regime de aguaceiros que irão diminuindo de frequência; de 25 a 30 de Abril: céu pouco nublado, com excepção das regiões de noroeste e eventualmente das regiões litorais do centro onde poderá haver períodos de céu muito nublado e

aguaceiros fracos. Vento fraco, por vezes moderado do quadrante sudoeste nas regiões litorais do Norte; de 1 a 5 de Maio: céu pouco nublado, com vezes muito nublado. Vento fraco, possibilidade de aguaceiros e trovoadas dispersas algumas locais, sobretudo nas regiões montanhosas da Beira; em todo o período: temperatura média do ar próxima dos valores normais na época.

CURIA
PALACE HOTEL
Abre até 31 de Outubro

Conta Universitária
BANCO DO ALENTEJO

por Mário Gabriel Bonito

ERVILHAS COM OVOS FAZ FAVOR

por Maria José Branquinho

Olhei o quadro que indicava os pratos diários. Os meus olhos deslizaram por todas aquelas palavras. Pensei o que gostaria de comer naquela altura. Não sabia, ou melhor nada em especial que me fizesse sair do supermercado habitual para qualquer restaurante vizinho. Não me apetecia engolir nada do que significavam aquelas letras brancas, mas também não havia outra coisa que desejasse. No entanto, teria que comer e lá estava o empregado olhando-me com um ar inquiridor, talvez pensando: «Estas meninas, julgam que nós estamos aqui sujeitos às suas meditações sobre aquilo que devem almoçar. Escolher uma «ervilha com ovos» ou «frango de caril» não é bem a mesma coisa que hesitar entre duas amostras de seda natural.» Tinha que decidir precisamente naquele momento. Frente ao olhar deste estava uma senhora idosa, que aguardava lugar, esperando que eu fizesse a minha refeição. E assim, entre o olhar revelador daquele homem e os gestos de impaciência da senhora de cabeça branca, eu disse, quase explosivamente: «Ervilhas com ovos, faz favor!»

O empregado levou os olhos ao da minha vizinha e, por pouco, como resultado daquela comunhão de pensamentos, patente nas suas expressões, não saiu da sua boca: «Enfim, resolveu-se». Essa, já não tinha a cabeça levantada,

os seus ouvidos já não estavam atentos, os ombros tinham voltado ao seu lugar. Por uns segundos podia descansar, quem agora tomava o tempo era o seu aliado (que me estava a servir), cuja idade estava-se aproximando da sua. Talvez por isso os seus pensamentos chegassem a ser paralelos em determinados momentos. Ou não, as circunstâncias decerto eram o motivo: a senhora queria comer, o empregado queria servir. Eu era o objecto. Tudo aquilo rodava à minha volta.

Diante de mim, sobre o guardanapo branco de papel, no prato, o verde das ervilhas reluzia, a gema cozida do ovo parecia querer saltar, como se estivesse comprimida no lugar que a natureza lhe concedeu. Até eles pareciam querer ordenar: «Comemos, estamos aqui para isso!» Sim, eles tinham tomado o partido daquele que dava agora uma volta à manivela da caixa registadora e da, talvez, sr.ª D. Berta, ou Sofia e, quem sabe, mesmo Angélica: teria que comer e o mais rapidamente possível. Aprovei-me disso e tive uma enorme vontade de os contrariar, a todos. Olhei-os: atrás do balcão, o homem, com um ar bochechoso, segurando um «ticket», parecia estar alheio à minha presença e daí, talvez já nem se recordasse do tempo que «aquela menina» tinha demorado a pedir um prato do dia. A sr.ª D.... mirava-se no pequeno espelho da sua caixa de pó-de-arroz, dourada, com umas pedras brilhantes (tinha que ter umas pedras brilhantes, ela era mesmo assim), a sua atenção parecia estar atraída pelas rugas, já tão vincadas, do seu rosto ainda com traços de uma beleza já longínqua. Não, era impossível que se apercebesse de quem estava na sua frente era eu. Por fim, e observando o último vértice do triângulo, mas... as ervilhas já não eram tão verdes, a gema parecia menos inchada, o seu conjunto tinha um aspecto vencido. Engoli tudo, num apice. Estava saborosíssimo!

Paguei, o senhor empregado deixou que eu visse os seus dentes pouco brancos, num sorriso demasiado aberto, pouco estético (como decerto diria a senhora que aguardava o meu lugar), na expectativa da respectiva gratificação. Peguei na mala, do quarto de volta para ficar na direcção do corredor que teria de andar até à porta de saída e, eis que encontro os olhos daquela que já há algum tempo esperava aquele momento: eram expressivos, quase radiantes, de tal modo que lhe sorri, sorriso que percorreu comigo o caminho até à porta de saída, mas que, subitamente, foi derrotado por duas leves rugas oblíquas ao nariz do meu rosto: Ouvia torrencialmente,

I

As noites que duram mais que um sono.

O frio que não é ausência de outro corpo.

A chuva que não são lágrimas de desespero.

Isso é o Inverno. Quando há sempre o momento seguinte. E a falta de horizonte porque o mau tempo nos arquela.

E o dever. Faça-se o que não se quer, só assim se triunfará (também naquilo que não se quer).

Mudar de sítio é como deslizar as pernas (sentado) para voltar a cruzá-las inversamente. A razão é a mesma: não adormecer os pés (com o formigueiro), nem a cabeça (com a dor de).

Olhar por cima do ombro, julgando que se conhece o sorriso dirigido, mas não corresponder, pelo receio de um compromisso.

Ouvir a melodia que se identifica mas esquece-la para muito mais tarde recordar.

Gastar o tempo com as pequenas coisas quotidianas, tornando-as as mais verdadeiras.

Sintetizar antes de adormecer, ou nem isso, pelo cansaço.

Afastar o desconforto, mesmo que não definitivamente.

Uma alegria profunda na plenitude de um momento. O pressuposto da participação: alguém.

Donde se concluiria: morrer numa altura sublime para não assistir ao esboçar do conseguido.

Como hipótese do momento citado: ter uma parede de espelho. Propor-lhe uma imagem diferente de nós e não a continuação do

quarto e dos objectos, demasiado conhecidos.

Nesse prolongamento está a criação. Possuir a necessária arte. A queda natural, como lhe chamam, ou o trabalho estudado.

Inventar os enquadramentos, distribuir as personagens. A escolha.

A movimentação. A velocidade de andamento. A eventual colisão. O regresso. O retomar, noutra perspectiva na consecução de outra ideia. Ou da mesma, com outras características.

A definição. Se possível, a definição. Mas ela é quase sempre irrealizável.

Seja uma tentativa. Fundamentalmente colher a experiência. A concretização.

Porque as palavras são abstractizadas pela tinta, desaparecem com elas o sentimento. A necessidade do interlocutor.

Final o espelho somos nós próprios. Com a agravante de não mostrar o relevo, de emancipar a perspectiva.

O que interessa é preencher o ambiente. Numa continuidade temporal.

Ala a mais inquietante criação.

Chamar as pessoas pelos nomes e gritá-lhes que venham. Para fundir o dia com a noite, sem que nenhum sentisse a falta do descanso.

II

A noite é importante. Com ela desaparece o mundo. E enquanto se olha o tecto existe a medida necessária de pensar nos outros. Também naquilo que somos ou representamos.

Não sei porque se minimiza tal ócio, se ele pode evocar os mais diversos frutos. Assim deixará de o

ser, só interiormente. Objectivamente regressamos à palavra, tal como se nada tivesse acontecido. A palavra encerra a ideia que todos os outros fazem porque não estão dentro de nós.

É por isso que muitos aproveitam a opção do monólogo e quase se realizam.

Cal-se imediatamente no universo teórico, tal ave na armadilha. Então, estamos negando os outros e nós próprios. Verdadeiramente um ócio.

As pétalas que não são folhas de um livro aberto. Alguém que nos quis falar com tinta, o que imediatamente nos segurou, sem necessidade de clausura.

Porque ler um livro não é uma obrigação, embora um dever de solidariedade. Sobretudo quando ele entra pela porta e se torna capaz de representar uma companhia subviva.

As vezes gostamos que alguém nos leia, ou de ler a alguém. Porque agarramos uma participação. Quando acontece, haverá sempre um abraço de despedida, um agradecimento quando se sai a porta, carregando as páginas, porque as pessoas não podem viver todas no mesmo quarto.

Lá fora está a chuva miudinha que já é suor de um exercício humano. E o vento que são vozes a conhecer.

Lá fora está o caminho que traçamos, a rua que é homem feito realidade, o asfalto que é negro de dia e branco à noite, donde a simbiose das cores, todo um espaço que se percorre sem olhar para os ponteiros,

A VIAGEM

por António Barbedo de Oliveira

lentamente nos iniciávamos nos segredos do corpo liberto das raízes efémero rio crescendo onde o rosto submerso trazia ainda o sabor dos frutos em outubro em íntima concha recolhíamos a luz de metal e o rito do ouro principiava dentro da noite os esqueletos tocavam-se em silêncio no tempo em que despedir-se não era morrer apenas o gesto de lançar uma ponte depois tudo confundíamos aves ventos nuvens barcos e no corpo o sangue rebentava em feridas de pus e carne podre já poucas palavras nos bastavam e se lutávamos era pelo pão e vinho ou pelos frutos que persistiam no inverno abandonávamos os abrigos e a neve curava as feridas as palavras recuperavam quase o vigor antigo e a cada gesto uma árvore ou um pássaro irrompia da terra caminhávamos pelas margens do largo rio e as mãos apertavam-se com o rio e novamente o silêncio doía no peito ou no obstinado canto atravessado na garganta então caminhávamos entre dedos de água nos lábios feridos da terra e a voz do húmus e das sementes com as raízes envolvia o corpo e do nosso ventre nasciam árvores mais fortes entretanto esquecia-me no tempo regressava ao tempo às margens onde acendia fogueiras e gravava nomes nas pedras e no esqueleto dos pássaros mortos no último incêndio junto ao rio deixava apenas a voz e os sinais que guiassem os homens que chegassem depois de mim

«LUZ FORTE» PEDRO RIBEIRO SIMÕES



LOUCO E CRIMINOSO, EU

por José Manuel Leão

Está um calor danado. Há mais ou menos um mês que entro aqui e já estou farto disto. A Dora vem visitar-me muitas vezes e hoje trouxe-me cigarros. Falámos durante meia hora e tive impressão que também ela julga que estou doido. Todos pensam e mesmo excepto os meus colegas, os doidos. Ontem um deles no meio duma gargalhada perguntou-me o nome. Disse-lho, ele achou que o nome tinha piada e soltou outra gargalhada ao mesmo tempo que me deu duas pancadinhas nas costas e afirmou que havíamos de ser bons amigos. Também o desejei e ele afastou-se.

O dia de hoje acordou sem sol. Foi também numa manhã destas que dois policiais me bateram à porta e me disseram que eu estava preso. Fiquei estupefacto mas julguei que não tinha percebido bem. Pedi-lhes que esperassem um pouco e fui lavar os dentes. Depois perguntaram-me se era preciso levar algumas roupas mas eles disseram que isso tinha tempo. Achei que tinham uma cara exageradamente dura e tive vontade de lhes dizer isto mesmo. Contudo

calei-me. Levaram-me então para a esquadra e disseram-me já que tinham todas as provas. Não percebi. Esclareceram-me depois que eu tinha morto um homem e que não me armasse em não-sol-quê. Precisavam só que eu confessasse o crime. Tive vontade de rir e comeci a ver que o caso era mais sério do que eu pensava. Afirmei então que não tinha morto nenhum. Olhei-os sem perceber nada e repeti que não tinha morto ninguém. Mas a seguir disse que se eles achavam que era importante eu dizer que tinha morto um homem eu não me importava nada e diria isso mesmo. Olharam uma para os outros e eu olhei-os também. Depois foi tudo muito rápido. Nos três dias que se seguiram um médico observou-me fez-me perguntas e disse-me que eu não tinha cara de assassino. Uma tarde pegaram-me num braço meteram-me num carro e trouxeram-me para aqui. Só dois dias depois soube que isto era uma casa de doidos ou, como eles lhe chamavam, hospital de deficientes qualquer coisa. Sempre era um nome mais

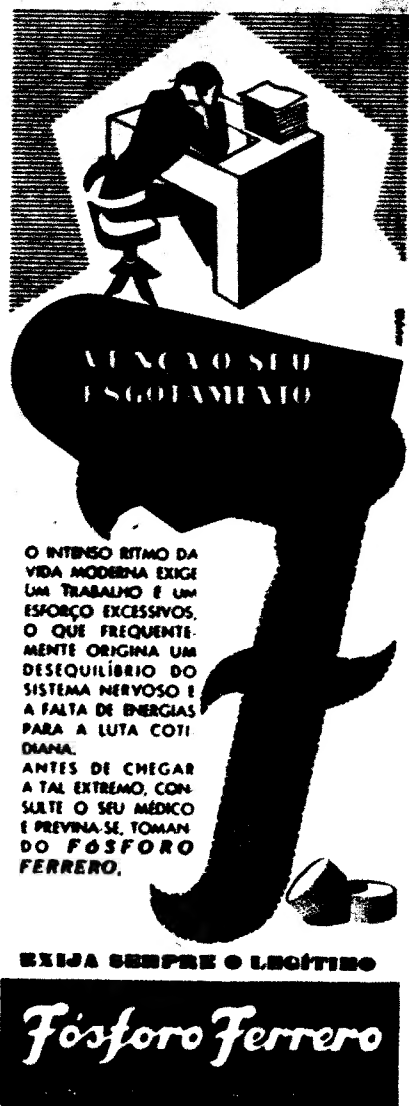
pomposo, mas nunca me dei ao trabalho de o fixar por completo.

Durante os três primeiros dias da minha estadia aqui os doidos olhavam-me com curiosidade e diziam em voz alta: «Olha mais um colega». Foi num dia desses que um doido me puxou para um canto e me disse: «Queres fugir daqui?». Disse-lhe que tanto se me dava fugir ou não. Afirmou-me, então, que eu tinha cara de esperto e que se eu quisesse podíamos disparar-nos de elefantes. Disse-lhe que estava bem, achava a ideia genial, que quando arranjassem as máquinas viesse falar comigo.

O sol já se pôs e está a nascer mais uma noite. Daqui a pouco levanto-me desta horrível cama e vou sentar-me em frente das grades da janela. As noites são sempre os melhores momentos da minha permanência aqui. Quando as olho revivo sempre os meus encontros com o João à mesa do café, na esplanada. Deixávamos que a brisa entrasse pelas nossas camisas desabotoadas enquanto discutíamos Berkeley ou William James. Era bom deixar que o fresco da noite pingasse sobre

as nossas cabeças levando o calor todo dum dia esquentante. Revivo também os meus passeios com a Dora, pela praia, deixando marcas exageradas na areia, enquanto as luzes brancas da cidade nos batiam nos rostos.

A Dora visitou-me hoje de novo. Trouxe-me tabaco e chocolate. Disse-me que eu sairia qualquer dia daqui, mas disse também que na cidade as pessoas afirmavam que eu era um criminoso. Tive pena dela. Quis afirmar-lhe que não matara ninguém e tão-pouco estava doido. Contudo não disse nada. Olhei-a e não soube o que fazer, se fumar um cigarro se lhe dar um bocado de chocolate. Eu próprio não tinha já a certeza de nada. Via-me entre homens que me pareciam disparecidos. Via-me num quarto de dois metros quadrados que tresandava a bafio, deitado todo o dia ou olhando o céu todas as noites. Que espécie de homem era eu que não conseguia gritar que estava inocente e provar que não era doido? Apeteceu esmurrar-me a mim mesmo e foi então que pensei que talvez fosse doido.



VENCER O SEU ESCOLAMENTO

O INTENSO RITMO DA VIDA MODERNA EXIGE UM TRABALHO E UM ESPORTE EXCESSIVOS. O QUE FREQUENTEMENTE ORIGINA UM DESEQUILÍBRIO DO SISTEMA NERVOUSO E A FALTA DE ENERGIA PARA A LUTA COTIDIANA.

ANTES DE CHEGAR A TAL EXTREMO, CONSULTE O SEU MÉDICO E PREVINA-SE TOMANDO O FÓSFORO FERRERO.

EXIJA SEMPRE O LOGÓTIPO

Fósforo Ferrero

A NOSSA CONVERSA COM JOSÉ AGOSTINHO BAPTISTA

por Gilberto Sancho

Os jovens escrevem. Publicam-se aqueles trabalhos que apresentam certa qualidade literária. Mas quem são esses jovens? Que pensam? Que coisas têm para dizer?

Raras são as oportunidades que se oferecem para que eles falem. E sem falar ninguém se entende. Ninguém se entende, também, quando a liberdade de expressão é privilégio de alguns.

Como a liberdade é de todos e para todos, vamos tentar dialogar. Esse diálogo que se apregoa em nossos dias por todo o lado, a cada instante. Nem sempre é fácil o diálogo, mas temos os bastantes exemplos. Exemplos casuais, nomes distintos, polemizantes que sempre acordam os apetitosos «diálogos» entre a «noiva familiar», o «em casa». A juventude não convém facilitar a necessidade adulta de dialogar, pois aos chefes compete a responsabilidade. E nós, como jovens, vamos tentar desobedecer à regra e estabelecer diálogo para experimentarmos as consequências (tão habituados que estamos às sequências).

Vamos conversar com José Agostinho Baptista, um jovem que se vem assinalando em nossa literatura juvenil.

Têm sido publicados vários textos seus neste JUVENIL; já se polemizou sobre a muita ou pouca qua-

lidade artística desses trabalhos, e, apesar de tudo isso, continuam a ser publicados mais trabalhos seus, o que se torna significativo e exemplificativo para certa gente (referimo-nos aos ainda cépticos). A nossa conversa com J. A. B. consideramos-a útil em muitos aspectos, utilidade essa que ao leitor compete negar ou confirmar.

P. — Qual a tua opinião sobre a juventude portuguesa?

J. A. B. — Apesar dos atavismos aos quais a maior parte da juventude portuguesa se subordina, nota-se uma procura consciente de actualidade e informação, de cultura e enriquecimento espiritual.

P. — Consideras que as publicações juvenis em nosso País promovem uma educação cultural da nossa juventude?

J. A. B. — Penso que não. E não, na medida em que as criações juvenis resultam, antes do mais, da exteriorização de um estado de espírito naturalmente subjectivo e individualista. Isso verifica-se facilmente pela ausência (relativa) de artigos, ensaios, estudos, reportagens, etc., e pela percentagem de textos ficcionistas — sejam em poema, sejam em prosa — que é significativamente elevada.

P. — Que medidas propões para que sejam aten-

tidas as lacunas existentes em nossa literatura juvenil, nomeadamente para a criação de maior número de publicações?

J. A. B. — Como premisa primordial coloco a necessidade de uma crítica suficiente e eficaz. A elaboração de concursos e atractivos semelhantes, também se me afigura útil. Outra medida que considero importante é a criação de mais páginas juvenis, ou, até, indo mais longe, a criação de revistas juvenis, onde os jovens colaborassem inteiramente.

P. — O conto e a poesia funcionam, quase exclusivamente, como base de nossas publicações juvenis. Em tua opinião, será correcta esta orientação?

J. A. B. — A essa pergunta aplica-se a resposta referente à segunda pergunta.

P. — Qual a tua opinião sobre o JUVENIL do «Diário de Lisboa»? Costuma-se dizer que a crítica é a base do progresso. Neste âmbito, que pensas sobre a secção «Crítica aos trabalhos recebidos», do mesmo JUVENIL?

J. A. B. — O JUVENIL do «Diário de Lisboa», apesar de uma ou de outra deficiência natural, é uma obra notável por aquilo que representa: a oportunidade quase única que se concede aos jovens com inclinações literário-artísticas.

A «Crítica aos trabalhos recebidos» de crítica tem

muito pouco, por razões de espaço, aposto eu. E, acima de tudo, «Recepção» acusada e pouco mais.

P. — Dos autores portugueses que conheces, qual o que te impressionou mais? Que motivos te levaram a conceder-lhe importância?

J. A. B. — Vergílio Ferreira. Motivos? Uma observação profunda dos seres, das coisas e das situações que as envolvem. Uma análise psicológica plena de conhecimento e atenção. Um estilo que me agrada pela sua força narrativa e estética.

P. — Para ti, receber influências, adquirir papel formativo no sector artístico?

J. A. B. — Apenas se, das influências recebidas, se souber tirar partido legítimo, isto é, manter uma personalidade própria e distinta, que, apesar de influenciada, não degenera. Pelo contrário, pretendo imitar alguém, é, para mim, algo de vil e desonesto.

P. — O teu estilo lembra-nos, por vezes, Almeida Faria. Tratar-se-á de influência ou de simples preferência estilística?

J. A. B. — Tratar-se-á, antes, de uma tendência remota e primitiva, de uma preferência estilística. Um pouco de tudo isso e talvez mais...

P. — Ao adoptar tal estilo, apresentas um tipo

de linguagem onde se torna difícil distinguir entre poesia e prosa. Sob o ponto de vista literário, consideras válido tal tipo de linguagem?

J. A. B. — Absolutamente. Conseguir uma linguagem mista — prosaica e poética — revela-se-me de todo o interesse e validade. Isso permite-me dizer coisas que apenas em poema não poderia dizer, e dizer outras que apenas em prosa não conseguiriam o sentido, que, acima de tudo, procuro imprimir aquilo que escrevo — o SENTIDO ESTÉTICO.

P. — Em muitos dos teus trabalhos a fuga ao quotidiano é quase permanente, enquanto que o «primário» como base do verdadeiro viver humano adquire especial importância. Que razões te levam a adoptar tal orientação criativa?

J. A. B. — Para quem vive numa sociedade como aquela em que eu vivo, a fuga deverá ser um desejo premente, agudo, constante. A fuga ao quotidiano, pois o quotidiano é feito de convencionalismos, preconceitos, interesses mesquinhos, falsos valores. Além disso, eu procuro descobrir e revelar, um mundo que considero rico de sugestões e coisas boas. Não será um mundo «primário» na sua cronologia, porque esse mundo ainda hoje é possível. Basta que todos procuremos a sim-

plicidade de sermos verdadeiros e justos. E esse mundo aí estará, natural e incorrupto, com liberdade, fraternidade e amor. O que tento fazer é uma crítica construtiva ao quotidiano, ao mostrar por contraste um mundo melhor. Considero isto mais útil, do que revelar apenas a face suja de todos os dias, sem criar e apontar uma face limpa que possibilite uma mudança e uma opção.

P. — Quando te propões escrever um conto, pensas antecipadamente naquilo que vais fazer, ou segues apenas uma situação psicológica do momento?

J. A. B. — Os meus textos surgem a partir de uma situação psicológica do momento, mas que, depois de certa altura, começa a ganhar um significado racional, que conduz a um contexto lógico, resultante de uma situação que permanece em mim em estado latente.

P. — Ao escreveres, preocupas-te com aqueles para quem escreves?

J. A. B. — Pois sim. De contrário, tudo aquilo que criasse seria unicamente para consumo próprio. E isso não me interessa.

P. — Como encaras as críticas que fazem aos teus trabalhos?

J. A. B. — Aceito-as, se forem construtivas e com fundamento. Como censura, repudio-as.

APONTAMENTO

por Ana

Como ao passar numa livraria, entrar, olhar à volta e seguir a seta que indica Literatura Infantil ou Livros Estrangeiros.

Como comprar um livro de histórias (ou outro) numa língua desconhecida ou mal conhecida—sueco, holandês, árabe ou grego—para que durante meses, seja um livro indesejável; colocá-lo em lugar bem visível. Foihear de vez em quando, tentar adivinhar de que se trata (pelos desenhos). Ler em voz alta (com erros, claro) umas linhas e pensar: pode ser isto, mas talvez não.

Como ao aprender grego ou russo ou hebraico ou, árabe, perdendo minutos incalculáveis lendo correctamente palavras cheias de possíveis significados («Sin-

to dentro de mim reservas de palavras que amadurecem»). Uma certa embriaguez de som. E ao mesmo tempo que correctamente se lêem em voz alta linhas e linhas da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita, poder pensar. As pessoas que falam essa língua e para quem cada palavra tem um sentido gasto ou novo. Cada palavra é ponderada

Como noutro país comprar um disco cantado na língua indecifrável e pela música adivinhar ou não. Uma vez, um disco que nem é cantado—poesia na língua estranha, ou uma peça de teatro—se for uma peça clássica (a língua que ali já foi falada), mesmo que conheçamos um pouco a língua, ser-nos-á

difícil de entender palavras que as anónimas vozes entre si lançam.

Como guardar para os momentos casuais um antigo mapa de legendas árabes e pensar: aqui (um ponto negro) fica uma cidade (tantos mil habitantes), ali um lago (água salgada), ali uma montanha (neve perpétua). Cada um de tantos mil habitantes tem uma história, amigos e família (talvez), mas seguramente uma história. Uma história em árabe ou outra qualquer língua desconhecida e são tantos mil (na cidade) que falam a mesma língua. Entre elas, algum irá seguramente guardando para os seus casuais momentos um livro, um disco, um mapa legendado numa sua indecifrável língua.

PARA OS MEUS AMIGOS DE MÃOS DADAS

por Vítor Oliveira Jorge

escrevendo um poema percebi que era para denis cintra amigo. e foi como encontrá-lo numa manhã de lisboa inesperadamente. e inesperadamente encontrar-me a boiar com ele numa bica redonda. então eu disse a única maneira de ser amigo de alguém é matá-lo. disse ainda a única maneira de fazer um poema é não querer dizer nada: deixa-me pois dizer amigo, convidá-los a beber connosco, se tanto lhes merecermos. o que importa é que entrem, que o mesmo calor nos envolva. é de então a espantosa ressurreição: vem o zé com bach, o velho castanheira que escreve sempre contos novos junto com a livida estação de caminhos-de-ferro, o luis funcional, o silencioso tito: peronagens da fábula célebre que se esboça, e é impressionante como não temos uma foto junto. um de nós fala sempre de uma foto solene e convencional como o que ainda falta fazer. mas a foto cresce, apesar da solidão incontestável: é já o denis, é o miguel, é o luis manuel e entretanto todos bebemos e qualquer de nós pode falar com alguma grandeza, pelo menos com alguma tranquilidade.

REGULAMENTO DO CONCURSO FÓSFORO FERRERO

1. — FÓSFORO FERREIRO organiza, com o patrocínio do «Diário de Lisboa-Juvenil», um concurso denominado «Concurso de Letras e Artes» a iniciar em 13 de Maio e com encerramento a 1 de Julho do corrente ano.

2. — O concurso fica aberto a todos os jovens de ambos os sexos até ao limite de vinte e um anos de idade que não tenham qualquer livro publicado.

3. — São abrangidas as seguintes modalidades:

Reportagem ou ensaio.
Conto.
Poesia.
Fotografia.
Desenho, Pintura ou Escultura.

4. — As reportagens poderão fazer-se acompanhar de fotografias, e que constituirá elemento valorativo.

5. — Os originais deverão ser inéditos, nunca publicados antes, total ou parcialmente.

6. — Não se impõem normas relativas à extensão dos originais, sendo certo, porém, que mais se interessa a qualidade que a quantidade. O conteúdo das produções dos nossos concorrentes não aconselhará os limites, a que devam atender tomando em linha de conta as possibilidades de espaço do nosso «Juvenil».

7. — As obras para a Reportagem ou Ensaio, serão avaliadas

tida a continuação num «Juvenil» seguinte.

7. — As fotografias devem ser em papel brilhante, sem margens, formato 15x24.

8. — Os originais destinados ao concurso devem estar em nosso poder até sábado de cada semana.

9. — Não haverá devoluções.

10. — Os originais podem ser dactilografados. Considerando, porém, a dificuldade que a cópia à máquina suscita, aceitar-se-ão os originais manuscritos.

Neste caso, só duas normas há a considerar:

1. — A letra deve ser bem legível;
2. — Os autores devem fiar com uma cópia em seu poder.

11. — A cada original premiado será atribuída a importância de quinhentos escudos. Isto significa que, durante as oito semanas do concurso, FÓSFORO FERREIRO entregará em prémio a importância de vinte mil escudos.

12. — Os originais podem ser assinados com o nome do concorrente ou, se assim o preferirem, com um pseudónimo. Mas ainda neste caso a identificação é obrigatória.

13. — Da identificação constará:

- a) Nome completo.
- b) Idade.

c) Profissão.

d) Morada.

e) Número de telefone.

f) se o tiver.

g) Retrato tipo passe ou qualquer outro, para efeito de publicação, em caso de prémio.

14. — Os originais recebidos e que não tenham sido premiados, ficarão em poder do «Juvenil», que poderá distingui-los com a publicação.

15. — Todos os originais deverão ser enviados a partir de hoje com o seguinte endereço:

«CONCURSO FÓSFORO FERREIRO» — «Diário de Lisboa-Juvenil» — Rua Luz Soriano, 44 — Lisboa-2.

16. — Os casos omissos serão resolvidos pelo redator-orientador do «Juvenil» tendo em atenção a valorização do concurso, e interesse do Suplemento e a justiça devida aos concorrentes.

Cada concorrente pode enviar um número ilimitado de produções, numa ou várias modalidades. Mas a cada qual em seu sobre-crito.

Os concorrentes só poderão ser premiados uma vez em cada modalidade.

Basta enviar uma vez os elementos de identificação. Os retratos devem trazer no verso o nome do concorrente para evitar extraplicação ou confusão.

«PREGÃO»

PEDRO RIBEIRO SIMÕES



OS «HABITUÉS» ESSES DESCONHECIDOS

por Maria Armada

Tenho sempre frio quando deslizo a cabeça abaixo, às oito horas, ao encontro do autocarro. A paragem é desabrigada, ventosa, molhada com a sua regular chuvinha.

Os «habitués» de estabelecimentos comerciais e de entretenimento, os «habitués» de determinados restaurantes e «boites» e o lote especial dos «habitués» das paragens: o senhor do fato acentuadamente coçado; o senhor do fato ostensivamente exiguo; o senhor da lancheteira (geralmente castanha); o senhor muito engomado e lustroso, mas que só traz trocos num porta-moedas meio-esburacado; e o senhor tímido e cabalado, que desce em frente de qualquer repartição com um «domestique» de folhas amarradas debaixo do braço. No correspondente feminino temos a senhora a na fada e tagarela das compras na praça; a senhora de grande cesta numa mão e filhos na outra, carregando um casaco pingado; a senhora de melancolia, indicando uma bonança perdida; e a senhora-menina — eu, por exemplo — delineada segundo os moldes de uma qualquer sr.^a D. Celeste. A sr.^a D. Celeste é a gerente da «boutique» onde trabalho, e lo-

go no primeiro dia me chamou e acentuou: que a empregada é o primeiro espelho da casa, e sendo aquela uma das escolhidas pela alta sociedade — na sua voz havia um imenso orgulho e distância desde o momento em que entrava — bria os lábios para pronunciar até ao ponto em que os arredondava no — de — eu me devia mostrar «à altura». Cara sempre cuidada, unhas sempre impecáveis, sobretudo sem peles — e revirava os olhos cheios de «rimmel» e tinta.

Eu dizia que sim, havia de fazer tudo, visto aquele emprego ser-me precioso para continuar a estudar. Estuda? — e o meu coração galopou de alegria por ter despertado o interesse da sr.^a D. Celeste. A minha resposta já se preparava para brotar, triunfante e feliz, quando a sr.^a D. Celeste a cortou aos pedacinhos num desinteresse — não importa!

E os metros de tecido começaram a rolar, a rolar no balcão lizo e lustroso, sob as minhas mãos inexperientes e agradadas. Cada dia as cores falcam, ondulam, gesticulam, apertam no desdobrar e correr contínuo dos «chiffons», dos «damés», dos «Jacquards». O tecto verte con-

tinuamente uma luz avermelhada e calma, que acaricia suavemente faces bonitas como a de Mademoiselle Raquel, avulhenta extraordinariamente a figura seca de Madame Rocha e dá um toque de magia e sonho ao vestuário exposto, às jóias falsas das vitrinas douradas, à mobília de bom gosto escolhida pela sr.^a D. Celeste.

Em toda a sala a sua presença paira submissa e atenciosa para com as suas distintas clientes enquanto a sua voz adocicada aconselha risonhamente: o tom «aubergine», Madame, fica-lhe soberanamente; «Madame» — só se lhe pode dirigir assim — caminha para o amplo espelho, põe o tecido na sua frente, olha-se longamente numa posição, noutra, de frente, de lado. A sr.^a D. Celeste continua a murmurar, a persuadir, a adular, a querer vender juventude uma, outra e outra vez...

E a ciclar, a dissimular se chega às sete da tarde: é necessário arrumar os cortes e pela última vez afagamos as «musselines», os «crêpes», os «organdies». Há uma invasão de tons que nos atulham os olhos e os deixam esfomeados e sófregos, desiludidos e penalizados.

Muda-se o fato, deixa-se o uniforme cuidadosamente dobrado, diz-se um adeus de circunstância à sr.^a D. Celeste e parte-se.

E então as ruas, as pessoas, as casas inundam, sacodem e atordoam a minha mente com a sua realidade gritante, toda feita de ruído, de encontros, de gargalhadas.

Preciso achar um porto de segurança já, depressa, em seguida e corro zigzagando no feixe de calças e vestidos até a placa branca e verde da paragem se tornar visível. Subitamente sinto subir em mim um sentimento de reencontro, de reidentificação, de esperança. Elas lá estão, os «habitués» das paragens, em bicha, ignorando-se pretensamente, viajantes sempre iguais, de sonhos estreitos comuns, com o objectivo único de, tal como eu, chegar a casa e amanhã alinhar de novo, esperar de novo, recomeçar de novo.

Só que eu noto — e quem sabe se eles também? — que algo de falso me acontece, me deixa perdida e vencida, um pesadelo-realidade certo com um horário fixo e inalterável num pedaço de vidro tingido de preto: ABERTO DAS 9 AS 13 e DAS 15 AS 19.

O PRIMEIRO PORQUÊ

por Maria Natália

Porque queres fazer de mim apenas um verso?
um verso que queres inserir na quadra da tua vida
(o verso que falta para a fazeres rimar)
porque doce mãe?

Escuta:
Eu sei que não compreendes versos que não rimam
sei que não compreendes que eu não queira ser o verso dessa quadra que é só tua e que não posso completar (lamento doce mãe)

mas eu quero ser eu, exterior a ti
tenho uma vida que quero viver
não quero completar quadras
nem vou ser um verso
quero ser poema
quero ser eu.

Lamento doce mãe
não queria ver-te chorar
mas o poema que quero ser é completo e inteiro
feito de tudo
até das tuas lágrimas, mãe
que não compreendes versos que não rimam.

Perdoa doce mãe
mas tenho de ser eu
exterior a ti.

ARQUITECTURA

por Félix Borges

linhas ao mar adivinhadas em memórias antigas

sobre as areias aprendem a sábia presença das mãos

verticais se erguem ao silêncio das distâncias

ternura é o volume no rigor dos contornos

construção líquida

DILEMA

por Carlos Pinto

a palavra que ficara no distraído de um cabelo enrolado permitia olhar de novo a rua e perder-me no labirinto dos lábios na vila já hesitante só em vago medo de viver ou de repetir a rua semi-fechada

A PROPÓSITO DE AUTOMÓVEIS

por R. Henrique de Vasconcelos

1
Ontem adormeci com esta frase nos olhos: é preciso escrever nos passeios que os automóveis trazem morte. Talvez assim as flores possam dormir descansadas, e os meninos brinquem ao longo das avenidas. Afizem-se avisos em cada esquina a informar que no noutro lado pode estar o vazio. É preciso que todos aprendam a ler, para entenderem as gotas de sangue nos troncos das árvores.

2
Um automóvel é um bicho de crinas ao vento, desfolhando os malmequeres do destino: bem me quer, mal me quer... Mas isso era se houvesse destino. Eu não acredito que haja, portanto tomem cuidado.

3
Notícia dos jornais: «Um grupo de crianças declarou numa conferência de imprensa, realizada ontem, que deixará de sair à rua.

SEXTA-FEIRA 13

(à Dolores)

por Jorge Lima Alves

Nessa tarde, sentia o calor como se sente um sobretudo: pesava e incomodava. Ainda por cima esta espécie de cobertura não se pode pendurar no cabide quando muito bem nos apetece. Temo de aguentá-lo. Era o que eu tentava fazer desabotoando a camisa, bebendo água, abanando-me com o caderno, etc.... Isto não é novo.

Porque tinha ido para o café para escrever, lancei-me numa panorâmica pela sala, tentando o motivo.

A fauna era a habitual aquela era e daquele género de café: Mulheres à brava e uma ou outra orfandinha. Típica sem interesse, em suma. Sobre o criado, o velho Vidal, já eu estava farto de escrever.

Nos meus arquivos interiores apenas desorientava-me de mais os três assuntos, mas tão enovados que não tentei o aprofundamento. Ainda por cima, vouca enfim, e o calor não ajuda nada, a não ser à indolência.

Já estava mesmo desanimada, a pensar em dar o salto, quando ela apareceu.

Ela, era uma moça gira. Dabulos muito curtos, de minicola, com um andar na moda.

De especial, só tinha e ser uma rapariga nova e bonita, no meio daquelas máscaras muito quietas de gente sem vida.

Ainda esperai que ela se fosse sentar numa mesa ocupada, pela mão ou pela avó, mas não. Sôzinha.

Antes que eu me resolvesse a amaldiçoá-la, ela olhou-me... e deixou-se estar. Senti que a porcaria de sobretudo pesava ainda mais, como se, lhe tivessem posto em cada botão, um montão de tralha. Remexi-me na cadeira esquecendo-me de registar os sentimentos. E' que estava em conflito e que, deve dizer, é raro.

Quando conseguir recuperar o domínio — quase certo no notar e ridículo do conflito — notei que o seu olhar era daquelas a que só me habituara no cinema. Quero dizer, sorridente.

Acordando assim a primeira vista... repete-se a ver...

Pensei que estava equívoco, que interpretava mal aquilo... Por pouco tempo.

Com a expressão mais apaziguada que fui capaz, tentei o sorriso. Um sorriso desculpado...

Ela sorriu também e só não desatou aos dentes, porque estava.